

Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 48(2):37-93, 2017

www.mz.usp.br/publicacoes

www.revistas.usp.br/azmz

ISSN impresso: 0066-7870

ISSN on-line: 2176-7793

NOMES POPULARES CONFERIDOS À *PANTHERA ONCA* (LINNAEUS, 1758) (MAMMALIA, CARNIVORA, FELIDAE) NO BRASIL

NELSON PAPAVERO^{1,2}

ABSTRACT

Pero Lopes de Souza, in 1531, was the first to give to the Panthera onca of Brazil the name onça, a designation until then conferred to the Old World leopard (Panthera pardus (Linnaeus, 1758)), a very similar species. Since that time, lusophone and foreign authors coined 92 basic names for Panthera onca. Taking into consideration the variations, wrong transcriptions and alterations of those names, as will be seen in the text, 352 names have been applied to that animal, viz.: acanga-uasú, acanguçu, acanguçu, acanguassú, acangussu, acangussú, acangusú, acanjarana, acanjaruna, acuty-yauá-reté, agoára, aguar, akanguçu, akangu'su, a'kaŋu'su, angue, anguncê-cuatá, awara, camisa-de-chita, camisa-pintada, cangassú, cangosú, canguaçú, canguçu, canguçu, canguçu, canguçu, canguçu, canguçu-de-malha-larga, canguçu-de-malha-miúda, canguçu-dos-cerrados, canguçu-preto, canguçu-preto, canguçuzinho-do-campo, cangussu, cangussú, cangussu-açu, cangussu-de-malha-larga, cangussú-de-malha-larga, cangussú-de-malha-meuda, cangussú-dos-cerrados, cangussusinho-do-campo, cangusu, cangusú, caúba, congaçu, gato-preto, iagoáretê, iagoarucu, iaguá, iaguar, iaguara, iaguará, iaguareta, iaguarete, iaguaretê, iaguaretê, iaguarucu, iaguarucu, iagvara, iagvára, ianouara, ianouãre, iã-ou-are, ian-ou-are, ianovare, iarnare, iarnare-este, iauára-eté, iauaraúna, iauareté, iauáreté, iauareté-apára, iauareté-pinima, iauareté-pinima, iauareté-pixuna, iauareté-pixúna, iauareté-sororóca, iauarité, iauarité, iauarité-una, iauarúna, iabarúsu, jagar, jagára-eté, jagoar, jagoára, jagoáretê, jagoáretê-tê, jagoara-eté, jagoára-eté, jagoáratê, jagoarete, jagoaretê, jagoaretê-apyába, jagoaretê-cunhá, jagoaroçu, jagoaracucu, jaguá, jaguapara, jagua-para, jaguapará, jaguapára, jaguapinima, jaguapitanguçu, jaguapitanguçu, jaguapitangussu, jaguar, jaguár, jaguara, jaguára, jaguára, jaguaraacangaçu, jaguaracanguçu, jaguaracangoçu, jaguara-canguçu, jaguaracangussu, jaguaracangussú, jaguara-eté, jaguara-guaçu, jaguarat, jaguaraim, jaguarana, jaguarana-pixuna, jaguarapara, jaguara-para, jaguarapinima, jaguara-pinima, jaguára-pinima, jaguarapixuma, jaguara-sororóca, jaguara-tyryc, jaguaruana, jaguar-canguçu, jaguaré, jaguarete, jaguarète, jaguareté, jaguareté, jaguarétê, jaguarétê-apara, jaguarétê-apiaba, jaguarétê-cunhá, jaguarète'hũ, jaguarétê-hũ, jaguar-ete-hun, jaguar-étê-hun, jaguarétê-pacova-sororoca, jaguarétê-pinima, jaguarétê-pixuna, jaguarétê-pixuna, jaguarétê-pixuna, jaguarétê-sororoca, jaguarétê-taud, jaguarétê-una, jaguarité, jaguarucu, jaguarucu, jaguarucú, jaguaruna, jaguaruna-pixuna, jaguaruna-quariara, jaguaruna-quatiára, jaguarussu, jaguarusú, jaguasa, jaguatyrica, jagura, jagwá-r-a, jan-ou-are, jan-

¹ Universidade de São Paulo – USP, Museu de Zoologia. E-mail: pavotnel@gmail.com.

² Pesquisador Sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

ouare, janouvera, janovare, janu-ara, jaquara, jaquarete, jauá, jauaara, jauára, jauára-pinima, jauaraté-pixuna, jauárauna, jauáreté, jauareté-pacova-sororoca, jauarí-pixuna, jauárité, jauaríté-pinima, jauaríté-pixuna, jauaríté-tauá, jauárité-una, jauuara, jauauraité, jauaraitè, jauware, jeguaruna, juagara, juguara, leopardo, leopardus, macharrão, mão-torta, mingüê, mingüê-do-sengue, ñagôaru, ñagua, ñaguarichá, nigucié-do-senjo, omca, onca, onça, onça-baia, onça-cachorro, onça-canguçu, onça-canguçú, onça-cangussu, onça-cangussú, onça-de-malhas-grandes, onça-maçaroca, onça-malhada, onça-massaroca, onça-mestiça, onça-mistiça, onça-negra, onção, onca-pintada, onça-pintada, onça-pintada-canguçu, onça-pintada-canguçú, onça-pintada-de-malha-grande, onça-pintada-de-malha-pequena, onça-pintada-de-malhas-miudas, onça-pintada-de-malhas-miúdas, onca-pintata, onca-preta, onça-preta, onça-prêta, onça-preta-grande, onça-tigre, onça-vaca, onça-verdadeira, once, onsa, onses, onza, onza-pintada, onze, paca-sororóca, pacovasororoca, pacova-sororoca, pacova-sororóca, pacóva-sururoca-yauára, pacova-susuruoca, pacuá-sororoca, pacua-sororoca-yawarete, pantera, pantera-negra, panthera, panthéra, panthere, papa-úbere, piabucu, pintada, pintada-maior, pintada-menor, pintada-vermelha, pixuna, preta, prêta, pucooa-sururoca-yauara, sororoca, sororóca, tapirahiauára, tapirahi-auára, tapirajaguara, tigra, tigre, tigre-cabeçudo, tigre-canguçu, tigre-da-america, tigre-da-américa, tigre-do-bananal, tigre-negro, tigre-preto, tigre-sovado, tijger, tygre, unza, uriauara, uriauíara, uruiaóara, uruiaüara, uruiurára, urujaguara, urujaguarê, urujauara, urujauara, urú-yawarate, yagareté, yagoara, yagoua, yagiua-para, yagua, yaguá, yagúa, yagüá, yagüá-eté, yagüá-pará, yaguapitá, yaguapini, yaguara, yaguára, yâgúapytá, yâgúapytáti, yaguar, yaguara, yaguará, yaguara-canguçú, yaguarai, yaguarai, yaguarai, yaguarate, yaguarate, yaguareté, yaguarété, yâgüareté, yâgüareté, yaguar-eté, yâgüareté-hu, yâgüareté-negro, yaguaruçú, yaguarun, yaguaruna, yauaara, yauara, yauara-eté, yauara-sororoca, yauareté, yauar-ete, yaguar-eté, yauareté-pinima, yauaríté, yauaruna, yawa, yawa-pytá-ti, yáwara, yawaraeté, yawaraté, yawaraté-pinima, yawareté, yawareté-pinima, yawareté-pixuma, yawa-ru, yawaruna, yawarussu.

KEY-WORDS: *Panthera onca* (Linnaeus, 1758); Common names; Lusophone and foreign authors; 16th-21st centuries.

INTRODUÇÃO

A onça (*Panthera onca* (Linnaeus, 1758)) [= *Felis nigra* Erxleben, 1777; = *Felis panthera* Schreber, 1778; = *Felis jaguar* Link, 1795; = *Leopardus hermandesii* Gray, 1857; = *Felis jaguarate* Liais, 1872; = *Felis jaguapara* Liais, 1872; = *Felis jaguatyrica* Liais, 1872; = *Felis centralis* Mearns, 1901; = *Felis mexianae* Hagmann, 1908; = *Felis onssa* Ihering, 1911; = *Felis paraguensis* Hollister, 1914; = *Felis notialis* Hollister, 1914; = *Felis ramsayi* Miller, 1930] [vide Seymour, 1989: 1; mas não incluiu *Felis mexianae*] é o terceiro maior felino do mundo, após o tigre e o leão, e o maior do continente americano. Apesar da semelhança com o leopardo (*Panthera pardus*) é evolutivamente mais próxima ao leão (*Panthera leo*). Ocorre desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina [Figura 1], mas está extinta em diversas partes dessa região atualmente. Nos Estados Unidos, por exemplo, está extinta desde o início do século XX, mas possivelmente ainda ocorre no Arizona.

É interessante notar que no Mapamúndi de Sebastiano Caboto (1544) (Figuras 2 e 3) está representada uma onça na América do Norte; esta talvez seja a mais antiga representação gráfica desse felino americano.

Outra provável figura desse animal apareceu no livro de Hans Staden (1557) (Figura 4).

A onça é encontrada principalmente em ambientes de florestas tropicais, e geralmente não ocorre acima dos 1.200 m de altitude. Está fortemente associada à presença de água e é notável como um felino que gosta de nadar.

É um felino de porte grande, com peso variando de 56 a 92 kg, podendo ter até 158 kg, e comprimento variando de 1,12 a 1,85 m sem a cauda, que é relativamente curta. Assemelha-se ao leopardo fisicamente; diferencia-se dele, porém, pelo padrão de manchas na pele e pelo tamanho maior. Existem indivíduos totalmente pretos. Tem uma mordida excepcionalmente poderosa, mesmo em relação aos outros grandes felinos. Isso

permite que ela fure a casca dura de répteis como a tartaruga e de utilizar um método de matar incomum: ela morde diretamente através do crânio da presa entre os ouvidos, uma mordida fatal no cérebro.

É um animal crepuscular e solitário. É um importante predador e pode comer qualquer animal que seja capaz de capturar, desempenhando um papel na estabilização dos ecossistemas e na regulação das populações de espécies de presas. Porém, tem preferência por grandes herbívoros, podendo atacar o gado doméstico. Frequentemente convive com a onça-parda (*Puma concolor*), influenciando os hábitos e comportamento deste outro felino. Caça formando emboscadas. A área de vida pode ter mais de 100 km², com os machos tendo territórios englobando o de duas ou três fêmeas. A onça é capaz de rugir e usa esse tipo de vocalização em contextos de territorialidade. Alcança a maturidade sexual com cerca de 2 anos de idade, e as fêmeas dão à luz geralmente dois filhotes por vez, pesando entre 700 e 900 gramas. Em cativeiro, pode viver até 23 anos, mais do que em estado selvagem. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Panthera_onca].

A *Panthera onca* recebeu os seguintes nomes populares:



FIGURA 1: Distribuição geográfica de *Panthera onca*.

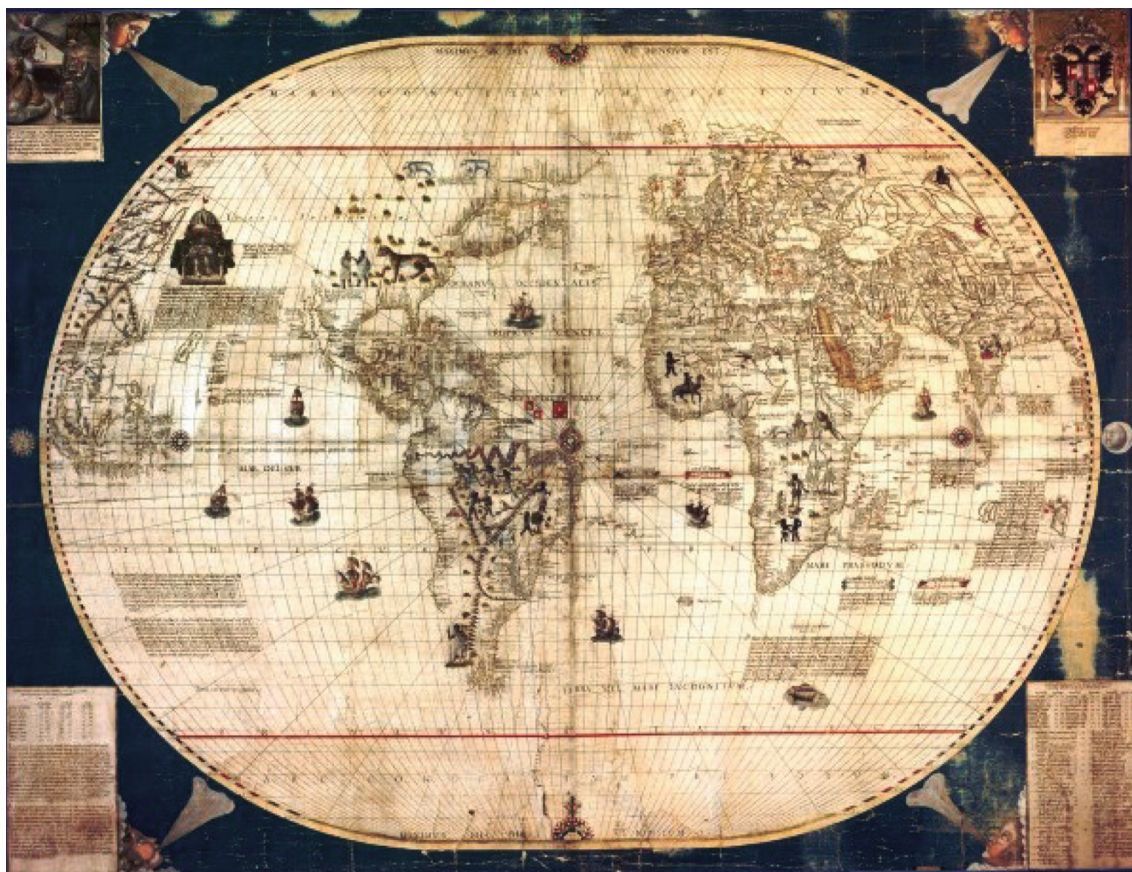


FIGURA 2: Mapamúndi de Sebastiano Caboto (1544).

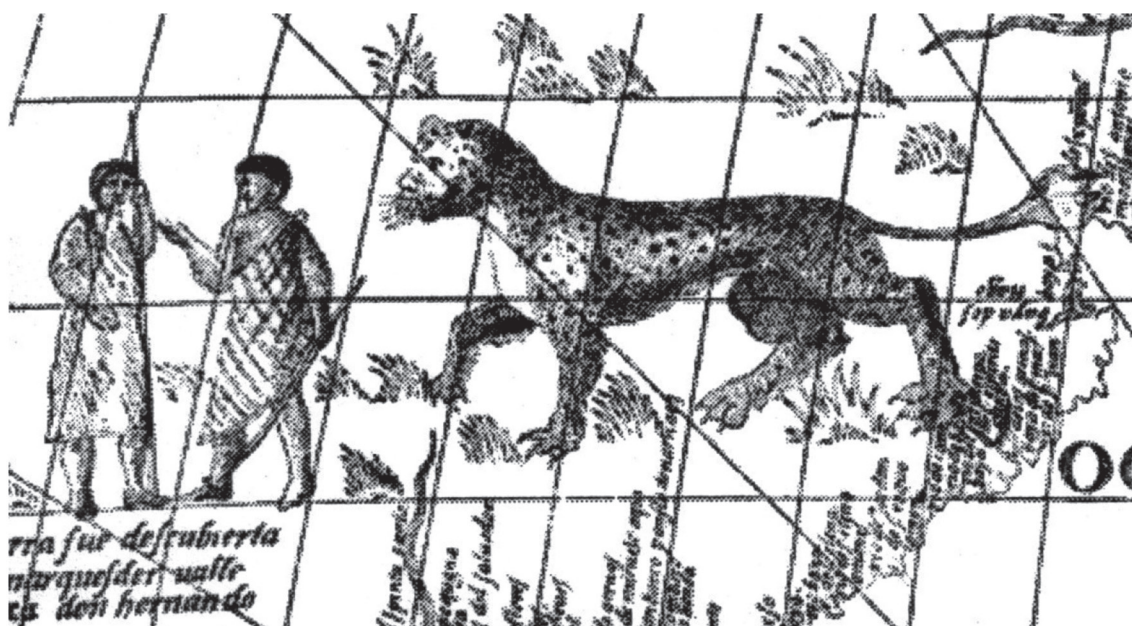


FIGURA 3: Detalhe da onça retratada no mapamúndi de Sebastiano Caboto (1544).

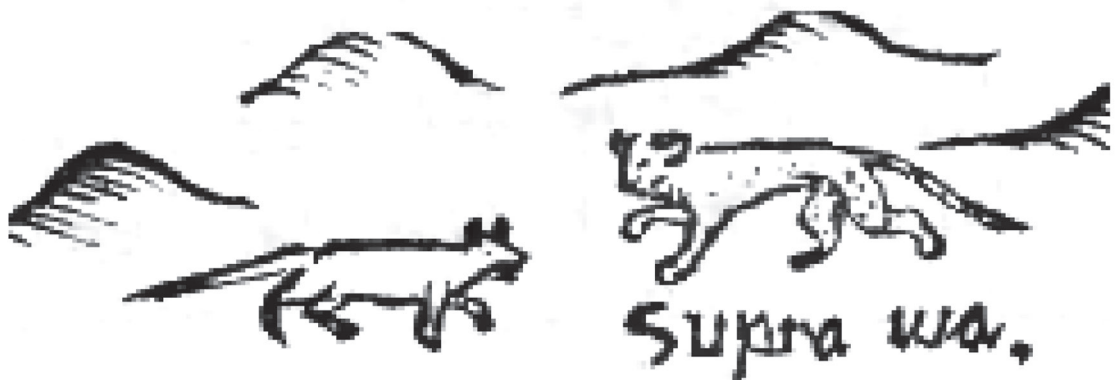
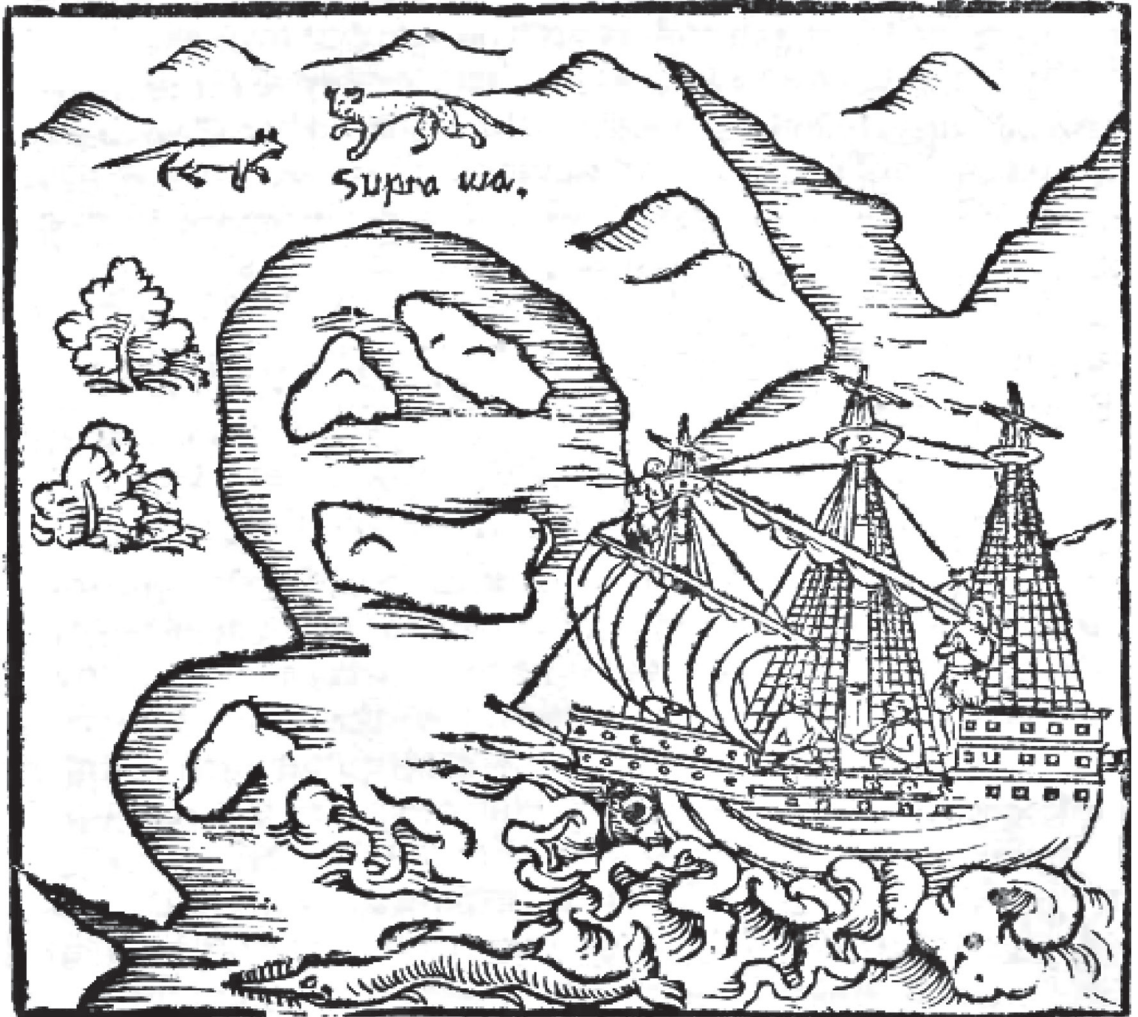


FIGURA 4: Provável representação de uma onça (à direita) e detalhe (Staden, 1557).

1. Acanguçu [Do tupi *akãgu'su*, 'cabeça grande']

- 1.1. *Acanguçuú*. Nogueira, 1880: 20 (“*Acanguçuú* – cabeça grande; nome de uma onça; cabeçudo”).
- 1.2. *Akanguçu*. Barbosa-Rodrigues, 1894a: 1 (“*Acanguçu* – onça”).
- 1.3. *Acanga-assú*. Dent, 1886: 350 (*Felis grisea*).
- 1.4. *Acanguçu*. Goeldi, 1893: 64.
- 1.5. *Acangussú*. Sampaio (T.), 1914: 197 (“*acangussú*. Corr. de *acanga-uçuú*, cabeça grande, cabeçudo; altera-se para *Cangussú*”).
- 1.6. *Acangusú*. Tastevin, 1923: 690 (“*acangusú*. cabeça grossa: appellido de uma variedade de onças, particularmente bravias”).
- 1.7. *Acanga-uasú*. Stradelli, 1926: 359 (sob *acangusú*).
- 1.8. *Acanguassú*. Boiteux, 1957: 88.
- 1.9. *A'kaŋu'su*. Rodrigues (A. D.), 1958: 13 (sob *acanguçu*; “T * a'kaŋu'su (a'kaŋ 'cabeça' + u'su 'aum.'”).
- 1.10. *Akangu'su*. Cunha (A. G. da), 1978: 93 (sob *canguçu*).
- 1.11. *Acangussu*. Tibiriçá, 1984: 50, 1989: 24.

2. *Acuty-yauá-retê* [jaguetê [cor de] cutia]

- 2.1. Dias, 1858: 14 (“*Acuty-yauá-retê* – onça de cutia”).

3. Anguê [or. africana, MG]

- 3.1. Machado Filho, 1943: 122 (“ANGUÊ, s. – *Onça. Anguê i cuartá ô orocogombe*, isto é, a onça pega o boi”); Oliveira (A. S. L. de), 2006: 16.

4. Anguncê-cuatá [or. africana, MG]

- 4.1. Gonçalves (E. D.), 1995: 2; Oliveira (A. S. L. de), 2006: 16.

5. Camisa-de-chita

- 5.1. Lenko, 1961-1962 (Designação dada por caçadores (MT) à *onça-pintada*).

6. Camisa-pintada

- 6.1. Lenko, 1961-1962 (Designação usada pelos caçadores (MT) para uma variedade da *onça-pintada*).

7. Canguçu [F. aferética de *acanguçu*].

- 7.1. *Cangu-sú*. Vasconcellos (D. P. de) [1806], 1902: 770 (“*Cangu-sú*: cria da Pintada com o Tigre”).
- 7.2. *Canguçuú*. Ayres de Casal, 1817 (I): 66.
- 7.3. *Cangussú*. Prazeres, [1819-1820] 1891: 168.
- 7.4. *Canguçu*. Henderson, 1821: 503.
- 7.5. *Canguçuú*. Faria, 1850: 90 (“*Canguçuú* – especie de onça do Brazil, que tem as malhas maiores que a onça propriamente dita”).
- 7.6. *Congaçu* [Erro por *canguçu*]. Pelzeln, 1883: 48.
- 7.7. *Cangusu*. Luccock, 1881: 3.
- 7.8. *Cangussu*. Magalhães, 1898: ii-iii.
- 7.9. *Cangucu*. Gonçalves, 1904: 36.
- 7.10. *Canguaçu*. Ihering (R. von), 1968: 196 (“O mesmo que ‘*onça-pintada*’; refere-se às formas menores, de cabeça mais grossa e cujo pêlo tem manchas maiores e mais numerosas”).

8. **Canguçu-açu**

8.1. *Cangussu-açu*. Freitas & Silva, 2005: 78, fig. V.

9. **Canguçu-de-malha-larga**

9.1. *Cangussu-de-malha-larga*. Silva (H.), [1913]: 132.

9.2. *Cangussú-de-malha-larga*. Silva (H.), [1913]: 132, 1921.

10. **Canguçu-de-malha-miúda**

10.1. *Cangussú-de-malha-meuda*. Silva (H.), [1913]: 132 (“especie pouco menor, maculas curtas e tambem negras: é o jaguara-pinima dos indigenas”), 1921.

11. **Canguçu-dos-cerrados**

11.1. *Cangussú-dos-cerrados*. Silva (H.), 1921.

11.2. *Canguçu-do-cerrado*. Bernardes, 1972: 139.

12. **Canguçu-preto**

12.1. *Canguçu-preto*. Paranaguá, 1905: 152.

13. **Canguçuzinho-do-campo**

13.1. *Cangussusinho-do-campo*. Silva (H.), [1913]: 137 (“uma especie que tambem nunca vimos mencionada na litteratura zoologica, mas que não resta duvida é ‘buona-especie’. O seu logar, na nossa classificacão seguida, devia ser logo abaixo da cangussu de malha meuda e imediatamente acima da jaguatirica... para nós é questãõ resolvida ser o cangussuzinho do campo especie distincta ou pelo menos variedade digna de se lhe estudar o parentesco. O seu habitat são os campos, cerrados e taboleiros cobertos do Brasil Central. A cauda curta e grossa, a cabeça espessa denunciam-lhe o parentesco com a onça cangussu, mas as suas dimensões anãs, pois é ainda menor do que a jaguatirica, a caracterizam bem como especie outra. As patas e pulsos são também grossos, ao contrario do que se nota naquella ultima especie”).

14. **Caúba [MG (or. africana)]**

14.1. Vogt & Fry, 1996: 296; Oliveira (A. S. L. de), 2006: 1632.

15. **Jaguar**

15.1. *Jauware*. Staden, 1557: Parte I, Cap. XLIII.

15.2. *Jaguara*. Valle (L. do, Pe.), [1585], in Ayrosa, 1938: 317; in Drumond, 1952 (II): 56 (sob *onça*, ou *tigre*); Anchieta, [1587] in Martins (M. de L. de P.), 1948: 60 (verso 764); Piso, [1658] 1957: 241.

15.3. *Jaguar*. Monteiro, [1610] 1949: 397.

15.4. *Jaguara*. Marcgrave, 1648: 235, fig. (*iaguara, onca* Lusit.) [Figura 1].

15.5. *Ian-ou-are*. Léry, [1578] 1880: 165, 1580: 143 (cf. Morisot, 1975).

15.6. *Iã-ou-are*. Léry, 1580: 143 (cf. Morisot, 1975).

15.7. *Jan-ou-are*. Léry [1580] in Lestringant, 1994: 2969.

15.8. *Ianouare*. Léry, 1594: 120.

15.9. *Ianouäre*. Claude d’Abbeville, 1614: fól. 251v (cap. xli) (‘Le *Ianouäre* qui est vne espece d’Once, grand comme dogues d’Angleterre, ayant la peau fort riche & toute marquetée. Ce sont des ani-

maux fort furieux & extremement redoutez des Indiens'), 1975: 201; Garcia, 1923: 37 ("De y (demonstrativo: o que, aquela que), a gente, *guára*, participio de *ú* comer: o que come gente. No quéchua *yaguar* significa sangue").

15.10. *Jaguara*. Anchieta, [1587] in Martins (M. de L. de P.), 1948: 36 (verso 291); Marcgrave, 1648: 235; Schmalkalden [Séc. XVII] in Joost, 1993: 64, 65 (fig., fól. 105); Ray (J.), 1693: 166, 169.

15.11. *Yagoara*. Araujo, 1618: fólio 30r.

15.12. *Ianovare*. Laet, 1633: 618.

15.13. *Iagvára*. Piso, 1658: 103, fig.

15.14. *Jaguára*. Schott, 1667: 1045; Lara e Ordonhes, 1812: 172; Martius, 1863: 457 ("*Jaguára* Felis Onza [sic]. *Onça pintada* vulgo"); Burton, 1869: 21 (nota †; "*Jaguára*. Corrupted Jaguar, Iagoar, and so forth, is properly 'Ja', we, us, and 'guara', an eater, a devourer (of us), and was applied by the

IAGVARA Brasiliensibus, nobis Tigris, Lusitanis *Onca*: Lupi magnitudine, quanquam &



majores híc reperiantur. Caput habet felino quodammodo simile, crassum; barbam quoque felinam & similes palpebras: aures breves, subrotundas fere ut felis: crura quoque felina imitantia, pedes largos, & in pedibus quinque digitos felinis similes, & in plano pedis cujusque eminentiam mollem seu callum, supraque adhuc rotundam eminentiam: in posterioribus quatuor digitos, & illam eminentiam majorem,

minori ibidem carent. Pedes anteriores sunt crassiores & latiores posterioribus. Singuli digiti unguam habent incurvata semilunarem, acutissimam, quas abscondit ut felis solent, & rapere aliquid volens, extendit. Dentes habet acutissimos: oculos caecos splendentes, qui noctu ipsis splendent instar ignis: caudam longam felinam. Tota pellis constat pilis flavescens, brevibus, per totum maculata maculis nigris variis eleganter dispositis. In junioribus pili longiores sunt, & paulum crispi instar lanæ ovillæ. Crudelissimum animal & hominibus juxta, ac bestiis infestissimum. Quando vorat prædam, caput immittit in ipsum cadaver continuo vorando, non partem aliquam abripit ut alia carnivora animalia solent. Noctu ingentem clamorem excitat *uuu* instar canis famelici. Titione vel sulfurato funiculo accenso vel alio quovis igne fugantur noctu.



IAGVARETE Brasiliensibus, *Onca* itidem Lusitanis. Tigris species alia; ejusdem cum Iaguara simpliciter dicta figuræ, juvenum annum magnitudine æquat. Pilos habet breves splendentes nigros cum umbra mixtos, & variegata est illius pellis maculis atris, figura varia ut in altera. Hoc animal adhuc crudelius est altero.

CYGVACVARANA Brasiliensibus, *Tigre* Lusitanis, alia est illius species. Magnitudine & figura plane convenit cum Iaguara, colore solummodo differt. Nimirum pilos habet breves ut Iaguarete, coloris instar capræ ex flavo

indigenes to all man-eating beasts”); Amorim, 1874: 63; Beaurepaire-Rohan, 1889: 77; Sawaya, 1942: LXXXIII; Martins (M. de L. de P.), 1948: 37, 61 (versos 291, 764), 106 (verso 205), 130 (nota), 136 (nota); Carvalho, 1969: 51.

15.15. *Ianouare*. Montanus, 1671: 396.

15.16. *Jaguara*. Ray (J.), 1693: 168 (“Georg. Marcgravius tres species Tigridum Brasiliensium describit, Prima *Jaguara* indigenis dicitur, Lusitanis *Onça*: Secunda *Jaguarete* Brasiliensibus, Lusitanis itidem *Onça*: Teria Cugua-*cuarana* Brasil. *Tigre* Lusitanis. Nomen Lusitanicum *Onça* cum *Ounce* Anglico conveniens, & macularum figura, prout depingitur, rotunda, ad Pantheras seu Pardos aut Lynces haec abimalia potiùs quàm ad Tigres referenda esse arguunt” (p. 166). “Pardus na Lynx Brasiliensis, *Jaguar adicta* Marcgrav. Lusitanis *Onza*. Nomen Lusitanicum *Onça*, & maculae nigrae hoc Animal Lyncem esse arguunt, magnitudo Lupi pardum. Capite barbâ palpebris, auribus, pedibus, digitis cum Fele convenit. Ungues semilunares, acutissimi: Oculo casesij, noctu instar ignis splendens. Cauda longa felina; quo à Lynce differt. Tota pelis constat pilis flavescens, brevibus in adultioribus, per totum maculata maclis Nigris variis, eleganter dispositis. Crudelissimus est Animal, & hominibus juxta ac bestiis infestissimum, Igne noctu fugatur”).

15.17. *Janovare*. Seba, 1735: 50, pl. XLIX, fig. 4.

15.18. *Jaquara*. La Chesnaye des Bois, 1754: 59.

15.19. *Juguara*. La Chesnaye des Bois, 1754: 59.

11.20. *Jagoára*. Anôn.², [Séc. XVIII] (3): fólio 90r.

15.21. *Jagu-ara*. Schreber, 1778: 388, pl. CII.

15.22. *Janu-ara*. Schreber, 1778: 388, pl. CII.

15.23. Dooley, 1998: xlvi [Mbyá-guarani].

15.24. *Janouare*. Ray (P. A. F.), [1788] 1804: 285.

15.25. *Jagura*. Pennant, 1793: 286.

15.26. *Juagara*. Grossinger, 1793: 549.

15.27. *Janouvera*. Ashe, 1812: 60.

15.28. *Jaguár*. Luccock, 1820: 634 (“The Ounce”).

15.29. *Yagoua*. (Desmarest) in Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi, 1829: 197.

15.30. *Jauára*. Guimarães, 1844: 305; Martius, 1863: 459 (“*Jauára* v. *Jaguára*”).

15.31. *Jaguára*. Martius, 1860: 509, 1863: 456 (“*Jaguára* v. *Jagoára* in genere est canis, felis major, Tigris”); Liais, 1872: 450.

15.32. *Jauaara*. Liais, 1872: 460.

15.33. *Yauaara*. Liais, 1872: 450 (“*ja* ou *ya* signifie écraser avec les pieds sur-le-champs, c’est-à-dire, d’une fois; uâra ou uâara est le gérondif du verbe *ua*, dévorer, lequel derive du verbe *u*, manger, par l’addition de la particule *a*, indiquant énergie dans l’action. Uaara, qu’on peut écrire uâra, signifie donc le dévorant, et correspond dans ce cas au mot français carnassier. Le nom de Jaguará peut alors se traduire en français par la périphrase: *Carnassier qui écrase sa proie d’un seul bond*”).

15.34. *Yaguar*. (Desmarest) in Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi, 1829: 198; Nogueira, 1880: 367 (“*Yaguar* em vez de *y-aohár* part. aquela que briga, brigador, contendor; d’aquí pode também provir o nome do Felis, Canis, etc.”), 567 (“*Yaguar* – (o que come gente, ou modificado de *tabár* = *yahár* o que agarra?) – onça, cão em geral; nome generico de todos os animais do genero felis; carnívoro, pois que é applicado a peixes, aves e insectos”); Bueno, 1998: 391.

15.35. *Yaguará*. Nogueira, 1880: 567 (“*Yaguará* – semelhante á onça; cão”).

15.36. *Jagwá-r-a*. Adam, 1896: 109.

15.37. *Jauá*. Sampaio (T.), 1914: 238 (“*Jauá*, contr. *yauara*”).

15.38. *Yaguá*. Castro (B. de), 1936: 123; Furtado, 1969: 110.

15.39. *Yaguara*. Castro (B. de), 1936: 123.

15.40. *Yauara*. Castro (B. de), 1936: 125.

15.41. *Yá’wara*. Rodrigues (A. D.), 1958: 31 (sob *jaguar*).

15.42. *Jaguá*. Carvalho, 1969: 50; Bueno, 1998: 182.

15.43. *Yaguára*. Clerot, 2008: 155 (sob *jaguarema* e *jaguaribe*).

16. Jaguar-canguçu ou Jaguaracanguçu

- 16.1. *Jaguaraacangoçú*. Souza (G. S. de), [1587] 1851a: 245 ('Jaguaraacangoçú é outra alimaria e casta de tigre ou onça da que tratamos já: e são muito maiores, cuja cabeça é tão grande como de um novilho. Criam-se estas alimarias pelo sertão longe do mar, e tem as feições e mais condições dos tigres, de que primeiro fallamos [sob *jaguareté*, p. 244]. Quando estas alimarias matam algum indio que se encarniçam n'elle, fazem despovoar toda uma aldeia, porque em sahindo alguma pessoa d'ella fóra de casa, não escapa que a não matem e comam').
- 16.2. *Jaguaracangoçu*. Souza (G. S. de), [1587, cap. xcvi] s/d: 129, [1589] 1825: 217.
- 16.3. *Jaguara-canguçu*. Rubim, 1882: 367 (sob *canguçu*).
- 16.4. *Yaguara-canguçu*. Rubim, 1882: 367 (sob *canguçu*) (cf. Papavero & Teixeira, 2000j).
- 16.5. *Jaguaracangussu*. Barbosa (A. L.), 1951: 73; Tibiriçá, 1989: 81.
- 16.6. *Jaguaracanguçu*. Rocque, 1968: 937; Cunha (A. G. da), 1978: 170 ("< T. iaüarakangu'su < ia'üara 'jaguar, onça' + a'kanga 'cabeça + u'su 'grande'").
- 16.7. *Jaguaracangussú*. Bueno, 1998: 183.
- 16.8. *Jaguar-canguçu*. Oliveira, T. G. & Cassaro, 1999: 54; Rocha (V. J.), Motta, Cheida & Peracchi, 2005: 117; Cheida, Oliveira, Costa, Mendes & Quadros, 2006: 240.

17. Jaguapará [*pará* = pintado]

- 17.1. *Jagua-para*. Liais, 1872: 449.
- 17.2. *Jaguapara*. Liais, 1872: 451; Assis, 2000: 38.
- 17.3. *Jaguapará*. Tibiriçá, 1989: 81.
- 17.4. *Jaguápará*. Sampaio (M. A.), 1986: 61.

18. Jaguará [*i* = pequeno]

- 18.1. *Yaguará*. Nogueira, 1880: 567 ("*Yaguará* – oncinha, cachorrinho"); Bueno, 1998: 391.
- 18.2. *Yaguará*. Nogueira, 1880: 567 ("*yaguará*, filho de onça, filho de cão").
- 18.3. *Jaguará*. Soares (A. J. de M.), 1943: 95 ("oncinha, filhote de onça").
- 18.4. *Jaguaraim*. Martins (N. S.), 2001: 282 (citado por J. Guimarães Rosa).

19. Jaguarana [*rana* = falso]

- 19.1. *Jaguarana*. Castro (O. G. de), 1972: 256; Ortêncio, 1983: 231 ("Onça de malha miúda, porte médio, semelhante ao jaguar").

20. Jaguarana-pixuna [*pixuna* = preto]

- 20.1. *Jaguarana-pixuna*. Silva (H.), [1913]: 133, 1921a.
- 20.2. *Jaguarapixuma*. Matta, 1938: 188.

21. Jaguarapara [*apara* = vergado, curvo]

- 21.1. *Yagoua-para*. Temminck, 1827: 136; (Desmarest) in *Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi*, 1829: 197.
- 21.2. *Jaguarapara*. Liais, 1872: 449 ("jaguará de riviere" [sic!]).
- 21.3. *Jaguarapara*. Dent, 1886: 350.

22. Jaguarapinima [*pinima* = pintado]

- 22.1. *Jauára-pinima*. Guimarães, 1844: 305 (sob *onça-pintada*); Barbosa-Rodrigues, 1882: 172.
- 22.2. *Jaguára-pinima*. Martius, 1863: 457 ("*Jaguára-pinima i.e., picta*"); Amorim, 1874: 64; Goeldi, 1893: 63; Ihering (R. von), 1935: 228.

- 22.3. *Jaguara-pinima*. Teschauer, 1912: 93; Silva (H.), [1913]: 133; Taunay, 1914: 118; Ihering (R. von), 1940: 424.
- 22.4. *Jaguarapinima*. Monte, 1926: 239; Freire, 1954: 3059; Tierno, 1954: 414; Ihering (R. von), 1968: 378; Ferreira (A. B. de H.), 1999: 1152.
23. **Jaguara-sororoca**
- 23.1. *Jaguára-sororóca*. Amorim, 1874: 64.
- 23.2. *Yauara-sororoca*. Smith, 1884: 578.
24. **Jaguaraúna [una = preto]**
- 24.1. *Jauárauna*. Guimarães, 1844: 305 (sob *tigre*).
- 24.2. *Jaguarauna*. Bueno, 1998: 183.
25. **Jaguaretê [etê = verdadeiro]¹**
- 25.1. *Iarnare-este*. Thevet, 1575: fól. 919v ('en vn moment changez en diverses formes hideuses & figures de plusieurs animaux terrestres, si comme sont Loups, Chiens & Chats sauuages, & autres semblables, lesquels sont appellez en leur langue, Iarnare: & en y a de plusieurs sortes, sçauoir est *Iarnare-este*, *Iarnarh-bouten*, *Pau*, *Apiroupsou*, *Iaona Tonapech*, *Marga*, *Ionacsou*, *Margata*, *Miry*, *Cirat*, & plusieurs autres especes de bestes, qui se voyent en ladite terre').
- 25.2. *Jagoarete*. Cardim [1583] in Purchas, 1625: 1301, 1906: 451) ('*There are many Ounces, some black, some grey, some speckled, it a very cruell beast, and fierce, they assault men exceedingly, that even on the trees they cannot escape them, especially if they be bigge. When they are flesht there is none that dare abide them, especially by night: they kill many beasts at once, they spoile a whole Hen-house, or a heard of Swine, and to open a man, or whatsoever beast, it sufficeth to hit him with one of his clawes. But the Indians are so hardie, that some of them dare close with one of them, and holden it fast, and kills it in a field, as they doe their enemies, getting a name, and using all the ceremonies they doe to their enemies. They use the heads for Trumpets, and the Portugall women use the skinnes for Rugs or Coverlets, especially of the painted ones, and in the Captainship of Saint Vincent*'. Cardim (1925: 38): '*Iagóáretê*. – Ha muitas onças, humas pretas, outras pardas, outras pintadas: he animal muito cruel, e feroz; accomettem os homens sobremaneira, e nem em arvores, principalmente de são grossas, lhes escapão; quando andão cevadas de carne não ha quem lhes espere principalmente de noite; matão logo muitas rezes juntas, desbaratão huma casa de gallinhas, huma manada de porcos, e basta darem huma unhada em hum homem, ou qualquer animal para o abrirem pelo meio; porém são os Indios tão ferozes que ha Indio que arremette com huma, e tem mão nella e depois a matão em terreiro como fazem aos contrarios, tomando nome, e fazendo-lhes todas as ceremonias que fazem aos mesmos contrarios. Das cabeças dellas usão por trombetas, e as mulheres Portuguesas usão das pelles para alcatifas, maximé das pintadas, e na Capitania de São Vicente').
- 25.3. *Iaguaretê*. Valle (L. do, Pe.), [1585], in Ayrosa, 1938: 317; in Drumond, 1952 (II): 56 (sob *onça*, ou *tigre*); Marcgrave, 1648: 234; Monteiro, [1610] 1949: 418.
- 25.4. *Iaguarete*. Anchieta, [1587] in Martins (M. de L. de P), 1948: 60 (verso 765); Marcgrave, 1648: 235 (*iaguarete, onca Lusit.*).
- 25.5. *Jaguaretê*. Souza (G. S. de), [1587] 1851a: 244 ('Tem para si os Portuguezes que jaguaretê é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bezerro de seis mezes; fallo dos machos, porque as femeas são maiores. A maor parte d'estas alimarias são ruivas, cheias de pintas pretas; e algumas femeas são todas pretas; e todos tem o cabelo nedio, e o rosto a modo de cão, e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabelo n'elle como nas ancas. Tem prezas nos dentes como libréo, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia

1. A denominação "jaguar" passou a designar, depois da colonização portuguesa, os cachorros ou cães importados da Europa, sendo o "jaguar verdadeiro" denominado *jaguaretê*.

legua; tem os braços e pernas muito grossos; parem as fêmeas uma e duas crianças; se lhes matam algum filho andam tão bravas que dão nas roças dos índios, onde matam todos quantos podem alcançar; comem a caça que matam, para o que são mui ligeiras, e tanto que lhes não escapa nenhuma alimaria grande por pés: e salta, por cima a-pique altura de dez, doze palmos; e trepam pelas arvores apóz os índios, quando o tronco é grosso; salteam o gentio de noite pelos caminhos, onde os matam e comem; e quando andam esfaimadas entram-lhe nas casas das roças, se lhes não sentem fogo, ao que tem grande medo. E na visinhança das povoações dos Portuguezes fazem muito dano nas vacas, e como se começam a encarniçar n'elles destroem um curral; e tem tanta força que com uma unhada que dão em uma vaca lhe derrubam a anca no chão. Armam os índios a estas alimarias em mondéos, que é uma tapagem de páo-a-pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma arvore alta e grande levantada do chão, onde lhe poem um cachorro ou outra limaria preza; e indo para a tomar cahe esta arvore que está deitada sobre esta alimaria, onde ha grandes bramidos; ao que os índios acodem e matam ás flexadas; e comem-lhe a carne, que é muito dura, e não tem nenhum sebo); Martius, 1860: 509, 1863: 457 (“*Jaguareté*. Felis Onza [sic] var. nigra, Indis quoque *Jaguareté pixuna* dicta, *Onça preta* vel *Tigre* Bras. *Eté* significat magnum, legitimum”); Dietrich & Noll, 2010: 91 (“*jaguareté* < t. *jagwar-ete*, ‘onça’ + sufixo de intensidade, ‘verdadeiro’”).

25.6. *Jaguarete*. Souza (G. S. de), [1589] 1825: 216.

25.7. *Jaguareté*. Monteiro), [1610] (*in* Leite, 1949: 418 (“A umas chamam *iaaguareté*: estas são malhadas de pardo, preto, amarelo e branco, com tal proporção lançada, que parecem mais artificiais que naturais; têm o rabo mui comprido, mui grande à feição de gato, o peito largo, as mãos grandes e armadas com crueis unhas. Serão da grandeza de um bezerro de ano. Destes animais têm os Índios extraordinário medo, porque depois que começam a gostar de carne humana, ficam tão atrevidos que dentro das casas matam os Índios, e por este respeito aconteceu despovoarem-se Aldeias inteiras. Tem este animal tão grande força na bofetada, que dá com a mão, que da primeira pancada abre em muitos pedaços a cabeça de uma vaca ou qualquer outro animal. Cuida o gentio que estas onças, as quais são verdadeiros tigres, em outro tempo foram gente, e quando as encontran se põem à prática com elas; faz isto crente verem eles que escutam e esperam quando lhe falam. Tem só os três primeiros saltos, os quais, se dá em vão, fica tão cansada, que com facilidade a matam. É o imigo desta fera o cão, do qual têm grande medo que só com o ouvirem ladrar se encostam às árvores, e as matam com facilidade, e eu vi peles de 9 ou 10, que em breve, ajudado de cães, matara um índio, em um curral, aonde nos achamos. São a peste do gado e dos mais animais e nem aos peixes perdoam, porque se assentam sobre os penedos ao longo do mar, e tanto que passa o peixe se arremessa do alto, e raro é o que lhe escapa. Nesta postura me mostrou um índio uma, vindo nós de S. Vicente, a qual folguei de ver, por não estar mui longe; mas ela não deu por brados, e continuou sua pesca com dencanso”); Piso, [1658] 1957: 241.

25.8. *Jaguarete*. Marcgrave, 1648: 235 [Figura 1].

25.9. *Jaguareté*. *Libri Principis* [Séc. XVII] *in* Teixeira, 1995a (I): 21; Cunha (A. G. da), 1978: 170 (“< T. *iaüare'te* < *ia'üara* ‘jaguar’ + *e'te* ‘verdadeiro’”).

25.10. *Jaguareta*. Barlaeus (C.), 1647: 133 (“*Jaguaretae*, Lusitanis *Oncae*, *tigrides nigrae* sunt”); Boesman, 1994: 119.

25.11. *Jaguarete*. Ray (J.), 1693: 169 (“*Jaguarete* Brasiliensis, *Onça* pariter Lusitanis. Juvenum annum magnitudine aequat, ejusdem cum praecedenti figurae, eoque etiam crudelius. Pilis brevibus splendentibus, Nigris cum umbra mixtis; & variegata pariter est pellis maculis atris, figura variã”).

25.12. *Jagoára-eté*. Anôn., 1750: 319 (sob *onça*); Prazeres, [1819-1820] 1891: 221; Martius, 1863: 53 (“*jagoára eté* – *onça* ou *panther*, Onze oder Panther”).

25.13. *Jaquarete*. La Chesnaye des Bois, 1754: 59.

25.14. *Jagóaraté*. Marcos Antonio (Pe.), 1757: fól. 70v (sob *onça*).

25.15. *Jagoareté*. Eckart, [Séc. XVIII]: 171 (sob *tigre*); Anôn., 1771: fól. 96v (sob *lobo*), fól. 152r (sob *tigre*).

25.16. *Iagoara-eté*. Anôn.¹, [Séc. XVIII]: fól. 24r. V. *jaguar*.

25.17. *Jagoaraeté*. Anôn., 1771 (sob *tigre*).

25.18. *Jauauraité*. Sampaio (F. X. R. de), [1775].

25.19. *Juauraité*. Sampaio, [1775] 1872: 257.

- 25.20. *Jagoára-etê*. Anôn., [1795] in Ayrosa, 1934: 102 (sob *onça*); Anôn., [Séc. XVIII] in Ayrosa, 1934: 239.
- 25.21. *Jaiuarété*. Wied-Neuwied, 1820: 36.
- 25.22. *Yaguarété*. Wied-Neuwied, 1820: 173, 325, 380, 1821: 30, 110, 138, 141, 156, 202.
- 25.23. *Yauarété*. Wied-Neuwied, 1821: 238.
- 25.24. *Jaguarète*. (F. Cuvier) in Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi, 1822: 128.
- 25.25. *Yagoua-étê*. Temminck, 1827: 136; (Desmarest) in Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi, 1829: 197.
- 25.26. *Yagouarété*. Temminck, 1827: 136; (Desmarest) in Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi, 1829: 197.
- 25.27. *Jaguarète*. Temminck, 1827: 137.
- 25.28. *Jaguarété*. Fischer, 1829: 199, 730; GutsMuths, 1827: 480; Burton, 1869: 21 (nota †).
- 25.29. *Jahuaret*. Jefferson, 1829: 49.
- 25.30. *Jauareté*. Spix & Martius, 1831: 1059; Bates, [1863] 1962: 352.
- 25.31. *Jauarité*. Wallace, [1853] 1972: 316; Reid, 1867: 263; Barbosa-Rodrigues, 1881: 119, 1882: 177, 302.
- 25.32. *Iauarité*. Dias, 1854: 570 (sob *onça*); Barbosa-Rodrigues, 1881: 89, 1882: 169.
- 25.33. *Jagoáraétê*. Dias, 1858: 35 (“*Jagoára-etê*, *onça*”).
- 25.34. *Jaguara-etê*. Liais, 1872: 449, 451.
- 25.35. *Yagua-retê*. Liais, 1872: 445.
- 25.36. *Jaguáretê*. Amorim, 1874: 63.
- 25.37. *Iauáretê*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 90, 1882: 170.
- 25.38. *Jauáritê*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 90, 1882: 170.
- 25.39. *Yaguarate*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 89, 1882: 169.
- 25.40. *Yauarité*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 89, 1882: 169, 1890: 155, 1892: 70 (sob *onça*, Nheengatu).
- 25.41. *Iauarité*. Seixas, 1883: 19.
- 25.42. *Yauaretê*. Barbosa-Rodrigues, 1894b: 45; Lange (A.), 1914: 439.
- 25.43. *Yaguar-etê*. Barbosa-Rodrigues, 1892: 70 (sob *onça*, Karaní).
- 25.44. *Yauara-etê*. Barbosa-Rodrigues, 1892: 70 (sob *onça*, L. G.).
- 25.45. *Yauar-ete*. Barbosa-Rodrigues, 1892: 70 (sob *onça*, Auanheenga).
- 25.46. *Jagoara-etê*. Anôn., 1898: 464 (sob *onça*).
- 25.47. *Jaguaraétê*. Magalhães, 1898: ii-iii.
- 25.48. *Jaguarité*. Teschauer, 1912: 158; Tavares, 1914: 29.
- 25.49. *Jaguara-etê*. Silva (H.), [1913]: 132.
- 25.50. *Jaguarité*. Sampaio (T.), 1914: 236 (“*Jaguarité*, c. *yaguar-etê*, a *onça* verdadeira (*Felis onça* [sic; *onça*])”).
- 25.51. *Jagurete*. Bruce, 1914: 186.
- 25.52. *Jaguarété*. Silva (H.), 1921.
- 25.53. *Yauaretê*. Tastevin, 1923: 758 (“tigre”), 759 (“*Yauaretê* – *Onça* em geral, litt. o verdadeiro, o grande *yawara*”).
- 25.54. *Iauaretê*. Stradelli, 1926: 275 (sob *onça*), 463 (“*Iauaretê* – *Onça*”); Martins (N. S.), 2001: 282 (sob *jaguarété*); Mello, 2003: 45.
- 25.55. *Yagaretê*. Moraes, 1931 (2): 169 (como *ygaretê*, *err. typ.*).
- 25.56. *Iauáretê*. Mauro, 1950: 236 (sob *onça*).
- 25.57. *Ya'ware'te*. Rodrigues (A. D.), 1958: 31 (sob *jaguarété*).
- 25.58. *Yaguarété*. Furtado, 1969: 110.
- 25.59. *Iaiuaré'te*. Cunha (A. G. da), 1978: 170 (sob *jaguarété*).
- 25.60. *Iagoáretê*. R. Garcia, in Cardim, 1980: 61 (“*Iagoáretê*, *Jaguarété* ou *onça-pintada*, a espécie típica do gênero *Felis* [sic], da família dos Felídeos, representada no Brasil por nove espécies. A *Felis onca*, L., é de todas a maior, embora seja um pouco menor do que o tigre asiático. O nome tupi *jaguarété* é composto de *jaguar*, *onça*, *cão*, e *eté*, verdadeiro”).
- 25.61. *Yawaraeté*. Grenand & Ferreira, 1989: 206 (L. G. *Panthera onca*; “*yawara* = felino/ *eté* = legítimo, verdadeiro”).

- 25.62. *Yawareté*. Grenand & Ferreira, 1989: 206 (L. G. *Panthera onca*; “yawara = felino/ te = eté = legítimo”).
26. **Jaguetê-apara**
- 26.1. *Iauareté-apára*. Stradelli, 1926: 275 (sob *onça*; “de pernas curtas”).
27. **Jaguetê-apiaba [apiaba = macho]**
- 27.1. *Jaguetê-apyába*. Eckart, [Séc. XVIII]: 123 (sob *onça, macho*); Anôn., [Séc. XVIII] (2): fól. 62v, coluna 1 (sob *onça animal macho*).
28. **Jaguetê-cunhá [cunhá = fêmea]**
- 29.1. *Jaguetê-cunhá*. Anôn.², [Séc. XVIII] (2): fól. 62v, coluna 1 (sob *onça fêmea*).
- 28.2. *Jaguetê-cunhá*. Eckart, [Séc. XVIII]: 117 (sob *onça, fêmea*).
29. **Jaguetê-pacova-sororoca**
- 29.1. *Jaguetê-pacova-sororoca*. Smith, 1879: 197.
30. **Jaguetê-pinima**
- 30.1. *Jaguetê-pinima*. Ferreira (A. R.), [1790b] 1972: 161.
- 30.2. *Jaguetê-pinima*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 90.
- 30.3. *Jaguetê-pinima*. Barbosa-Rodrigues, 1882: 170.
- 30.4. *Yawaretê-pinima*. Tastevin, 1923: 759 (“*Yawaretê-pinima* – onça pintada”).
- 30.5. *Iauaretê-pinima*. Stradelli, 1926: 463 (“*Iauaretê-pinima* – Onça pintada. A pinta é meúda, sem formar anel, sôbre fundo muito variavel”).
- 30.6. *Iauaretê-pinima*. Stradelli, 1926: 175 (sob *onça*).
- 30.7. *Yauaretê-pinima*. Le Cointe, 1945: 100.
- 30.8. *Iauaretê-pinima*. Fernandes, 1963: 135 (nota 152).
- 30.9. *Yawaratê-pinima*. Grenand & Ferreira, 1989: 206 (L. G.; “yawaratê = onça/ pinima = pintada”).
31. **Jaguetê-pixuna**
- 31.1. *Jaguetê-pixuna*. Spix & Martius, 1831: 1060; Wappaeus, 1884: 272.
- 31.2. *Jaguetê-pixuna*. Wallace, [1853] 1972: 316.
- 31.3. *Jaguetê-pixuna*. Martius, 1860: 509, 1863: 457 (sob *jaguetê*); Goeldi, 1893: 64.
- 31.4. *Jaguetê-pixuna* [sic]. Bates, [1863] 1962: 352.
- 31.5. *Jaguetê-pixuna*. Amorim, 1874: 64.
- 31.6. *Jaguetê-pixuna*. Taunay, 1914: 118; Freire, 1954: 3059; Tierno, 1954: 415; Rocque, 1968: 937; Martins (N. S.), 2001: 283.
- 31.7. *Yawaretê-pixuma*. Tastevin, 1923: 759 (“*Yawaretê-pixuma* – onça preta”).
- 31.8. *Iauaretê-pixuna*. Stradelli, 1926: 463 (“*Iauaretê-pixuna* – Onça preta. Fulvo escuro, com manchas da mesma côr, que em alguns individuos chegam a não se divulgarem sinão contra luz”).
- 31.9. *Iauaretê-pixúna*. Stradelli, 1926: 275 (sob *onça*).
32. **Jaguetê-sororoca**
- 32.1. *Iauaretê-sororóca*. Stradelli, 1926: 463 (“*Iauaretê-sororóca* – Onça listada. As manchas fulvo escuras sôbre fundo mais claro são em fórmula de estrias, como as do tigre”).

33. Jaguaretê-tauá [*tauá* = amarelo, cor da argila]

- 33.1. *Jauarité-tauá*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 91, 1882: 171 (“*jauarité-tauá*, ou onça amarella; resultado do cruzamento do *jauarité-pinima* com *uru-jauara*”).

34. Jaguaretê-una

- 34.1. *Jaguar-été-hun*. Burton, 1870 (2003): 395.
 34.2. *Jaguar-ete-hun*. Burton, 1874: 162, nota 1.
 34.3. *Iauarité-una*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 91, 1882: 171 (*Felis jaguatyrica*).
 34.4. *Jauarité-una*. Barbosa-Rodrigues, 1882: 171.
 34.5. *Jauárité-una*. Barbosa-Rodrigues, 1882: 172.
 34.6. *Jaguaretébũ*. Sampaio (M. A.), 1986: 62.
 34.7. *Jaguareté-bũ*. Tibiriçá, 1989: 81.

35. Jaguaruçu

- 35.1. *Jaguarucu*. Cardim [1583] in Purchas, 1625: 1318, 1906: 498 (“*The Jaguarucu is a beast greater then any Oxe, it hath Teeth of a great quarter long, they keepe in and out of the water, and doe kill men; they are rare; some of them are found in the River of Saint Francis, and in Paraguacu*”). Cardim (1925: 102) (“*Jaguaruçu*. – Este animal he maior que nenhum boi; tem dentes de grande palmo, andão dentro e fóra d’agua, e matão gente; são raros, alguns delles se achão no rio de S. Francisco, e no Paraguaçu”).
- 35.2. *Jaguaruçu*. Souza (G. S. de), [1587] 1851a: 245 (“criamse no rio de S. Francisco umas alimarias tamanhas como poldros, ás quaes os indios chamam jaguaruçu, que são pintadas de ruivo e preto e malhas grandes; e tem as quatro prezas dos dentes do tamanho de um palmo: criam-se na agua d’este rio, no sertão; donde sahem a terra fazer suas prezas em antas; e ajuntam-se tres e quatro á sua vontade, para levarem nos dentes a anta ao rio, onde a comem a sua vontade, e a outras alimarias; e tambem aos indios que podem apanhar”).
- 35.3. *Iagoarucu*. Laet, 1633: 553.
- 35.4. *Jaguaruçu*. Anchieta [1587] in Martins (M. de L. de P.), 1948: 58 (verso 746; como nome próprio).
- 35.5. *Jagoaroçu*. Souza (G. S. de), [1589] 1825: 129.
- 35.6. *Jagoracucu* [Cacogr. de *jaguaruçu*]. Ray (P. A. F.), [1788] 1804: 284; (F. Cuvier) in Plusieurs Professeurs du Jardin du Roi, 1822: 127; Faria, 1852: 950 (“*Jagoracucu* – nome com que é mencionado um animal brasileiro por Lachenay-des-Bois [sic], e que parece ser uma grande especie do genero gato”).
- 35.7. *Yaguaruçu*. Nogueira, 1880: 568 (“*Yaguaruçu* – onça ou cão grande; onça-tigre”).
- 35.8. *Jaguarusú*. Martins (M. de L. de P.), 1948: 59 (versos 746, 761).
- 35.9. *Jaguarussu*. Barbosa (A. L.), 1951: 74.
- 35.10. *Iaüaru’su*. Cunha (A. G. da), 1978: 171 (sob *jaguaruçu*).
- 35.11. *Yaguarussu*. Bueno, 1998: 392.

36. Jaguaruna

- 36.1. *Yaguarun*. Nogueira, 1880: 568 (“*Yaguarun* – onça ou cão negro”).
- 36.2. *Yauaruna*. Barbosa-Rodrigues, 1894b: 45.
- 36.3. *Yawaruna*. Tastevin, 1923: 759 (“*Yawaruna* – onça preta”).
- 36.4. *Iauaruna*. Chermont de Miranda, 1944: 77.
- 36.5. *Iauarúna*. Stradelli, 1926: 463 (“*Iauarúna* – Jaguaruna. Cão preto, onça preta”).
- 36.6. *Iauaraúna*. Freire, 1954: 2886 (“*Iauaraúna* – felino da Amazônia”).

2. *Uru-jauara*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 91, 1882: 171 (*Felis jaguapara*).

36.7. *Jeguaruna*. Bueno, 1998: 186.

36.8. *Yaguaruna*. Bueno, 1998: 391.

37. Jaguaruna-pixuna

37.1. Silva, 1930 (“variedade usual de onça-preta”).

38. Jaguaruna-quatiara [*quatiara* = pintado]

38.1. *Jaguaruna-quatiára*. Silva, 1930 (“Variedade usual de onça preta, *Panthera onca* (Felidae), menor e mais delgada, de cor roxa escura com listras pretas tigrinas”).

39. “Leopardus” e “Leopardo”

39.1. *Leopardus*. Na *Protestation de Bertrand d'Oressan, baron de Saint-Blancard contre la capture de La Pélérine*³, de 11 de março de 1538, documento redigido em latim, consta a seguinte passagem: “Et inter alias merces de quibus navem oneravit fuerunt quinque millia quintalia ligni brasilii quod tunc in Gallia vendebatur pretio octo ducatorum pro quintallo; quare valloris erant quadraginta mille ducatorum. Et tricenta quintalla bonbicus valloris trium mille ducatorum ad rationem decem ducatorum pro quintallo, et tantumdem granis illius patrie valloris nonigentorum ducatorum ad rationem trium ducatorum pro quintallo, et sex centos psittacos, jam linguam nostram conatos, valloris trium mille et sexcentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro quolibet, et ter mille pelles **leopardorum** et aliorum animalium diversorum colorum, valoris novem mille ducatorum ad rationem trium ducatorum pro pelle, et trescentas simias seu melius aguenones valloris mille et octocentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro aguenone et de mina auri q. purificata ut decebat ter mille ducatos reddidisset, et de oleis medicabilibus valloris mille ducatorum, et tanti ut preffactum est vendi potuissent in Galia ad quam destinata erant preffacte merces. Et omnes sume preffate junte sumam sexaginta duorum mille ducatorum cum trescentis ascendebant” (Varnhagen, 1854: 412, com vários erros de transcrição; Gaffarel, 1878: 368; Guénin, 1901: 257).

39.2. *Leopardo*. Ferreira (J. de S.), [1693] 1894: 45, 1918: 303; Ayres de Casal, 1817 (I): 66; Santos, [1850] 1952: 105; Brito, 1829: 57.

3 Esse documento é valioso, pois enumera os produtos levados na *La Pélérine* e seu valor. De especial interesse para a história da zoologia constam os animais (peles ou vivos) levados por essa nave: Ou seja, “Graças a essa contenda, sabe-se que a carga da ‘Pélérine’ compreendia 5.000 quintais de pau-brasil [ca. 300 toneladas] cotados em 40.000 ducados, bem como trezentos quintais de algodão [ca. 1,8 toneladas], sementes diversas, amostras de minérios e óleos medicinais avaliados em 904.900 ducados. Como se não bastasse, a embarcação transportava 3.000 peles de ‘leopardos’ [i.e., de onças-pintadas] e de outros animais no valor de 9.000 ducados [três ducados ou 1.200 reais por pele], 600 papagaios ‘já acostumados à nossa língua’ [i.e., o francês] estimados em 3.600 ducados [seis ducados ou 2.400 reais por cabeça] e ‘300 símios’, ou melhor, *guenons*, valendo 1.800 ducados [também seis ducados ou 2.400 reais por cabeça]”. Em comparação com a nau ‘Bretoa []’, “as aves e mamíferos não só alcançariam um preço sete vezes mais elevado (336 reais contra 2.400 reais) como seriam onze vezes mais numerosos (72 espécimens contra 900 exemplares), o que reflete o alto custo e grande interesse despertado pela fauna exótica nos países situados à margem das navegações ibéricas” (Teixeira & Papavero, 2010: 260). Segundo Varnhagen (1854: 58-59) “Em quanto Martim Affonso navegava pelo sul, fôra ter a Pernambuco [em 1531] uma não de Marselha, com desoito peças e cento e vinte homens, denominada ‘La Pélérine’, e armada à custa do Barão de St. Blancard. Em lugar da feitoria portuguesa de seis homens, fez o capitão da Pélérine, Jean Duperet, construir uma fortaleza provisória, que deixou guarnecida de setenta homens, e regressava á Europa, com uma carga, que (segundo as declarações posteriores dos interessados, ás quaes nos cumpre dar algum desconto) montava a cinco mil quintais de brazil, seiscentos papagaios, trez mil pelles de animaes, grande numero de macacos e muitas bugiarias. Tanto a não como a fortaleza tinham de ser mui mal afortunadas. A primeira, entrando no Mediterraneo, se viu necessitada de arribar a Malaga; e, quando deste porto saía, foi apresada pela armada de guarda-costa, que Portugal mantinha á boca do estreito de Gibraltar, e que, pela mencionada arribada da não, soubera como vinha ella do Brazil. – A fortaleza franco-pernambucana, ou porque Pero Lopes [de Souza] teve conhecimento de sua existencia, ou porque necessitava ir no porto em que ella estava [a] fazer aguada, antes de atravessar o Atlantico, foi por tal forma pelo intrépido capitão combatida, durante desoito dias consecutivos, que se lhe rendeu. Então Pero Lopes, deixando a mesma fortaleza guarnecida de gente sua, ás ordens de um Paulo Nunes, fez-se de vela para Portugal, levando comsigo duas náos francezas que tomára, alguns Indios, e trinta e tantos prisioneiros. No principio do anno immediato aportou em Faro, onde então estava a côrte, a receber do rei expressões de recompensa pelos novos e anteriores triunfos. Suas náos se-mandaram recolher com os Francezas a Lisboa; e quatro principaes da terra, que o Soberano chegou a distinguir dando-lhes o nome de reis, foram por ordem régia vestidos de seda”.

40. **Macharrão** (O macho adulto do *jaguar*)

40.1. Cunha (H. P. da), 1949; Tierno, 1954: 449; Maia, 1956: 336; Martins (N. S.), 2001: 310.

41. **Mingüé [or. africana, MG]**

41.1. Queiroz, 1998: 128.

42. **Mingüé-do-sene [or. africana, MG]**

42.1. Queiroz, 1998: 128 (“lit. gato do mato”); Oliveira (A. S. L. de), 2006: 65.

43. **Onca**

43.1. Barlaeus (C.), 1647: 133 (“Iagaretæ, Lusitanis Oncae, tigrides nigrae sunt”).

43.2. Marcgrave, 1648: 235 (sob *iagvara* e sob *iagvarete*).

43.3. Schmalkalden [Séc. XVII] in Joost, 1993: 64, 65 (fig., fól. 105).

43.4. Barlaeus (G.), 1660: 223.

43.5. (Diderot) in Diderot & d’Alembert, 1780: 676 (sob *once*).

43.6. Grossinger, 1793: 549.

43.7. Henderson, 1821: 503.

43.8. Maw, 1829: 274.

43.9. Smith, 1884: 578.

43.10. Warren, 1851: 129.

43.11. Burmeister, 1854: 338.

44. **Onça**

44.1. Pero Lopes de Sousa⁴, em 1531, foi o primeiro a conferir à *Panthera onca* o nome **onça**, por tê-la confundido com o leopardo (*Panthera pardus* (Linnaeus, 1758)) (Souza (P. L. de), 1839: 32, 45; *ver tb.*, Souza (P. L. de), 1861: 39, 1927: 239, 293) (“Sabado [14 de outubro de 1531] no quarto d’alva acalmou o vento, e fui à terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d’agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal, Achamos duas **onças** mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que pus nome = das **Onças** =, tomei o sol nellas em trinta e quatro graos e meo; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de trinta e quatro graos e tres quartos: e no quarto da prima me acalmou o vento”; “E tendo andado tres leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate hũa **onça**: cuidando que era gente, saí em terra, com toda a gente armada”).

44.2. Pe. Antonio Rodrigues, S. J., em carta “para os irmãos de Coimbra”, datada de São Vicente, “do último de maio de 1553” (“E é que eu e outros Portugueses, assim por vaidade como por cobiça de ouro e prata, no ano de 1523, partimos de Sevilha em uma armada, que fazia Dom Pedro de Mendonça, na qual éramos 1.800 homens; e todos carregados de nossa cobiça, chegamos, com próspero vento, ao Rio da Prata, e entramos pelo rio com as naus 60 leguas. Logo quiseram ir em terra todos para edificar uma cidade: e os primeiros seis que saíram para ver o lugar onde se podia fazer mataram-nos as **onças** bravas. Nem por isso se deixou de edificar ainda que cada dia as **onças** matavam homens”. (Leite, 1936: 63); “Aconteceram nesta fome, com que Nosso Senhor nos castigou por nossos pecados, coisas semelhantes às que aconteceram aos judeus em Jerusalem, no cerco de Tito e Vespasiano. Porque enforcando-se a dois soldados, lhes comeram as barrigas das pernas;

4. Pero Lopes de Sousa (Lisboa, 1497 – Madagascar, 1539) foi um nobre português, navegador e militar. Irmão de Martim Afonso de Sousa, foi donatário das capitânicas de Itamaracá, Santo Amaro e Santana. Escreveu o *Diário da Navegação*, considerado o mais importante relato sobre a expedição de seu irmão ao Brasil, entre 1530 e 1532.

- e um homem matou em sua casa a um seu primo e comeu-lhe a assadura. Acabando de comer o acharam que estava para morrer, permitindo Deus por seu justo juízo que o matasse a comida com que a morte do primo procurou. Aconteceu também comerem uns o excremento que outro depois de ter comido deitava, ainda que pela corrupção dos corpos era aquilo tão peçonhento que quem o comia logo morria. E, desta maneira, uns com fome, outros por os matarem as **onças**, e outros os gentios, morreram neste tempo, que se fez a cidade, 600 homens”). (Leite, 1936: 64).
- 44.3. Pero de Magalhães de Gândavo, em sua *Historia da prouincia sãcta Cruz* (Gândavo, 1576: fôlios 21v-22r) (“Outros animaes ha nesta prouincia muy ferros, & perjudiciaes a toda esta caça, & ao gado dos moradores: aos quaes chamão **Tigres**, ainda que na terra a mais da gente os nomea por **Onças**: mas algũas pessoas q’ o conhecem & os viram em outras partes, affirmão q’ sam **Tigres**. Estes animaes parecêse naturalmête com gatos, nam differem delles em outra cousa: saluo na grandeza do corpo, porque algũs sam tamanhos como bezerros. & outros mais pequenos. Têm o cabelo diuidido em varias & distintas cores, conuê a saber, em pintas brâcas, pardas, & pretas. Como se acham famintos, entram nos corraes do gado, & matão muitas vitellas & nouilhos q’ vão comer ao mato, & o mesno fazem a todo animal q’ podem alcançar. E pelo consequente quando se vem perseguidos da fome, também cometem aos homêes: & nesta parte sam tam ousados, que ja aconteceo treparse hũ Indio a hũa aruore por se liurar de hũ destes animaes, q’ o hia seguindo, & pôrese o mesmo **Tigre** ao pé da aruore, nam bastando espantalo algũa gente que acudio da pouoaçam aos gritos do Indio, antes a todos os medos, se deixou estar muito seguro guardando sua presa, ate q’ sendo noite se tornaram outra vez, sem ousarem de lhe fazer nenhũa offensa, dizendo ao Indio que se deixasse estar, que elle se enfadaria de o esperar. E quádo veo pela manhaã (ou porque o Indio se quis descer parecendolhe que o **Tigre** era ja ido, ou por acertar de cair per algũ desastre, ou pela via q’ fosse) nam se achou ahi mais delle que os ossos. Porem pelo contrario, quando estão fartos, sam muy cobardes, & tam pusilânicos, q’ qualquer cão que remete a elles, basta a fazellos fugir: & algũas vezes acoçados do medo, se trepam a hũa arvore, & ali se deixão matar ás frechadas sem nenhũa resistêcia. Enfim que a fartura superflua, nam somente apaga a prudêcia, a fortaleza do animo, & a vieuza do ingenhoso ao homê: mas ainda aos brutos animaes inabilita & faz incapazes de vsarem suas forças naturaes, post q’ tenham necessidades de as exercitarê pera defensam de sua vida”).
- 44.4. Valle (L. do, Pe.), [1585] (*in* Ayrosa, 1938: 317; *in* Drumond, 1952 (II): 56) (“*Onça*, ou *tigre* – Iaguara. Iaguaretê suas especies. Cigoaçuarana: Jaguapitânguçú: he na feição, e não na cor”).
- 44.5. Soares (F., Pe.), 1590: fól. 1020v, linha 56 (*cf.* Cunha (A. G. da), 1966: 5), 1591: 38-39, linhas 967-1016 (*cf.* Cunha (A. G. da), 1966: 105, 107) (“Onças ou tigres. Ha m^{tas} a **onça** e o tigre tẽ 4 cores .s. preto bráco Amarello e pardo tẽ Rabo cóprido e a barriga toda bráca as cores m^{to} listradas a cabeça mais de gato q’ de outro animal comẽ caça e mataõ homêes e de tudo o q’ mataõ se fartaõ e he serto q’ tẽ fome tornarẽ ali e assi lhe armaõ logo e vẽ cair logo se naõ saõ algũas mateiras. a maõ he grande; hũa maõ cõ hũa pequena da jũtura se pezou e pezou sete arratês tẽ m^{ta} força e sedaõ cõ a maõ na cabeça de q’lq’r vaca ou animal a mataõ logo e a leuaõ a Rasto pera o mato Os Jndios cuidaõ algũs que já foraõ homêes como se vesaõ os homêes os cometẽ ate irẽ tiralos de casa como vi no Rjo de Janr^o jũto da cidade matarẽ tres pessoas em casa de M^{cl} de brito &c. An grade medo de caês e s lhe ladraõ se apegaõ as aruores e assi as mataõ mas se lhe naõ ladraõ facelm^{te} mataõ os caês de salto e he seu verdadr^o manjar vaõ se aos remãços do mar e tomaõ peixe e hũa hũa Vez se vio q’ leuaua hũ Tubaraõ pella terra dentro e lhe comeo a cabeça. hũ Jndio Matou hũ bogio e foi o buscar a hũa aruore botouo morto embaixo e veo hũa onça e pelejou cõ ella e lhe fez o moitĩ ella saltou elle lhe furtou o corpo e pegoulhe pello pesçoço ate q’ vieraõ os companhr^{os} caçadores e a leuaraõ e matareaõ em terreiro. Ha outras pretas e outras pardas q’ não fogem da gente antes se deixa matar. Eu vi algũas viuas e mortas e hũa q’ andaua metida nagoa p’lo giolho dando bofetadas no peixe q’ auja ali m^{to} E no Rio de Janr^o conteçoço ir hũa a nado e aRemeteo a hũa canoa onde hiaõ tres moços Jndios dous pequenos e hũ de 14 annos e cõ hũ arco e frechas a ferjo e querẽdo lançar maõ a canoa lhe deo moço cõ o Remo e posto q’ bẽ quizerãõ fugir ella nadaua mais cõ tudo a matou o moço as frechadas e cõ o Remo e vêdo Martĩ afoçoço de Souza Jndio prĩcipal o q’ o moço fizera (o moço se chamava Paulo Tobajara) Pregou pella aldeã de s. Lourẽço o animo e esforço do moço que os pequeninos deitaraõ na canoa como esmorecidos mas eu vi outros cazos em meu t’po semelhãtes a este. E aj q’ dizer m^{to}”).

- 44.6. Pe. Quirino Caxa, S. J. (1598) (“Estando numa ilha, fazendo uma pescaria para o colégio do Rio de Janeiro, uma noite mandou [o Pe. José de Anchieta] guardar do que ceavam uma porção. E dizendo-lhe este Pe.: deixe-me V. R. comer que tenho fome, respondeu êle: mais fome tem para quem a eu guardo. Depois de deitados, o Pe. se levantou e assentou sôbre os tições e disse aos companheiros que encomendassem um moço que ia para êles, em em tal parte, nomeando-a, está em Guiné, todo molhado e morto de frio, póla noite ser de grande tormenta, com uma carta. Agasalhou-o o Pe. e deu-lhe o que tinha guardado, e tomando-lhe a carta sem a abrir, nem o prêto poder falar com o frio, disse a êste Pe. o que nela vinha, que era para que Aires Fernandes estava muito do cabo e unguido. O prêto, depois que comeu e aqueceu do frio, contou o perigo das **onças** em que se vira no camino” (Caxa, 1965: 60-61); “Na mesma pescaria faltou o Pe. um pedaço da noite da choupana, e tornando para dentro, lançou fora uma penca de bananas, resondeu: a minhas companheiras. Pela manhã acharam fora da choupana o lugar onde o Pe. estivera, e rastro de duas **onças** que o acompanharam, casa uma assentada a sua ilharga”) (Caxa, 1965: 62).
- 44.7. Pe. Jerônimo Rodrigues, S. J., em sua *Missão dos Carijós*, feita em 1605-1607 (Leite, 1940: 196-246⁵): P. 200 (“E o Padre se foi por terra a outro rio, aonde sendo já noite, e não tendo canôa, cheguei eu, deixando a em que ia, indo só por uns matos ficando os moços em guarda do fato, com assaz de perigo dalguma **onça**”; P. 240: “No comer da carne humana não há que falar, pois, que pola comer. Vendem seus parentes, e são nisso peiores que as mesmas **onças**”).
- 44.8. Guerreiro, 1609: 199v (“Ha nestes câpos muitas & grades algoas & bẽ providas de pexe, ha outros mui altos, mas de area, todos cubertos de aruored, porẽ temos pera nos q’ daraõ tudo quãto lhe semeacẽ, ha muitos veados do reyno, Emas, Antas, ha muitas **Onças**, & outros animais feros”).
- 44.9. Pe. Pero Rodrigues, S. J. Após ter perdido ao Pe. Quirino Caxa para escrever a primeira biografia de Anchieta, ele mesmo redigiu outra, a instâncias do Pe. Fernão Cardim, então Provincial do Brasil, reunindo novos dados e depoimentos, entre 1606 (uma cópia datada desse ano foi remetida a Roma pelo Pe. Cardim) e 1609 (Rodrigues, P., S. J. [1607] 1897, [1609] 1909; *cf. tb.* Rodrigues, P., S. J. (1955, 1978)). Foram feitas traduções para o latim (Berettari, 1617a, 1617b), e do latim para o espanhol (Paternina, 1618), para o francês (d’Outremann, 1619) e para o italiano (Berettari, 1621). Na língua original portuguesa, o manuscrito esperaria praticamente 390 anos para ser publicado. Foi impresso pela primeira vez no Volume 19 dos *Anais da Biblioteca Nacional* (Rodrigues, P., S. J., 1897), com base no códice cx/1-17 da Biblioteca de Évora, muito incompleto e com várias omissões. Igualmente nos *Anais da Biblioteca Nacional*, no Volume 29, foi publicado um texto muito mais completo, baseado num manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa (Rodrigues, P., S. J., 1907); este texto apareceu posteriormente como livro impresso na Bahia (Rodrigues, P., S. J., 1955), sendo republicado pelas Edições Loyola (Rodrigues, P., S. J., 1978). Em Rodrigues, P., S. J. ([1607] 1897) consta: P. 25 (“Estando o Padre na pescaria (...) lhe escreveu um grande amigo seu que quizesse vir ver Aires Fernandes, que estava muito mal. Esta carta trazia um preto de Guiné, escravo d’aquelle homem, e no caminho correu muito perigo, por as muitas **onças** que ha naquella paragem, antes que chegasse”; Pp. 45-46: “Na comarca do Rio de Janeiro, desta banda sobre o Cabo frio, ha uma praga de **onças** de diversas castas, mui crueis, umas pela cinta grossas, ruiuas [as suçuaranas] ou pintadas, outras negras pelo meio, delgadas, que são **tigres** verdadeiros; tambem dizem que ha leopardos, todos mui bravos e ferozes. Passando por esta paragem um dia o Padre José [de Anchita], com gente, depois desta a choupana e agasalhados todos se saiu de noute fora da casinha e se deteve por grande espaço de tempo, e tornando a entrar tomou se um cacho de bananas (certa fruita da terra) e partindoo lançava para fora e dizia pela lingua: tomæ vós outros, sem se ver com quem fallava, e perguntando-lhe o Irmão, seu companheiro a quem dava as bananas, disse que aquellas suas companhiras, e pela manhã se viu o rasto de duas **onças**, que estiveram com elle assentadas no lugar onde o Padre estivera em oração, e depois de acabada, vieram com elle até a porta da choupana. Outra vez estando o Padre naquella pescaria (de que por vezes fallamos) appareceram da banda de alem de um braço de agoa duas **onças** e se pozeram a olhar para a gente que estava salgando o peixe. Disse então o Irmão que folgava de as ir a ver. O Padre lhe respondeu que acabando o que estava fazendo as iria ver. Nestes comenos iam-se as **onças** d’ali; mas o Padre lhes bradou

5. Reproduzida por Leão (1948: 113, 114-117, 124).

que tornassem d'ahi a pouco para as irem ver. Ellas, obedecendo, tornaram ao tempo que os Indios tinham acabado o serviço, e as foram ver, de feito, em duas canoas, estando ellas quedas. O Padre José lançou o quinhão do peixe que lhes levára, e assim se foram contentes”). Em Rodrigues, P., S. J. ([1609] 1909) lê-se: P. 253 (“O padre reitor do Ryo de Janeiro, mandou hũ Irmão com Indios, a fazer hũa pescaria para prouimento do Colegio, ha ilha chamada de Maricaa, aos coães acompanhou o p.^c Jose, assy para se dar mais a Ds, desocupado de negócios, como para lhes dizer cada dia missa preguntando aos Indios pescadores, que casta de peixe querião tomar, e respondendo elle tal ou tal casta elle os emcaminhaua, a sertos pontos, aonde tomauão aquella sorte de peixe, e as uezes em tanta quantidade que leuantauão a rede para que senão rompese com o grande pezo dos peixes, e isto sem nunca atee então ter ido aquella lagoa, nem ter noticia de taes postos; estando o padre nesta pescaria hũ amigo seu lhe escreueo: quizesse ir a uer a outro seu amigo, por nome Aires Fr’z, que estaua muy mal, esta carta trazia hũ preto de Guine, escrauo daquelle homem, e no caminho correo muito risco de vida, por cauza das muitas **onças** q’ ha naquella paragem; antes que o preto chegasse com a carta, estando o padre seando com seu companheiro, guardou hũa posta do peixe que secauão, pidiolha o companheiro, respondeo: deixa ja goardat para quem, ho á mister mais que vos, e pondose em oração disse: emcomendemos a Ds, hũ pobre que esta em perigo, edahy a duas oras chega o nosso com a carta fazendo grande escuro, frio chuua, o padre lhe deu o peixe que goardara, e sem ler, a carta nem o preto ter falado, dise o que nella uinha, acodio então o Irmão: pôes padre uamos, respondeo o padre: maia ho eyde ajudar de qua que della, ao dia seguinte disse missa pello doente, que acabada preguntou o Irmãos, Aires Fr’s, morre ou uiue. E respondeo o padre: mal ha de pasar, mas escapa desta, e assy foy q’ uiueo dipoes muitos annos”). Pp. 282-283 (“Na comarqua do Ryo de Janeiro, desta banda sobre o Cabo Frio, ha hũa praga de **onças** de diuersas castas, muy crueis, hũas pela sinta grosas e ruyuas [as suçuaranas], ou pintadas outras negras pello meyo, e delgadas que são tigres verdadeiros, tambem dizem q’ ha leopardos, todas muy brauas e ferrozes; passando por esta paragem o padre Jose hũ dia com algũa gente. Dipoes de feita a choupana e agasalhando todos, se sahio de noite fora da cazinha, e se deteue por grande espaço de tempo, tornando a entrar, tomou hũ cacho de bananas (serta fruta da terra) e partindoo o lansaua fora, e dezia pella lingoa da terra: tomay la uos outras, sem se uer com quem fallaua, perguntado-lhe o companheiro a quem daua as bananas, dise que aquellas suas companheiras, e quando foy pella manhã se uio o rastro de duas **onças**, que estiuerao com elle assentadas no lugar em que elle estiuera em oraçam, e dipoes de acabada o acompanhrao atee a porta da cazinha. Outra ues estando o padre naquella pescaria em que por vezes falamos, apareserão da banda dalem de hũ braço de augoa duas **onças**, e se puzerão ha olhar para a gente que estaua escalando o peixe, dise então o Irmão que folgara de as ir la uer, o padre lhe respondeo que acabando o que estaua fazendo, as iria uer. Nestes comenos se hião daly as **onças**, mas o padre lhes bradou pella lingoa brazilica, que tornasem dahy a pouquo para as iren ver. Ellas obedecendo tornarão ao tempo em que os Indios tinhão acabado o seruiso, e as forão uer de perto em duas canoas, estando ellas quedas, e o padre, lhes lançou o quinhão de peixe q’ lhes leuaua. E assy se forão contentes”).

- 44.10. Monteiro, [1610] (*in* Leite, 1949: 418) (“Indo à caça dos bugios, frechou um [tigre], o qual pendurou pelo ramo de uma árvore, aonde morreu. Foi-o buscar o índio, e lançando-o no chão, acudiu a **onça**, e tomou-o. O índio de cima da árvore se pôs a pelejar com ela, porque lhe tomava a sua caça, e que fosse caçar se queria comer, e que não lhe levasse o que tanto lhe custara. E chamou-lhe muitos nomes, dizendo que era fraca e que não prestava para nada, e que esperasse até ele descer, e que veria quão valente ele era. A **onça** se pôs a caça, e parou às vozes do índio. Vendo ele que esperava. Se desceu da árvore com muita pressa, toma arco e frechas, e começa-lhe a fazer o motim, que é o que eles fazem na guerra, saltando ligieiríssimamente de uma parte pera outra. Nisto arremessou-se a onça e ele, e ele a ela, e de tal sorte atomou até que acudiram outros companheiros que andavam pelo mato à caça, e amarraram-na e levaram-na pera casa, e a engordaram por algum tempo, e em terreiro lhe cortaram a cabeça, com toda a solenidade com que costumam matar a um contrário, e nele tomaram nomes. Estes casos alcançaram alguns dos Nossos, e destes há muitos, porque um dos remédios que há pera escapar das **onças** é arcar com elas, e sugigá-las, que não possam jogar das mãos. Eu falei com um homem o qual andou lutando com uma até que de cansados caíram; e se valeu de uma faca com que a matou, mas ele todo saiu arranhado e ferido da contenda. Criam estas

onças os filhos com caça viva para os ensinarem a caçar. Há outras, que são pretas como azeviche, mui ligeiras e bravas”).

- 44.11. Brandão, [1618] 1887: 118, 1977: 236 (“BRAN. – [...] Também se acham nesta terra umas **onças** ou **tigres** muito listrados, do tamanho de um bezerro, grandes perseguidores do gado domestico, do qual costuma sempre matar muito. ALV. – E de que modo o matam? BRAN. – Com nenhum outro senão se arremessarem a elle, e lhe darem com a mão uma bofetada sobre a cabeça, com tanta força que é bastante – oh cousa maravilhosa! – e lhes quebrar os cascos por nuitas partes, com lhe espargir os miolos, morrendo logo a vacca ou novillo a quem isto aconteceu, sem por a parte de fóra lhe fazer ferida, nem mostrar signal por onde recebera tanto damno. ALV. – Folgara de saber si assim como accomette e mata o gado, o faz também á gente. BRAN. – A homem branco não ouvi dizer nunca que matassem, mas aos indios e negros da Guiné sim, quando se acham muito famintos”).
- 44.12. Esteban de Paternina, S. J., traduziu para o espanhol o texto latino de Berettari. Nessa sua *Vida del padre Ioseph de Ancheta de la Compañia de Iesvs, y Provincial del Brasil* (Paternina, 1618) encontram-se as seguintes passagens: Pp. 173-174 (“Solia tambien fuera de Itannia visitar otros lugares. En la Colonia del rio Ianuario, y en los montes que pertenecen a Cabo Frio andan **Onças**, que baxan hasta la ribera del mar. Aqui peregrinaua una vez con su ordinaria compañía, cogiolos la noche, y armaron vna tienda, en que se recogierō todos a dormir. En medio del silencio de la noche, salio como solia a orar al campo; boluio despues de un largo rato, y de la prouision que traian tomo cantidad de vna fruta [sic], que llaman Batatas, y arrojolas fuera de la tienda, diziendo en lengua Brasil. Tomad vosotras, o mias vuestra racion. Pregũtole despues el hermano, q’ yua por su compañero, a quien auia hechado de noche aq’llas Batatas? Respõdio a aq’llas mis cõpañeras; y a la mañana hallaron impressas en la arena las huellas de dos **Onças**, que le auian assistido mientras orò; y despues le acõpañaron hasta su tienda. Que aunq’ tan fieros animales, pero como otros menos brauos, amauan a Ioseph, mouidos por soberano infinito, como a hõbre innocente, y puro, y amado especialmente de Dios”; Pp. 342-343 (“Miẽtras q’ saluauã los peces, el dia q’ sucedio el caso passado, o en otro diferẽte, aparecierõ en la outra ribera dos **onças**, q’ cõ atẽtos ojos mirauã los pescadores. Dio a entẽder el Hermano q’ se holgara ð verlas mas de cerca, y el Padre dixo q’ en acabãdo su obra podria verlas assi. Yuãse ya las **onças**, y auisado el Padre Ioseph salio a ellas, y les dixo a voces q’ boluinessen poco despues, porq’ algunos las q’riã ver mas de cerca. Acabado el trabajo de aq’l dia se metierõ en dos Canoas, y el Padre cõ toda su cõpañia atrauessó la ensenada, y se acerco a la ribera cõtraria. Ellas entoces desde tierra se mostrarõ apaziblemẽte a los del mar, de manera q’ las pudierõ ver todos muy de espacio. Satisfechos ya de su vista, tomo el Padre vna racion de peces ordinarios, y se la arrojó, y ellas contentas se despidieron”).
- 44.13. Frei Vicente do Salvador⁶ (1889: 19, 39, 1918: 41, 93) (“Hã tambien muita diversidade de animaes nocivos, que se não comem, como são **onças**, ou **tigres**, que matão touros, e se estão famintos cometerão hum exercito, mas se estão fartos, não só não offendem a alguẽm, mas nem ainda se deffendem e se deixão matar facilmente”; “... a braços tomam [os índios] o peixe ainda que sejião tubarões, pêra os quaes levão em huma mão hum páu de palmo pouco mais, ou menos, que lhes metem na boca direito, e como o tubarão fique com a boca aberta, que a não pode serrar [sic] com o páu, com a outra mão lhe tirão por ella as entranhas, e com ellas a vida, e o levão para a terra não tanto pára os comerem, como pera dos dentes fazerem as pontas das suas frechas, que são peçonhentas e mortíferas, e pera provaremm forças e ligeireza, como tambien dizem que as provão com os veados nas campinas, tomandoós a cosso, e ainda com os **tigres**, e **onças**, e outros feros animaes”).
- 44.14. Calado, 1648: 324 (“Sahio a nossa gente, & acolhendoos no meio, matou a sincoenta & oito Olandeses, & quinze Brasilianos, os quaes logo ficarão estendidos no câpo, & vieraõ seguindo aos Brasilianos, & a primeira, que matarão foi a feiticeira, & profetisa, a **onça**, o tigre, & a Senhora dos Demonios...”).
- 44.15. Piso, 1658: 103.

6. Frei Vicente do Salvador terminou o manuscrito de sua *Historia do Brasil* em 1627, que está atualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa (Códice no. 49 da coleção “Livros do Brasil”). Uma edição com leitura semidiplomática desse original foi publicada por Oliveira (M. L.), 2008).

- 44.16. Vasconcellos, S. de, S. J., na *Vida do p. Joam d'Almeida* (1658): P. 117 (“Nam me deterei mais em contar as variedades de Féras destas grandes Montanhas; porque sam innumeraeis suas Especies, & nam sei em que parte do Mundo aja mais, & mais Mysteriosas. (...). Grande câtidade d’Antas, d’**Onças**, de Tigres, de Veiâdos, de Porcos Montezes, & alguns que se criam, & viuem nos Rios cono Peixes, de cujas condiçoens, & calidades, seria infinio, querer fazer particular mensam”; P. 162: “O caso que sabemos he, que nesta jornada aconteeo hum Caso Marauilhoso, que hoje conta com grande espanto hum Indio velho Principal, & já como Portuguez no saber, & discurso, chamâdo Syluestre Rodriguez. & alega outros dous Indios, que ainda Sam viuos, & se acharam entam presentes; E foi assi. Custumaua o P. Joam d’Almeida, quando indo Caminho chegaua a paragem onde auia de deterse, retirar-se a lugar secreto, a tratar desembaraçadamente com Deos: Eis que tomando Porto em certa ilha, chamadas pela Lingua dos Indios *Boiçu-âcanga*, entre a de Sam Sebastiam, & a Barra da Villa de Santos, depois de jantar, segundo seu Pio costume, se retirou no Mato a Orar; e foi tam d’Espaço, que sendo tempo de partir, nam aparecia: mandou o P. Companheiro os Indios buacalo por hũa, & outra parte da Ilha, & por mais que discorrêram tempo Notauel, nam foi achado: viase o Companheiro em grande afflicam, imaginando se por ventura cahiria d’algum Penedo ao Mar; ou seria acometido d’alguma **Onça**: trataua já d’embarcarse, senam quando d’improuiso ouue o Indio Syluestre Rodeiguez, (q’ estaua tendo mam na Canôa) a voz do Padre, que dizia: *Aqui estou: Aqui estou presente*. E de repente apareceo, ali à vista de todos, vindo por modo inuisuel, sem ninguem saber donde; tendo todos o Caso por Marauilhoso, por quanto ainda que era factiuel buscandoo na Ilha, nam o acharem. Era comtudo impossiuel aparecer de repête entre tantas Pessoas, que ali stauam, sem nenhuma ter vista d’elle, senam depois d’o P. se manifestar cô suas palauras”).
- 44.17. George Cardoso, no *Agiologio Lusitano* (Cardoso, 1666: 595) (“Iguale obediencia achou em as indomaueis feras, principalmente nas **Onças**, que saõ no Brazil de estranha grandeza, & ferocidade, pois he certo, que duas lhe fizerão por vezes corpo de guarda nos bosques, & mattos, quando de noite saia de casa, á ter nelles oração mental, achando o dia pequeno para gozar das celestias afluencias, i ellas o acompanahuão, & tornauão a pôr em saluo, o que lhe pagaua o Sancto com algũa frutta da terra”).
- 44.18. Vasconcellos, S. de, S. J., na *Noticias curiosas e necessarias das cousas do Brasil* (1668): P. 74 (“Estas externas apparencias, virão os Exploradores sómente, & só com ellas ficarão admirados: que farião se vissem seus interiores? se penetrarão aquellas matas solitarias, & virão a multidão de feras, que por alli se crião, izentas das treições da gente humana? Cançarião de contar suas especies sómente: Hũas verião de animaes nociuos, **tigres, onças**, gatos syluestres, serpentes, cobras, cocodrilos, raposas”; P. 97: “Verdade he, que tem contra si todas estas opinioens em gèral hũa instancia grande: & vem a ser dos animaes terrestre, **onças, tigres**, & outros semelhantes, como passarão a estas partes? pois nem era possiuel nadarem por tão grande distancia de mares, nem parece os trariaõ os homens consigo em suas naos, nem sabemos que houesse pèra este effeito segunda Arca de Noè, nem tambem que Deos fizesse delles segunda, & noua criação nesta terra. Porque então, a que fim mandàra o Senhor a Noè, se ocupasse em saluar na Arca as castas todas de animaes, macho, & femea?”; P. 289: “Como estas pudèra referir muitas especies extraordinarias: porèm não me dà lugar meu intento. Remetome aos liuros citados, & repito sómente os nomes: **onças, tigres**, gatos syluestres, serpentes, cobras, lagartos, crocodilos, raposas, antas, veados, porcos monteses, aquarios, mansos, pacas, tâtùs, tamandùas, coelhos, estes de seis especies; bogios, saguís, macacos, preguiças, cotias, coatis, londras: seria longo contar todos”).
- 44.19. Vasconcellos, S. de, S. J., na *Vida do venerável Ioseph de Anchieta* (1672a): P. 275 (“Hia caminhando por terra para Maricàa Ioseph [de Anchieta] & os companheiros, fizeram noite no caminho ao pé de hum penedo, que chamam Itaipuig em huma choupana de palha; he o lugar suspeito de **onças**, & **tigres** feros, que por alli assaltam os que passam; eis que alta noite sentio o companheiro que Ioseph sahia fora, (parece que a orar mais ao descuberto do Ceo), & entrando depois de largo espaço, tomou hum cacho de bananas, & lançandoas poucas & poucas pera fora, dizia, tomai, tomai vos outras vossa porçam, sem verem com quem fallaua; sahio o Irmão, & perguntoulhe, vossa Reuerencia a quem lança essas bananas? Respondeolhe, a estas minhas companheiras; ficou entendendo que eram as **onças** que o acompanharam; & nam se enganou, porque vindo a menham,

notou & vio o rasto de duas **onças**, que chegaua até a porta da choupana, sinal de havello acôpanhado; & verificaramno os Indios, que viram na area o rasto do P. juntamente có o daquelles animaes & có argumento infalliuel da marauilha de Ioseph a quẽ respeitauão como senhor”); P. 276: “Nam somente nas aues, mas nos animais mais feros, tinha o mesmo imperio. Persistindo na pesca misteriosa, appareceram da parte contraria duas **onças** medonhas, lançando os olhos cobiçosos aos que trabalhauam, nam parecia bem aos officiais, tanta vesinhança, porẽ seguro o Irmão com a companhia de Ioseph [de Anchieta], lhe disse, que folgaria vellas de perto, (deuia entender sem perigo) certificou-o elle que assi seria; fallou às **onças**, & disse-lhes que tornassem pouco depois, porque alguns queriam vellas mais de perto: Assi o fizeram as feras, porque acabado o trabalho daquelle dia, embarcados em huma canoa Ioseph com sua companhia, foram correndo aquella praya, mui perto da ribeira, & aqui entam sahiram de suas brenhas as **onças**, & como obedecendo à risca, vieram junto a agoa, & se mostraram aprasiueis, & mui de espaço a olhos de todos os que hiam por mar, com alegria, & sem perigo, como tinha prometido Ioseph. Aqui tomou huma porçã de peixe, & lha lançou da canoa na praya, pera seu comer, & prosseguiram seu caminho”; P. 383: “E quando nesta forma obedecia a terra insensiuel que nam fariam seus viuentes? Os animais mais feroces, as cobras, serpentes, onças, tigres, touros, & os ridiculos bugios, a seu mando, hiam, vinham, parauam & fstejauão sua presença. Que de vezes qual a outro S. Paulo lhe vieram as cobras ás mãos affagandoas elle, & tornandoas a mandar seus caminhos, com preceito que nam molestassem os homẽs; dando doutrina aos barbaros de como as feras obedecem, a quem serue a seu Creator. As **onças**, os **tigres** lhe fizeram corpo de guarda, no caminho dezerto, & perigozo de Maricãa, até metello em lugar seguro; naquella celebre pescaria obedecetam a seu mandado, deixando de atemorizar os que pescauam, retirandose por entam a suas matas, & tornando a tempo destinado, a recrear os mesmos que dezejauam vellos mais de perto, mas de lugar seguro”; Pp. 406-407: “A perfeiçam da obediencia deste grande Varam, a meu entender se deue regular pella obediencia, que pera com elle guardaram os animais, porque segundo a doutrina de Sam Boaventura, quanto mais leuantedo he o espirito de obediencia em hum Religioso, tanto mais lhe obedecem as criaturas, por destino do Ceo; seguindo a deste grande Doutor, rara, & extraordinaria foy a obediencia do nosso Adam segundo, quanto foy raro, & extraordinario o modo cm que vimos por esta historia, lhe obedecerem as cobras, **tigres**, **onças** [Figura 2], touros, monos, & até as aues do ar mais voluntarias, & peixes de agoa nadadores”).

- 44.20. Vasconcellos, S. de, S. J., na *Recopilaçam* (1672b): P. 4 (“As **onças**, & os **tigres** no caminho de Maricãa do Rio de Ianeiro nam só obedeceram, mas ainda seruiram ao nosso Adam marauilhoso foram em guarda sua por todo aquelle despouaado mal seguro, por hum, & outro lado, (como, se sí a isso foram mandadas) até a caza, onde hauian de fazer noite, & não voltaram sem licença, & sua merecida porçã de comida, que Ioseph lhe lançou, despidoas. Nas mesmas praias de Maricãa na celebre pescaria que alli fez, cheia tanto de peixes, como de milagres, com maior espanto dos Brasis, mandou as onças, que os vigiavam, que se retirassem, & nam assombrassem os pescadores; & obedeceram, mas porque estes dezejauam ver mais de perto aquelles animais, se pudesse ser sem perigo, disselhes juntamente, agora nam ha tempo acomodado, pẽra que estes meus companheiros vos vejam como quizaram, vinde vos outras quando voltarmos na canoa, que dahi vos veram. Cumpriram à risca todo o mandado, recolheramse por entam a suas brenhas, & quando voltauam na canoa, appareceram algumas dellas na praia aos que hiam correndo a ribeira, & dalli as viram de perto sem perigo, lançandolhes como em premio algum peixe para seu comer”); P. 34 (“As aues, os animais, os touros, **onças**, & **tigres** mais feros; trazia [o Pe. José de Anchieta] ao serviço do homem, fazendolhe as aues sombras, os tigres guarda, todos a seu serviço, & gosto”).
- 44.21. Ferreira (J. de S.), [1693] 1894: 44-45 (“A cidade tambem é mal provida de carne, por não haver pastos de natureza; só na ilha grande de Joanes [Marajó], que não fica fóra de mão, ha 20 ou 30 leguas de campinas de pasto agreste, que culticando-se poderá com o tempo melhorar. Ahi que já ha bom principio de gado, e os pastos que os moradores fazem por suas fazendas, desbastando madeiras, não superabundam até o presente, e os tigres são em tanta quantidade, por não haver descampados, que em se metendo uma rez no mato não sai, e o mesmo risco corre a gente, si não anda acompanhada, (...). Em terra os tigres, feitio de gato, altura de meio jumento, menos barriga, mais compridos, e dobrados de peito e pulso, matam de salto, descarregando com a mão na cabeça a um homem, boi,



FIGURA 2: Pe. José de Anchieta, com onças (Gravura de Giovanni Girolamo Frezza. Biblioteca Nacional de Portugal).

- ou qualquer outro animal; tudo estendem, como si fosse um raio. Por outro nome se chamam **onças**, são de côr uns pretos, outros pintados de pardo e negro, e ha outros vermelhos [as suçuaranas], a que em outras partes chamam leopardos; estes são menos ferozes; porém as outras duas sortes são tão severos, que se não desviam de nada, nem apressam o passo encontrando gente; e si é uma pessoa só, corre risco de tornar para traz, nem ir para diante, até que lhe acuda alguém com quem se retire. Provê a natureza com abundancia a região de muita caça, que se acha, tanto nos matos, como nos rios, e de muito peixe, assim nos rios como nos matos; porque, como é clima quente, terras baixas, e todas cobertas de matas e cortadas de aguas, onde ficam empossadas por lhes entrarem de marés grandes ou chuva, ahi criam em qualquer parte muita variedade de peixe, e pela mesma razão toda a caça se acha passando de umas partes para outras, baseando suas comerias, ou fugindo nos contrarios; e como todo o commercio é pelos rios, ahi ordinariamente se encontram veados, antas, capivaras, bandos de porcos, e outras caças, onde com facilidade se aproveitam os navegantes do encontro, e só o de tigres não aceitam de boa vontade, porque se vão enfadados; e si desconfiam de algum agravo, viram a canoa, e é necessario apertar o remo, porque lhes não chegue a fera a saltar dentro e a todos desbaratar...”).
- 44.22. Pitta, 1730: 39 (“Das feras ha tigres, **onças**, antas, susuaranas, e javalis, que chamaõ porcos do matto”).
- 44.23. Anôn.¹, [Séc. XVIII] (“Onça – iagoara-eté”).
- 44.24. Frei João de Arronches [1739] in Ayrosa, 1935: 188 (“Onça – jaguareté”).
- 44.25. Anôn., 1750: 319 (“Onça – jagoára-eté”).
- 44.26. Pe. Antônio Moreira, S. J., em sua *Delaração das raridades do Maranhão de pexes, aves^{etc}* (ca. 1750) (“= Tamanduágoaçû = he hum animal do tamanho de hũ Cão grande, o cabelo preto não se distingue das sedas de porco, mas tam Compridas, q’ passão de hum grande palmo; he bicho feroz, tem unhas m^{to} grandes, e compridas, agudas, e retrosidas, Com q’ brigão; regeitão, e matão os Caens q’ os acomettê: brigão estes animaes Com os **tigres**, e **onças**, de q’ logo fallarei, do modo seg^{te}. Quando a **onça** dá o salto p^a lhe dar Com a manopla, joguele Com o Corpo, e Como he m^o ligr^o salta logo em Cima da **Onça** sobre as espadoas e abraçando-a Com os braços, q’ são compridos a travessa Com as unhas, e m^{as} vezes lhe chega ao Coração, e não a larga, senão ja morta ou mortal”) (Papavero & Teixeira, 2011: 117-117) (“Hã Tygres pretos, cujas pelles são preciosis^{as}, e m^o estimadas, e procuradas; sua grandeza he Como de Novilhos. São do feitio de Gatos no focinho, manoplas, e unhas m^o grandes. São ferociss^{os} e destemidos animaes. Hã **onças pintadas** matizadas de preto, branco, e amarello suñam^e agradaveis à vista, mas suñam^e horrorozas aq^m as vê vivas pella sua ferocid^e. Hã outra Casta de onças louras, aq’ chamão = Susuaránas = mais ferozes q’ as pintadas; mas tanto, Como os Tygres: hũas e outras Λ ^{são} do feitio dos Tygres, e tem tanta força na mão esquerda Λ (como tm os Tygres) Comq’ atirão a manoplada, q’ dando na testa de hum Boy lhe fazê os Cascos em pedaços, deyxandoo morto: São a destroição dos Curraes de Gado Vacũ, e Cavallar, não perdoando a Couza alg^a, e m^{as} vezes matão m^{os} juntos, e lhe chupão som^e o sangue. porê doq’ mais gostão he da Carne de poldros pequeninos, nos quais fazê sima destroição, e matança. Sua carne he Comestivel e os nat^{os} gostão m^o della”) (Papavero & Teixeira, 2011: 118-119); (“Todos esses animais sobred^{os} se domesticão, excepto os **Tygres**, **onças**, Maracajaz, Lontras, Mocuras, e camaleons”) (Papavero & Teixeira, 2011: 120); (“Q^{do} [as tartarugas] vem a dezovar nas prayas ~~de area~~ Λ ^{enqto} os Rios nas vazantes dos Rios fazendo Covas Com as patas mãos na area e cada hũa bota mais de Cem ovos na Cova e a forra as Cobre de area, e ali se Crão por si só, e sahẽ alem [...] p^a fora da Cova e logo Corrẽ p^a a agoa; aqui he q’ todos os animaes Como **onças**, **Tigres**, jacarés, e outros ^{Passaros grandes} fazẽ nellas Λ [...] nos ovos grandis^a destroição comendo inumeraveis”) (Papavero & Teixeira, 2011: 120).
- 44.27. Moura (A. R. de), [1751] 1845: 494, 495.
- 44.28. Anôn., [1754]: 7.
- 44.29. Brisson, 1756: 270, 271.
- 44.30. Marcos Antonio (Pe.), 1757: fól. 70v (“Onça – jagóaraté”).
- 44.31. Anôn., ca. 1760: 7-8 [cf. Teixeira & Papavero, 2014a: 42-43] (“... o outro animal he a **Onça**, taõ atrevida que ainda meya morta a forsa de tiros investe a quem a ofende; e com tudo no Pará a quem andar vigilante he fácil o matala; porque sendo muntas as arvores de trás de huma se lhe pôde atirar a salvo; porque a penas se ve ofendida a olhos fechados remete a tudo o que encontra, e agarrando-se á arvore a não larga o caçador, o qual ninguem deve largar naquella terra, lhe dessepa de um

golpe a mão esquerda aonde consiste todo o seu valor. E he para ver a **onca**, ou o tigre, que tudo he o mesmo, a bulha que faz no chaó depois de se ver manca, e decepada estes atrevimentos só os tem contra os que caminhaó solitarios, porque a dous não só não investe, mas ainda foge, sendo com tudo taó safaz, que por muntas legoas acompanha os comboyos, e ranchos, observando se por disgraca fica algum a tras para nelle fazer preza”).

44.32. Anôn.¹, [Séc. XVIII, Diccionario]: fól. 23r (sob *iagoara eté*).

44.33. Anôn.², [Séc. XVIII] (2): fól. 62v, coluna 1 (“Onça animal macho – Joagoareté-apyába”. “Onça femea – Jagoareté cunhá”).

44.34. Eckart, [Séc. XVIII]: 123 (“*Onça*, femea. Jagoareté cunhá”, “*Onça*, macho. Jagoareté apyába”).

44.35. São José, [1762-1763] 1847: 180, 184, 199.

44.36. Joseph Barbosa de Sáa (Sáa, 1769) (“E ainda que sediga ser regra da natureza, que os animais mestisos não geraó como semostra nas mullas cuja resam darei quando deste animal tratar, histo he nas femeas que não consebem, que os maxos não nos consta que deixem de gerar, e esta esterillidade da femea hé naquelle primeiro grão, que nos seguintes não lhefica a conjunsam das especias em natureza, e como o officio desta he produzir, obra nelles seo natural efeito, Histo vemos nas **Onças** que secastisam de diferentes especias, e sam as veses mestisos. E as vezes hum da especia da mai, e outras da do pai, o que tambem pode ser por sejuntarem as femeas com os de huma, e outra especia”) [Fólios 279v-280r; Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 18-19]; (“Nos nosos limites não he menos admiravel a produçam destes animais; naquellas celebres campanhas que decorrem das margens do Paragoay the o rio de San Pedro e Laguna, he tal a produçam [do gado bovino] que sefas inexplicavel laboro por uma sintomia, que he a ponderasam de que ha 5 naçoens de gentios barbaros naquele districto que não tem outro sustento mais do que aqueles gados. As **Oncas** [sic], e Gatos que nas mesmas campanhas se criaó sam sem numero, e do mesmo sesustentaó”) (Fólio 282r; Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 21); (“**Onça** hé animal que seacha em toda America divide-se em septe especias, a saber pretas aque chamaó Tigres, pintadas de quatro diversas castas. Jagoapitanga que he da cor de um veado, e Sucerana que hé sisenta⁷. As pintadas humas tem as manxas pretas em campo vermelho, outras de manxa preta em campo branco outras manxadas de preto e branco igual mente e outras de manxa muito meuda de preto e pardo; todas ellas valentes e exforsadas. As mais notaveis sam as pintadas de manxas pretas em campo vermelho que sam as mayores de todas mais valentes atrevidas, e confiadas que entraó nos corais a matar o gado, e nos xiqueiros dos Porcos, com tal exforço e agilidade, que matão uma res Boy ou vaca dentro do curral suspendemna, e tiraó por sima da serca, que as veses he de oyto palmos de alto; roncão como hum Touro, e quando o fasem espantaoce os passarinhos e fogem os mais quadrupes como seouvissem o estrondo da morte que os avisa; os demais tem os berros submisos e as Jagoapitangas meão como gato que seouve hũ quarto de legoa. Costumão todos estes animais andar enconsorcio, mas quando chega a femea o farnesi do cio ajuntaóce em queixas na mesma forma que fasem os caens atras das cadelas, adonde fasem pendencias, regetaóce, e mataóce as veses; e nestas funsoens não sejuntaó só mentes [sic] as da mesma especia mas de todas ellas, e todas castisam humas com as outras, e porem de hum parto the sinco e seis filhos como fasem as gatas, huns semelhanes aos pais outros as mais, e outros mestisos, como seachão nos ventres das femeas quando semataó. Sam todas ellas sagasissimas tem tal conhecimento e dircurciva que parecem racionais como he o saberense esconder de cillada para faserem presa a sua vontade, e quando conhesem que sam vistas, fasence mortas ou que dorme [sic] para não faserem caso dellas, e acometerem a seo salvo, seachaó fraquesa fasem presa, e se resistencia, poense a cobro e quando fogem he com huma tal simullasam que o não parece; temem a prespectiva da cara do homem em tal forma que quando para elle olhaó, ficam supita e como esmorecidas, e muito mais se o homem lhe dá hũ grito com arogancia. Acometem e matam gente só de duas maneiras, huma he a traisam muito a seo salvo; e outra estando inbrabecida de todo o ponto que nada respeita, e ainda nestes casos quando asferem bem feridas as veses se retiraó, as occasioens enque mais enbrabesem he, quando selhespegaó os filhos, ou estando com alguma presa nas garras que se vai a intender com ellas, nestas occasioens ou matão ou morrem constantes. Casam animais da terra, do ar, e das agoas fasem cilladas

7. Jaguapitanga e suçuarana são sinônimos.

aos passaros que dessem no xam adonde os colhem, trepaõ nas arvores a casar os que não dessem, eos Bogios, que nellas vivem; aremedaõ os mas animaes no ecos da vox, aos pasaros e Bogios, com que os fasem chegar para os prender; pescaõ peixes nas alagoas, e rios, e margens do mar postas de cillada enhuma ribanceira estendidas pella terra, e quando chega o peixe dalhe huma manoplada com tal jeito que olansa em terra, e quando não chegaõ os peixes chocalha huma manopla para o fazer chegar e então opesca. Sam estes animais inimigos de todos os viventes, the os de sua mesma especia, que seosmataõ en pendencias, ou achaõ mortos comem nelles sem escrupulo algum. Comem toda a quallidade de animais e viventes formigas, gafanhotos, e mais insetos [sic]; the podridoens como fasem os cachorros gosos; comem ervas nas infirmitades que sentem; nadaõ nas agoas taõ velloses que faz admirar; tem os dentes duríssimos que arebentão os mais duros osos, e com a velhise não lhes cae, mas gastão-lhes, tem vivíssimo o faro com que tudo sentem e conhecem. Venselhes os olhos de noite como duas luses quando olhaõ encaradamente para huma pessoa; em noites serenas de lua clara achaõse sentadas como cão encaradas e inlevadas para a lua ental forma que não senten quem a ellas chega. Sam suas carnes incapases de secomerem porgordas, e fectidas; exceto as Suceranas e Jagoapitangas que sam mais acomodadas. As virtudes que nos dentes e unhas destes animais se dá he cousa intrisa entre a plebe, e trasenos nos brasos e pescosos por donaire; e as que lhesderaõ os antigos naturalistas sam mais para discursos poeticos e morais que para verdades físicas e naturais”) (Fólios 287v-289r; Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 27-29); (“Andão [os macacos] sempre juntos em rebanho se algum fica atras e perde a companhia dos mais, alli fica atado, the tornarem por ali a pasar, ajuntaõce huns por diante, e outros cavalgando como os mais brutos parem hum so filho encada anno; assim que o pare abrasão lambe chegaõ ao paito e logo o põem as costas e acompanha o bando. Sentido qual quer roído ao pe das arvores, dessem a reconhecer o que he, espantandoce com muitas visagens, se he animal pequeno dessem a brigar com elle, e se he cousa que os atemorisa fogem; e nisto representaõ as **Onças** com elles humas galantes farças metendoselhe debaixo de algum serrado coberto de ramas fasendolhes hum sustenido com a garganta escondendo o corpo batendo com o rabo de vez enquando; dessem elles a reconhecer o que he, tanto que ella os ve de jeito faz sua presa fazendo os demais hir de volta; e o mesmo faz a gente que os quer casar a seu salvo”) (Fólios 291r-291v; Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 32-33); (“Temce achado estes animais [tamanduás] ataracados com as **Onça** [sic] mortos ambos, elles degollados, e ellas espremidas nas unhas delles”) (Fólio 293v; Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 35); (“São todas estas 3 especias [de rás] livres de veneno, as carnes alvas, tenras desgostosas, idoneas para toda a dieta; e de muito proveito para os tísicos, eticos, e piomaticos; para diarreas, febricitantes, para a doensa das almorreimas, para todos estes achaques, comidas cosidas com a pellea, e beberlhes o caldo; e toradas feitas enpó com a pelea, e osos admiravel remedio para estancar sangue solto das veas por qual quer causa que seja, applicados os pos por a parte ofendida, Seo cantar he hum ronco como a voz de quem geme, parece que lamentando a desgrasa enque nasceraõ, pellos muitos inimigos que tem, sem que ofendaõ a vivente algum; sam perseguidas das gentes, das **Onças**, gatos, Iraras, Raposas, das Cobras, e dos gaviomens que todos achaõ nellas bom pasto”) (Fólio 312v; Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 58).

44.37. Anõn., 1771: fól. 113v (“*Onça*, animal – jaguareté”).

44.38. Caldas, 1774, 1775a, 1775b, 1776a, 1776b, 1778.

44.39. Sampaio (F. X. R. de), 1775: 58 (Sampaio (F. X. R. de), 1825: 60, 86) [cf. Papavero, Chiquieri & Teixeira, 2015: 125-126] (“Tendo em toda esta viagem visto por varias vezes **onças**, na tarde de hoje se matou a primeira com dois tiros, que da canoa se lhe atirarão. Posto que ainda nova, tinha já hum avultado Corpo. Este animal he hum dos mais ferozes e formidaveis, que habitão as selvas do Amazonas. São em tanta quantidade, que he perigozo qualquer descuido em entrar no mato sem cautella. Por esta cauzão ficão muitos Indios, dos que se vem á colheita do Cacáo, victimas infelizes d’aquella ferocíssima fera. Não há maior Segurança nas Povoações, em que chegão a entrar pelas cazas. Alem da sua ferocidade, he este animal dotado de incrível ardileza para fazer as suas prezas; não somente peleja contra todos os animais, mas athe pesca tartarugas, e combate valerosamente contra o Jacaré, ou Crocodilo. Ainda que os seus dentes sejam extremamente agudos, largos, e reforçados, comtudo a sua maior força consiste nas unhas das mãos, com que faz tiro seguro a objecto, que intenta, principalmente de sima de alguma arvore, em que costuma fazer as esperas, estando sem-

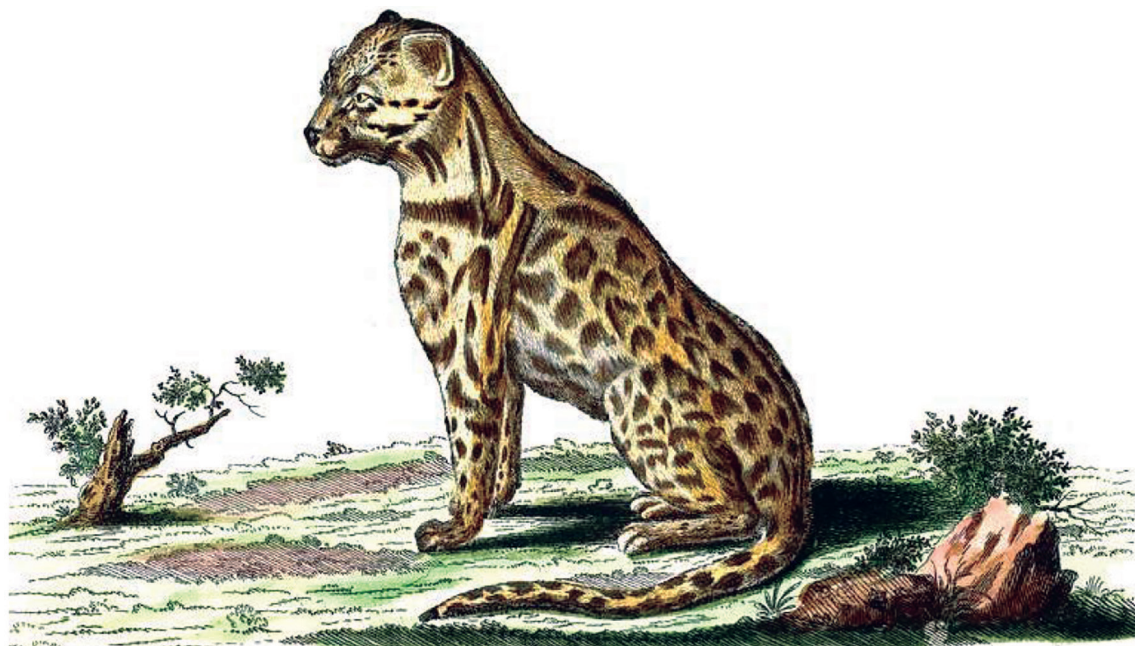


FIGURA 3: Onça (Schreber, 1778: 388, pl. CII).

pre movendo a cauda, que he o que algumas vezes a faz pressentir. O unico inimigo da *Onça*, mas inimigo infeliz, he o Tamandoá-uaçú. Do combate destes dois animais se segue a morte de ambos. As armas do Tamandoá-uaçú, são as unhas do comprimento de meio palmo, e agudissimas. Depois que com ellas prende a onça as não desenterra athe que ambos morrem”); [cf. Papavero, Chiquieri & Teixeira, 2015: 171] (“O Inimigo maior do Jacaré he a **Onça**”; Sampaio (F. X. R. de), [1774-1775], 1872: 257-258 (“Conforme o systema de M. de Buffon, não há na America a onça verdadeira: e por isso o citado naturalista aos referidos animaes, que nós chamamos **onça**, os proprios nomes americanos na lingua *Tupinambá*, a dominante do Brasil. Assim lhe chama *Jaguar*, que deriva da palavra *Jauaraité*. Faz duas especies da onça malhada e da onça vermelha. Porém note-se que não é mais que uma variedade, porque a onça vermelha e a malhada copulam mutuamente, ou seja femea ou macho. Muitas vezes se vê uma onça com filhos malhados e outros vermelhos. Ora, conforme os principios do dito Buffon, quando dois animais copulam, e os filhos depois não são estereis (como o mulo ou mula), é signal da identidade de especie. Isto é o que sucede nas onças americanas”).

44.40. Meneses (J. C. de), 1775.

44.41. Schreber, 1778: 388, pl. CII [Figura 3].

44.42. Meneses (J. C. de), 1780.

44.43. Meneses (J. de N. T. de), 1780.

44.44. Frei José de Santa Rita Durão (Durão, 1781): P. 129 (Canto IV, LVI) (“Nem mais espera o Caeté furioso,/ E qual **Onça** no ar, quando destaca,/ Arroja-se ao contrario impetuoso,/ E hum sobr’outro co’as mãos peleja ataca:/ Não póde discernir-se o mais forçoso;/ E sem mover-se em torno a gente fraca,/ Olhão luctando os dous no fero abraço./ Pé com pé, mão com mão, braço com braço”); P. 213 (Canto VII, LV) (“Todo o animal he fero alli; levado/ Donde tinha o seu pasto competente;/ Nem era lugar próprio ao nosso gado./ Que fora o bruto manso, e fera e gente: Como entre nós he o Tigre arrebatado,/ Cruel a **Onça**, o Javali fremente,/ Feras as Antas são Americanas,/ E próprias do Brazil as Suraranas [sic; suçuaranas]”).

44.45. Meneses (J. C. de), 1781, 1785a, 1785b, 1786a, 1786b.

44.46. Meneses (J. de N. T. de), 1782.

44.47. Eckart in Murr, 1785: 542-543⁸ [Figuras 4 e 5].

8. Na tradução de Hartmann (2013: 98-99); “P. 550. Nove espécies de gatos. *Felis onca* e Tigre dos portugueses. Tigres, cobras e crocodilos são os três principais inimigos que, nestas paragens, se temem dada a sua fúria e crueldade. É de admirar que em sua língua os brasileiros [índios] dêem a este feroz felino o nome de cachorro verdadeiro, pois chamam ao tigre de Jagoáreté, de jagoára e eté. Na Missão de

§. 550. 9 Katzenarten, Felis onça, und Tigre der Portugesen zc. Tiger, Schlangen und Erocobille sind die drey Hauptfeinde, welche wegen ihrer Wuth und Grausamkeit in diesen Ländern zu fürchten sind. Es ist zu verwundern, daß die Brasilianer in ihrer Sprache diesem grimigen Katzenfische den Namen eines rechten Hundes beylegen; da sie eine Liegerkatze Jagoaréte nennen, von jagoára und eté. In der Mission Abacaxis kam einmahl bey der Abenddämmerung eine onça bis an meine Thüre. Auf einmal hörte ich ein Geschrey und Lärmen der amerikanischen Jungen im Hause, welche mit Stangen dieses auf den Raub ausgegangene wilde Thier verfolgten. Es entwichte durch die offene Hausthüre und sprang über die verschlossene Hofthüre, ohne eines von den Kindern zu verletzen, deren bey

FIGURA 4: Trecho sobre a onça de Eckart in Murr, 1785: 542.

bey 60. da Stunden, und auf ihr Nachteffen warteten. Vor meiner Ankunft in gemeldetes Dorf ist ein Indianer daselbst von einem Tiger zerrissen worden; und war die ganze Geschichte in dem Todtenbuche aufgezeichnet. Dieser grausame Tod wurde für eine Strafe Gottes ausgelegt, weil dieser Amerikaner einige Sachen aus der Kirche, (die in der Landsprache das Haus Gottes genennet wird) entfremdet, und sogar aus dem Altaruche sich ein Hemd zugeschnitten hatte. In einer Gegend am Flusse Xingú sind 2 Indianer von einem Tiger erlegt worden, welche auf dem Felde der Schlaf überfallen hatte. An eben diesem Flusse in der Mission Piraguiri begleitete mich einmahl ein Portugese mit einem Seltengewehr in der Hand, da ich des Nachts zu einem Kranken ritt; sonst gieng der Vater allezeit unbewaffnet, blos von einem jungen Amerikaner begleitet. Auch weiß man kein Beyspiel weder in diesem Jahrhunderte, noch in den 2 letztverfloffenen, daß ein Missionarius von einem wilden Thiere sey beschädiget worden.

FIGURA 5: Trecho sobre a onça de Eckart in Murr, 1785: 543.

Abacaxis, uma **onça** chegou até minha porta ao cair da noite. De repente, ouvi a gritaria e o barulho dos maninhos americanos da casa, que perseguíam com varas este animal selvagem. Ele fugiu pela porta aberta e pulou por cima da porteira trancada do quintal, sem ferir nenhuma das crianças, em número de 60, que ali estavam para receber o seu jantar. Antes de minha chegada na mencionada aldeia, um tigre havia estraçalhado um índio; toda a história estava registrada no livro de óbitos. Essa morte cruel foi considerada um castigo de Deus, porque o dito índio havia subtraído coisas da igreja (que na língua da terra é chamada Casa de Deus), tendo até feito uma camisa do mantel do altar. Num local junto ao rio Xingu, dois índios foram mortos por um tigre quando adormeceram a céu aberto. Nesse mesmo rio, na Missão de Piraguiri, um português me acompanhou com uma baioneta, quando fui visitar um doente a cavalo em plena noite; em outras ocasiões, o padre sempre ia desarmado, apenas acompanhado de um jovem americano. Também não se tem nenhum exemplo neste século ou nos dois anteriores, de um missionário atacado por um animal selvagem”.

44.48. Melo, 1788.

44.49. Moraes-Silva, 1789: 133 (“animal feroz do Brasil”).

44.50. Vandelli, 1789a: 190, 1789b: 235.

44.51. Ferreira (A. R.), [1790a] 1849: 91.

44.52. Melo, 1791, 1792.

44.53. Barbosa (F. de O.), [1792] 1843: 23.

44.54. Abreu, [1793] (*cf.* Abreu, 1902, 1916).

44.55. Smith, 1879: 197-198 (“*F. onça* [sic], the jaguar, belongs properly in the lowlands, though it is frequently seen about the edges of the terra firme. This is the **onça** *par excellence*; but the Indians have their special name, *jauareté pacova-sororoca* – **onça** of the wild plantain (a common plant of the river banks). The other spotted kind is never seen on the lowlands, and it is quite different in form and habits from the *F. onça*. Moreover, it is readily distinguished by its markings; the **onça** has small back spots on a light ground; this one has small black spots. Running into stripes on the back, but never gathered into rings. I believe there can be no doubt that the two are distinct, and that the highland species is undescribed; it does indeed approach the *F. hernandizi* Gray [sic], from Mazatlan. Variety or species, or highland **onça** is not connected with its cousin by any gradation; and the Indians always distinguish it as the *uriauára*, or dog onça (*onça cachorro*)⁹. For my part I would trust an Indian, in such a question, quite as readily as an anatomist. The black tiger, largest and fiercest of all, has been regarded as a melanic variety of the jaguar, but the Indians laugh at that idea. The black species, they say. Belongs only on the terra firme, like the *uriauara*; the black mother always has black cubs; the animal attains a larger size, and is feared far more than the most terrible jaguar. Finally, the body is thicker and heavier in proportion, and the Indians distinguish the cry of this species from that of any other. For the present, I prefer to believe that they are right, and that *F. nigra* is a valid species”). [Em tradução: “Das espécies maiores, há três bem definidas. *F. onça*, a onça, vive propriamente nas terras baixas, apesar de ser vista frequentemente nas bordas da terra firme. Essa é a onça *par excellence*; mas os índios têm o seu nome especial, *jauareté pacova-sororoca* – onça dos pacovais (planta comum nas margens dos rios). A outra espécie pintada nunca é vista nas terras baixas e é completamente diferente em forma e hábitos da *F. onça*. Além disso, é facilmente distinguível pelas marcas; a onça tem anéis ou rosetas negras num fundo claro; esta uma tem pequenas manchas negras juntando-se em listras sobre as costas, mas nunca reunidas em anéis. Creio que não pode haver dúvida que as duas sejam distintas e que a espécie das terras altas acha-se indescrita; parece-se realmente com *F. hernandizi*, Gray, de Mazatlán. Seja variedade ou espécie, a nossa onça das terras altas não está ligada à sua prima por nenhuma gradação; e os índios sempre a distinguem como *uriauára*, ou onça canina (*onça cachorro*). Nesse assunto, eu, por minha parte, confiaria num índio tanto quanto num anatomista. A onça preta, a maior e a mais feroz de todas, tem sido considerada como variedade melânica da onça, mas os índios riem-se dessa ideia. A espécie preta, dizem eles, pertence exclusivamente à terra firme, como a *uriauara*; a mãe preta tem sempre filhotes pretos; o animal atinge dimensões maiores e é muito mais temido que a mais feroz onça. Finalmente, o corpo é mais grosso e pesado em proporção, e os índios distinguem o grito desta espécie do de todas as outras. Por enquanto, prefiro crer que eles têm razão e que *F. nigra* é espécie válida”.

45. Onça-baia (baio, a = de pelagem acastanhada)

45.1. Silva (H.), [1913]: 133 (“outra variedade de cangussú de malha larga é chamada **onça-baia** no norte de Goyaz. Nesta o campo é côr de canella ou de côr baia propriamente, e d’ahi aquelle nome especifico que lhe dão os nortistas goyanos”).

46. Onça-cachorro

46.1. Smith, 1879: 197.

9. Outro erro de Smith.

47. **Onça-canguçu**

- 47.1. **Onça-canguçu**. Burmeister, 1854: 84
 47.2. **Onça-cangussu**. Silva (H.), [1913]: 116, 131; Aguirre, 1954: 19.
 47.3. **Onça-cangussú**. Le Cointe, 1945: 100.
 47.4. **Onça-canguçu**. Baptista, [1974]: 230.
 47.5. **Onça-canguçu**. Paranaguá, 1905: 152.
 47.6. **Onça-canguçu**. Ortêncio, 1983: 308.

48. **Onça-de-malhas-grandes**

- 48.1. Sampaio (F. X. R. de), [1775]; Quadros, 1892: 246.

49. **Onça-maçaroca** [*maçaroca* = rolo de cabelo em forma de espiga de milho]

- 49.1. **Onça-maçaroca**. Baptista, [1974]: 230.
 49.2. **Onça-maçaroca**. Nonato, 1980: 337 (“a que tem um molho de cabelos na testa”).
 49.3. **Onça-massaroca**. Cabral, 1982: 553.

50. **Onça-malhada**

- 50.1. Sampaio (F. X. R. de), [1775], 1850: 257
 50.2. Baptista, [1974]: 230.

51. **Onça-mestiça**

- 51.1. **Onça-mistiça**. Prazeres, [1819-1820] 1891: 168 (“filha do tigre e suçurána”).
 51.2. **Onça-mistiça**. Beaurepaire-Rohan, 1911: 194.
 51.3. **Onça-mistiça**. Ávila-Pires, 1992: 210.
 51.4. **Onça-mestiça**. Noll, 2010: 5.

52. **Onça-negra**

- 52.1. Mattos, 1874 (*cf.* Papavero & Teixeira, 2000) (“onça negra ou tigre”);
 52.2. Pelzeln, 1883: 138 (*Felis onca* var. *nigra*; referência ao trabalho de A. R. Ferreira).
 52.3. Wappaeus, 1884: 272.
 52.4. Gonçalves, 1904: 36.
 52.5. Maia, 1956: 310.

53. **Onção** [onça grande, jaguaruçu]

- 53.1. Freire, 1954: 3691.

54. **Onça-pintada**

- 54.1. **Onça-pintada**. Joseph Barbosa de Sáa (Sáa, 1769: Fólio 728r) (“Huma **Onça pintada** vi achar-selhe no ventre quatro filhos já perfeitos, dous pintados, hum preto, e hum pardo, que são as três castas que secastisao humas com outras, que saem semelhantes aos pais e nao as mais”) (Papavero, Teixeira, Figueiredo, Santos & Campos, 2013: 17).
 54.2. **Onca-pintada**. Meneses (M. da C.), 1773.
 54.3. **Onça-pintada**. Reys, [1785] 1997: 41.
 54.4. **Onça-pintada**. Ferreira (A. R.), [1790b] 1972: 16.
 54.5. **Onca-pintada**. Temminck, 1827: 136.

54.6. *Onza-pintada*. Fischer, 1829: 199, 736.

54.7. *Onca-pintata*. Buscalioni, 1901: 80.

55. *Onça-pintada-canguçu*

55.1. *Onça-pintada-canguçu*. Quadros, 1892: 246.

56. *Onça-pintada-de-malha-grande*

56.1. Souza (J. de P. L.), 1878: 66.

57. *Onça-pintada-de-malha-pequena*

57.1. Souza (J. de P. L.), 1878: 66 (“depois da preta he reputada a mais feroz”).

58. *Onça-pintada-de-malhas-miúdas*

58.1. *Onça-pintada-de-malhas-miúdas*. Ihering (H. von), 1894: 24.

59. *Onça-preta*

59.1. Soares (F., Pe.), 1591: linhas 998-999 [cf. Cunha (A. G. da), 1966: 107] (“Ha outras pretas e outras pardas q’ não fogê da gente antes se dexa matar”).

59.2. Sampaio (F. X. R. de), [1774-1775], 1850: 257.

59.3. Ferreira (A. R.) [1783-1792] in Teixeira & Papavero, 2003: 98, 99 (fig.) [*Panthera onca*], [1790] 1972a: 162 [Figura 6].

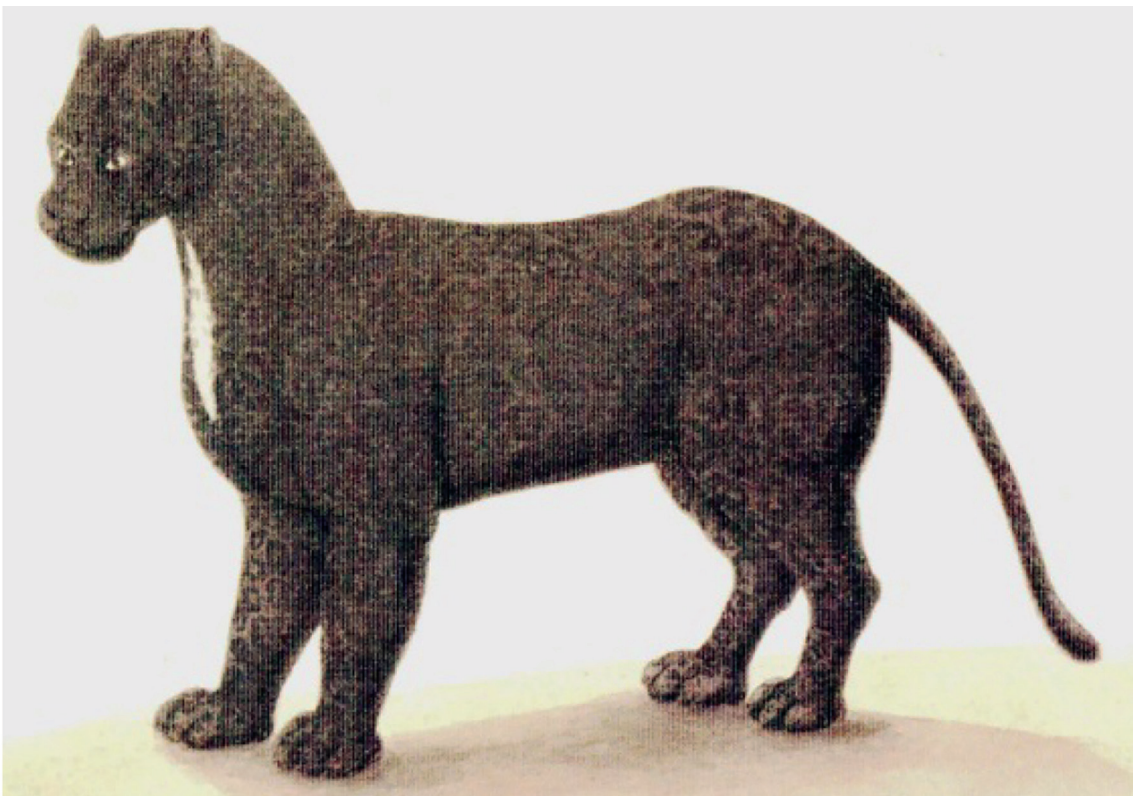


FIGURA 6: Onça-preta (Ferreira (A. R.), in Teixeira & Papavero, 2003: 99).

59.4. *Onca-preta*. Buscalioni, 1901: 80.

59.5. *Onça-prêta*. Hershkowitz, 1987: 25 (mamíferos ilustrados por A. R. Ferreira, na *Viagem filosófica*, pl. 153).

60. *Onça-preta-grande*

60.1. Prado, 1968: 310.

61. *Onça-tigre*

61.1. Montenegro, 1804, 1805.

62. *Onça-vaca*

62.1. Silva (H.), [1913]: 132 (“uma variedade chamada onça vacca. No Brasil Central. Este apellido lhe vem das dimensões da pelle que, depois de espichada, attinge o tamanho do couro de uma vaquilhona”).

63. *Onça-verdadeira*

63.1. Prazeres, [1819-1820] 1891: 168; Cerqueira e Silva, 1848: 56, 1849: 189; Liais, 1872: 445, 449; Dent, 1886: 350; Cavalcanti, 1888: 84; Costa, 1909: 616; Prado, 1968: 310; Baptista, [1974]: 230.

64. *Once*

64.1. (Diderot) *in* Diderot & d’Alembert, 1780: 676.

65. *Onsa, omca*

65.1. Soares (F. Pe.), 1590: fól. 1023v, linhas 335-341 (*cf.* Cunha (A. G. da), 1966: 17) (“**Onsas** tigres são grandes de 3 castas vi algũs como bom bezerro vi 2 vezes q’ bem me ãfadaraõ e hũa q’ de noite me chegou ate a rede eu [...] cuidando ser algũ caõ senaõ quando posta menhãm vimos o rastro e pegadas mas o sñor me liurou como fez de outra m^{tas} estas **omcas** derrubaõ de hũa bofetada hũa anca de boi ou caualo e se na cabeça logo a quebraõ ã pedaços e saõ perigosas se mataõ algũ homẽ q’ vezaõ esta carne e assim daõ trabalho q^{do} andaõ emcarnicadas”).

66. *Onses*

66.1. Grossinger, 1793: 549.

67. *Onza*

67.1. Houttuyn, 1761: 122 [Figura 7].

I. AFDEEL. De Brasiliaanen geeven den naam van *Jagua-*
 XIV. *ra* aan een Dier, 't welk de Portugeezen *Onza*
 HOOFD- noemen, en dat, wegens zyne zwarte Vlak-
 STUK. ken, naar den Los zweemt; doch waar van het,
Ameri- door de langte van zyn Staart, zo RAJUS aan-
kaanfibe merkt, grootelyks verschilt. Het geheele Lig-
Tyger. haamsgestel is als dat van een Kat, de Nage-
 len zyn halfmaanswyze en zeer scherp; de Oo-
 gen blaauw en glinsteren in 't donker als Vuur.

FIGURA 7: Parte do texto de Houttuyn (1761: 122) sobre a *onza*.

- 67.2. Landi, *ca.* 1772, p. 156 (*cf.* Papavero, Teixeira, Cavalcante & Higuchi, 2002: 160-161). (Figura 8).
68. *Onze*
- 68.1. Martius, 1863: 53 (“jagoára eté – *onça* ou *panther*, Onze oder Panther”).
69. *Pacova-sororoca*¹⁰ [F. red. de *pacova-sororoca-jaguara* ou *pacova-sororoca-jaguetê*]
- 69.1. *Paca-sororóca*. São José, [1762-1763] 1847: 184 (“isto é, banana ou pacova brava, pela semelhança [da cor da pelagem da onça] com esta planta”).
- 69.2. *Pacova-sororoca*. Ferreira (A. R.), [1790b] 1972: 162.
- 69.3. *Pacovasororóca*. Baena, 1840: 87 (sob *onça*; “a que he pintada de branco, de preto e de pardo”).
- 69.4. *Pacova-sororóca*. Baena, 1840: 87 (sob *onça*).
- 69.5. *Pacóva-sururoca-yauára*. Ferreira (A. R.) [1783-1792] in Teixeira & Papavero, 2003: 96, 97.
- 69.6. *Pacova-susuruoca*. Osculati, [1854] 2003: 290.
- 69.7. *Pucooa-sururoca-yauara*. Pelzeln, 1883: 137 (referência ao trabalho de A. R. Ferreira).
- 69.8. *Pacua-sororoca-yawarete*. Tastevin, 1923: 723 (“*Pacua-sororoca-yawarete* – Especie de onça”).
- 69.9. *Pacuí-sororoca*. Freire, 1954: 3761 (“felino do Amazonas”).
70. “Panthera”, “Panthere” e “Pantera”
- 70.1. *Panthera*. José de Anchieta, em sua *Epistola quamplurimarum rerum naturalium quae S. Vicenti (nunc S. Pauli) provinciam incolunt* (parte XX. *De Feris saevioribus*), escrita a 31 de maio de 1560, informava ao Padre Geral (Anchieta, 1812: 148-149): “Inveniuntur etiam apud nos **Pantherae**, quarum duo sunt genera: aliae cervini coloris, minoris hae, et crudeliores [a suçuarana]; aliae maculosae sunt [a onça p. d.], et diversis coloribus respersae, et hae quidem frequentes ubique locorum, arietem quantumvis magnum corporis superant, saltem mares; nam faeminae minores sunt. Catis per omnia similes: esui. quod aliquoties experi sumus, aptae: plerumque tmidae sunt, et a tergo invadunt, sed magno valent robore, uno icta unguium, aut dentium morsu, quidquid apprehenderit, dilacerant; praedas, ut affirmant Indi, condunt sub terra, ibique eis pascuntur, donec absumant: eximiae sunt crudelitatis, quod etsi multis exemplis, quae subinde accidit, .possit comprobari, sufficet tamen interim duo vel tria in medium proferre. Ad oram cujusdam flumi-
10. Esta denominação é problemática. *Pacova-sororoca* é o nome indígena de *Phenakospermum cayennense* (Strelitziales, Strelitzidae) (*cf. p. ex.*, Huber, 1902a: 411, 1902b: 490, 497, como *Ravenala guianensis*, nome antigo da planta). Entretanto, esta planta ornamental tem suas folhas saindo diretamente do solo e não produz bananas, como se vê na figura anexa de Lemaire & Verschaefelt, 1869: pl. 239:



Uma conjectura plausível é que esse nome indígena foi transferido para a *Musa paradisiaca* introduzida pelos portugueses, um fenômeno análogo à transferência do nome *jaguar* conferido originalmente a *Panthera onca* para os cachorros introduzidos pelos lusos. Só assim podemos entender a comparação da pelagem da “onça” com as manchas escuras sobre o fundo amarelado da casca da banana verdadeira.

[155] Onza, osia Tigre
[machiate, rosse e negre]

Questi fieri animali abbondano, e se ne ritrouano/ in tutte queste selue, e sono tanto pettulanti, che si/ uengono sino alle Porte delle Chinte a leuarsi li/ Cani de' qualli sono faminti, mà con tutto questo fugono/ li uomini, e in certi Anni che qui stò, non ò sentito/ pericolare nisuno; anzi le caciano, e molte ne uado-/ no per uenderne le pelli che si mandano a Lisbona. Di/ queste Tigri, ue ne à di tre sorta, cioè delle machiate/ come le Africane, delle rosse, che sono più insolenti/ delle prime, e delle negre, che sono le più temute, e/ nela pele ano le machie delli stessi collori, e per dis-/ tinguerle bene, bisogna uederli da uicino, o in proffilo./ Io ne ò ueduto una non molto lungi da mè, mà quando/ la auistai fugì, e l'Indio che staua con mè si auan-/ zò con la spingarda, mà subito la perdi di uista./ Un'altra grande uidi morta, e in quanto a me mi/ parue il più bello animale del Mondo.//

[155] Onça, ou seja, Tigre
[pintada, preta + suçarana]

Estes feros animais abundam, e acham-se/ em todas estas selvas, e são tão petulantes, que/ chegam até as portas das quintas para levar os/ cães, de que são famintos, mas com tudo isto fogem/ dos homens, e durante os anos que aqui estou, nunca ouvi/ alguém perigar; pelo contrário, caçam-na, e muitos/ vão vender as peles, que se mandam a Lisboa. Des-/ tes tigres há três espécies, isto é, as manchadas/ como as africanas, as vermelhas, que são mais insolentes/ que as primeiras, e as negras, que são as mais temidas, e/ na pele têm manchas das mesmas cores, e para dis-/ tingui-las bem, é preciso vê-las de perto, ou de perfil./ Vi uma destas não muito longe de mim, mas quando/ a avistei, fugiu, e o índio que estava comigo avan-/ çou com a espingarda, mas de repente a perdi de vista./ Vi uma outra grande morta; e para mim pa-/ receu-me o mais belo animal do mundo.//

FIGURA 8: Texto de Landi sobre a *onza* e tradução para o português (Papavero, Teixeira, Cavalcante & Higuchi, 2002: 160-161).

nis, quibusdam Christianis in parvis tuguriolis quadam nocte quiescentibus, dormiebat sub unius lecto, vel potius reti, quod hinc inde extentum duobus sustinetur funibus, quidam Indus; ecce venit **Tigris** intempesta nocte, et per crus, quod forte extenderat. Ipsum arripiens abstraxit, non valente, quae ibi convenerat, multitudine ex ejus unguibus, ac dentibus illum eripere: quod multis aliis saepe accidit, quos ipsae **Tigres** primo concubio ex multorum medo et rapiunt, et devorandos ferunt; cujus rei possent multa afferri testimonia. Aliam, quae nimia ferocitate multos perimendo, et vorando magnas edidit strages, quadraginta homines sclopetis, ballistis, et spiculis armati cum conarentur occidere, nihil ad tantam armatorum manum belus expavescens, unum invasit, unguibusque per caput et pectus infixis necasset, nisi, dirgente Domino, sagitta per cor aducta occubisset. Duobus Indis prope *Piratiningam* per viam, qua saepe imus et redimus, iter agentibus processit obviam Panthera invadit homines, fugit alter, alter pugnat strenue et sagittis, et corporis velocitate bestiae impetus propulsans, donec arborem conscendit: sed ne ea quidem satis tuta arx adversus has feras, magna enim vigent pernicitate; instat illa ad radicem arboris, quaerens si que pateat ascensus, tota nocte (hoc enim ad occasum fere solis actum est) laborat, fremit, donec ascendens hominem aut deturbavit, aut ipse certe et longo labore fatigatus, et pavore concussus cecidit. Suberat ei qui-

dam velut stagnans aqua, et luto redundans lócus, in quem ille decidens submersus est, ita ut a fera non posseet educi, quae residuum noctis in ipso extrahendo cum frustra consumpsisset, tandem lassata humi se stravit. Orto mane quidem venientes (qui jam praecedente die in auxilium hominis frustra venerant) bestiam, non valentem ultra prae nimio labore se movere, occiderunt; in cuius ventre pollex ipsius Indi repertus est, quem ascendens creditur devorasse: visuntur adhuc vestigia ungiungum in arbore. Sunt et alia animalis (Leones esse volunt) ferocia item, sed rariora”¹¹.

70.2. *Panthera*. Sebastiano Berettari, em sua biografia de Anchieta (Berettari, 1617a): Pp. 122-123 (“In colonia Ianuariensi, montibusque ad Caput frigidum pertinentibus **pantherae** versantur, atque ad vsque litora descendunt. Dum haec loca solito cum comitatu peragraret, noctéque appressi mapale sibi de more extrusissent, curatisque corporibus ceteri quiescerent, noctis silentio Patrimore sup ad agendam cum Deo è tugurio egreditur, longóque interuallo rediens racemos, seu corymbos pomorum eius regionis, quas *bananas* vocant, accipit; easque fras proiicit, Brasilico loquens idiomate: Capite vos, ío meae, dicebat, portionē vestram. Rogatus à fratre, qui illi comes erat, cuinam bananas id noctis proiecisset. Meis, respondet, illis sociabus. Mane facto duarum **pantherarum** vesigia humo impressa apparent, quae illi noctu oranti assederant; oeractóque spatio orandi ad vsque tugurium redeuntem prosequutae erant”; P. 219: “Verùm inter saliendi operam, eodémne, an alto die, cùm maximè operi essent intenti, in aduerso litore **Pantherae** duę intentis oculis in piscatores apparuere. Significauit frater Iosephi comes, optare se eas è propinquo spectare; respondit Pater, absoluto opere fore eius rei potestatem. Interim **Pantheare** se recipiunt; admonitus ea de re Pater, magna vocē iis inclamat, Paulo pòst vt redeant; esse qui ipsas velint cominùs adspicere. Confecto opere, duabus conscensis canóis, Pater cū Toto comitatu sinū traiciuñt, ad litúsque accedunt; illae tū in litore placidē se spectandas praebent, vt eas per otium adspicere omnes ad satietatem potuerint”; P. 231: “Vie etenim nobilis Sebastianensis colonus Iosepho perfamiliaris ad ipsum literas scripserat, quibus cum rogabat, vt ad Ariam Fernandum ipsius perbeneuolum graui morbo prostratum inuisendum veniret. Eas seruulo Mauricó perferendas dederat. Erat huic iter per lova **Pantheris** infesta; cui nisi Iosephi precibus, haec omnia diuinitùs noscentis, diuinum praestò fuisset auxilium, iuuat credere incolumen peruenturum non fuisse”).

70.3. *Panthere*. Pierre d’Outremann, S. J., em sua tradução do livro de Berettari (d’Outremann, 1619): Pp. 209-210 (“En la Capitainie du Ianuier, & aux montagnes voisines du Capfroid, se retrouuent des **Panthers**, lesquelles descendent bien souuent iusqu’au riuage. Comme il cheminoit par ces

11. Na tradução de Academia Brasileira de Letras (1933: 116-118): “Encontram-se também entre nós as *panteras*, das quais há duas variedades: umas são cor de veado, menores essas e mais bravias; outras são malhadas e pintadas de várias cores; destas encontram-se em todos os lugares; os machos pelo menos. Excedem no tamanho a um carneiro, embora grande, pois as fêmeas são menores; são em tudo semelhantes aos gatos e boas para se comerem, o que experimentamos algumas vezes; são de ordinário medrosas e acometem pela retaguarda; dotadas porém de grande força, com um só golpe das unhas ou uma dentada dilaceram tudo quanto apanham; escondem a presa debaixo da terra, segundo afirmam o Índios, e aí as vão comendo até consumirem. São de extrema ferocidade, o que, conquanto possa ser comprovado por muitos fatos, que sucessivamente e de quando em quando se dão, bastará referir dois ou três para mostrá-lo. À beira de um rio, estando alguns Cristãos descansando uma noite em pequenas cabanas, dormia um Índio debaixo da cama, ou antes rede de um, que aí se suspende sustentada por duas cordas; eis que sobrevém um tigre alta noite e agarrando-o por uma perna, que por acaso tinha estendida, arrebatoú, não podendo a multidão, que ali se achava reunida, arrancá-lo das garras e dos dentes; o que aconteceu com muitos outros, que as mesmas onças arrebatao no primeiro sono do meio de muita gente; deste fato poderiam ser apresentados muitos testemunhos.

Quarenta homens armados de balas, arcos e lanças, tencionando matar um tigre que tinha feito muitos estragos trucdando com grande ferocidade e devorando a muitos, a fera, não só temendo de tão grande força de homens armados, acometeu a um deles, e mat-a-lo-ia com as unhas enterradas pela cabeça e pelo peito, se dirigida com a ajuda do Senhor ao coração, uma flecha não a tivesse deitado por terra.

Passando dois índios por um caminho pero de Piratininga, por onde sempre vamos e voltamos, saiu-lhe ao encontro uma pantera e investiu contra ambos: um dos homens fugiu, o outro, repelindo os ímpetos da fera, combateu valorosamente não só com flechas, mas também com a agilidade do corpo, até que trepou em uma árvore; porém nem mesmo este meio é bastante seguro contra tais feras, pois são dotadas de grande destreza; esta ficou junto da árvore, vendo se achava alguma subida; labitou toda a noite (porque isso se passou quase ao entrar do sol), e bramiu, até que, subndo à árvore, ou derribou o homem, ou ele mesmo cansado de tão grande luta e cheio de pavor, caiu. Embaixo era um lugar alagadiço, coberto de lodo, no qual ele ao cair afogou-se, de maneira que não pôde ser apanhado pela fera, a qual gastou debalde o resto da noite em diligências para tirá-lo dali; afinal cansada, deitou-se. Ao amanhecer, chegaram os outros, que já tinham vindo inutilmente na véspera em auxílio do homem, mataram a fera, que já não podia mais mover-se pelo excessivo trabalho que tivera, e acharam-lhe no ventre o dedo polegar do referido Índio, que se supõe que ela devorara quando ela subia à árvore; viam-se ainda nesta os vestígios das suas unhas.

Existem aqui também outros animais (querem que sejam leões), do mesmo modo ferozes, porém mais raros”.

lieux la avec sa compagnie ordinaire, & que surpris de la nuit ils eussent bastis comme autrefois vne petite logette, tandis que les autres reposoient, le Pere [Anchieta] se glisse tout doucement de là & se met à prier selon sa coustume, & bonne piece de temps apres estant retourné, il prend quelque trochee de pommes [sic] de ce pays, qu'ils appellent bananas; & la iette dehors, disant en langue du Brasil: Prenés vous autres mes petites vostre part. Son frere s'enqu Coastant à qui il auoit ietté ces bananas, durant la nuit: A ces miennes compagnes fit il. Au matin l'on vit empreintes en terre les traces de deux pantheres, qui luy auoient tenus compagnie durant son oraison; & puis l'auoient accompagné au retour iusqu'à la logette"; Pp. 384-385: "Mais en cependant qu'on saloit les poissons, soit que ce fut ce iour là ou vn autre, & qu'ils fussent tous fort empeschés à cest ouurage, deux **pantheres** se vindrent presenter à l'autre riue, regardant les pescheurs entre deux yeux. Le compaignon du Pere signifia qu'il seroit bien ayse de les considerer de plus prés; à quoy le Pere fit response qu'apres l'ouurage acheué il auroit tout le loisir de ce faire. Cependant les **pantheres** se retirent, dont on aduertit le Pere, & si tost leur crie à haute voix, qu'elles eussent à retourner vn peu apres, pour autant qu'il y auoit quelques vns qui desiroient les voir de plus prés. C'est ouurage acheué le Pere avec sa compagnie monte en deux barques, passe le golfe, & vient terrir à l'autre riuage; lors ces deux bestes apparurent derechef, & de pied coy se donnerēt à voir à vn chacun tout à loisir. Puis les ayant attentiuement regardé tout leur soul, le Pere leur iccta quelques lopins de poissons, ce qu'ayans mangé elles se retirèrent").

70.4. **Panthera**. Durão, 1781: 55 (Canto II, XLI), 92 (Canto III, LII); Prazeres, [1819-1820] 1891: 221 (sob *jagoára-eté*); Rebello, 1829: 40.

70.5. **Panthera**. Martius, 1863: 53 (sob *jagára-eté*); Veiga, 1896: 137.

71. Pantera-negra

71.1. Cherem, Simões-Lopes, Althoff & Graipel, 2004: 162.

72. Papa-úbere

72.1. Lenko, 1961 ("Afirmam vaqueiros pernambucanos que, em sua terra, existem onças com um vício muito esquisito: o de comer somente o úbere das vacas que elas matam. Daí a denominação dada para estas onças – *papa-úbere*").

73. Piabucu

73.1. Nogueira, 1880: 383 ("*Piabucu* = *mbiabucu* – devora entranhas e come gente (*pia* ou *mbia mbocur*) nome dado a peixes em tupi e a onças no interior").

74. Pintada [F. red. de *onça-pintada*]

74.1. São José, [1762-1763] 1847: 184 ("Encontram-se muitas onças, e o nosso escrivão da camara se viu com uma, de que se retirou prudentemente. As **pintadas** se chamam – **paca** [sic] **sororoca** – isto é, banana ou pacova brava, pela semelhança de côr com esta planta; outras tambem **pintadas** se chamam **uruiaouras**, isto é, cão pintado como o passaro urú").

74.2. Sáa, 1769: fól. 31v (sob *onça*) (cf. Teixeira, Lorini, Papavero & Pujol-Luz, 1999: 122, 131 [nota 78]).

75. Pintada-maior

75.1. Almeida, Smith, Lima, Mendes, Piyáko, Aquino & Andrade, 2002: 487.

76. Pintada-menor

76.1. Almeida, Smith, Lima, Mendes, Piyáko, Aquino & Andrade, 2002: 487.

77. **Pintada-vermelha**

77.1. Prado, 1968: 310.

78. **Pixuna**

78.1. Martins (N. S.), 2001: 388 (citado por J. Guimarães Rosa).

79. **Preta [F. red. de *onça-preta*]**

79.1. *Prêta*. Barroso, 1912: 83.

79.2. *Preta*. Inácio Filho, 1969: 104.

80. **Sororoca [F. red. de *pacova-sororoca-jaguara*]**

80.1. *Sororóca*. Stradelli, 1926: 275 (sob *onça*).

81. **Tapirajaguara [onça da cor do tapir]**

81.1. *Tapirabiauára*. Amorim, 1874: 64.

81.2. *Tapirabi-auára*. Baena, 1840: 87 (sob *onça*; “a grande de cor cinzenta”).

82. **“Tigre, Tygre, Tigra”**

82.1. Gândavo, *ca.* 1571a: 45v-46r, linhas 1286-1300 (*cf.* Pereira Filho, 1965: 231, 233 (“Os bichos mais feros e mais damnosos q’ ha na terra são **Tigres**, são algũs destes animais tamanhos como bezeros. Vaõ se aos currais do gado dos moradores e mataõ muito delle, e são taõ feros e forçosos q’ hũa maõ q’ lança a hũa vitella ou nouilho lhe fazem brotar os meollos fora e levaõ no arrasto pera o matto. Tambem pella terra dentro mataõ e comẽ algũs Jndios quando se achaõ famintos. Sobẽse pellas aruores como gattos e dally espreitaõ a caça q’ por baixo passa e remete de salto a ella, e desta maneira naõ lhes escapa nada. Algũs destes animais mataõ em foios os moradores da terra”), *ca.* 1571b: fól. 42r, 1576: 21v, 22r, 31r, 1858: 358; *ca.* 1571a: 45v-46r, linhas 1286-1300 (*cf.* Pereira Filho, 1965: 231, 233 (“Os bichos mais feros e mais damnosos q’ ha na terra são Tigres, são algũs destes animais tamanhos como bezeros. Vaõ se aos currais do gado dos moradores e mataõ muito delle, e são taõ feros e forçosos q’ hũa maõ q’ lança a hũa vitella ou nouilho lhe fazem brotar os meollos fora e levaõ no arrasto pera o matto. Tambem pella terra dentre mataõ e comẽ algũs Jndios quando se achaõ famintos. Sobẽse pellas aruores como gattos e dally espreitaõ a caça q’ por baixo passa e remete de salto a ella, e desta maneira naõ lhes escapa nada. Algũs destes animais mataõ em foios os moradores da terra”), *ca.* 1571b: fól. 42r, 1576: 21v, 22r, 31r, 1858: 358).

82.2. Valle (L. do, Pe.), [1585], *in* Ayrosa, 1938: 405; *in* Drummond, 1952 (II): 128 (“*Tigre* – uide *Onça*”).

82.3. Souza (G. S. de), [1587, cap. xcvi] s/d: 128, [1589] 1825b: 216.

82.4. Soares (F., Pe.), 1590: fól. 1023v, linhas 335-341 (*cf.* Cunha (A. G. da), 1966: 17) (“**onsas tigres** são grandes de 3 castas vi algũs como bom bezerro vi 2 vezes q’ bem me efadaraõ e hũa q’ de noite me chegou ate a rede eu [...] cuidando ser algũ caõ senaõ quando posta menhãm vimos o rastro e pegadas mas o sñor me liurou como fez de outra m^{tas} estas omcas derrubaõ de hũa bofetada hũa anca de boi ou caualo e se na cabeça logo a quebraõ ã pedaços e são perigosas se mataõ algũ fomẽ q’ vezaõ esta carne e assim daõ trabalho q^{do} andaõ emcarnicadas”). Soares (F., Pe.), 1591: 38-39, linhas 967-1016 (*cf.* Cunha (A. G. da), 1966: 105, 107) (“**Onças** ou **tigres**. Ha m^{tas} a onça e o tigre tẽ 4 cores .s. preto bráco Amarello e pardo tẽ Rabo cóprido e a barriga toda bráca as cores m^{to} listradas a cabeça mais de gato q’ de outro animal comẽ caça e mataõ homẽs e de tudo o q’ mataõ se fartaõ e he serto q’ tẽ fome tornarẽ ali e assi lhe armaõ logo e vẽ cair logo se naõ são algũas matreiras. a maõ he grande; hũa maõ có hũa pequena da jũtura se pezou e pezou sete arratẽs tẽ m^{ta} força e sedaõ có a maõ na cabeça de q’lq’r vaca ou animal a mataõ logo e a leuaõ a Rasto pera o

mato Os Jndios cuidaõ algũs que já foraõ homẽs como se vesãõ os homẽs os cometẽ ate irẽ tiralos de casa como vi no Rjo de Janrº jũto da cidade matarẽ tres pessoas em casa de M^{el} de brito &c. An grãde medo de caẽs e se lhe ladraõ se apegaõ as aruores e assi as mataõ mas se lhe naõ ladraõ facelm^{te} mataõ os caẽs de salto e he seu verdadrº manjar vaõ se aos remaçõs do mar e tomaõ peixe e hũa hũa Vez se vio q' leuaua hũ Tubaraõ pella terra dentro e lhe comeo a cabeça. hũ Jndio Matou hũ bogio e foi o buscar a hũa aruore botouo morto embaixo e veo hũa onça e pelejou cõ ella e lhe fez o moitĩ ella saltou elle lhe furtou o corpo e pegoulhe pello pescoço ate q' vieraõ os companhr^{os} caçadores e a leuaraõe mataraõ em terreiro. Ha outras pretas e outras pardas q' não fogem da gente antes se deixa matar. Eu vi algũas viuas e mortas e hũa q' andaua metida nagoa p'lo giolho dando bofetadas no peixe q' auja ali m^{to} E no Rio de Janrº conteço ir hũa a nado e aRemeteo a hũa canoa onde hiaõ tres moços Jndios dous pequenos e hũ de 14 annos e cõ hũ arco e frechas a ferjo e querẽdo lançar maõ a canoa lhe de o moço cõ o Remo e posto q' bẽ quizeraõ fugir ella nadaua mais cõ tudo a matou o moço as frechadas e cõ o Remo e vẽdo Martĩ afonço de Souza Jndio prĩcipal o q' o moço fizera (o moço se chamava Paulo Tobajara) Pregou pella aldeã de s. Lourẽço o animo e esforço do moço que os pequeninos deitaraõ na canoa como escmorecidos mas eu vi outros cazos emmeu t'po semelhãtes e este. E aj q' dizer m^{to}”).

- 82.5.** Maffei, I. P., 1605: 45 (“Magna praeterea vis **tigriũ** est: quae famelicæ horribili velocitate sunt, viribusque tremendis: eadem pastæ (quod mirêre) tanta ignauia dicuntur esse, yt à gregarijs etiam canibus confestim in fugam agantur: adeò cibi potusque satieta non homines tantùm, sed etiam feras hebetes reddit”).
- 82.6.** Monteiro, [1610] (*in* Leite, 1949: 418) (“Indo à caça dos bugios, frechou um [tigre], o qual pendurou pelo ramo de uma árvore, aonde morreu. Foi-o buscar o índio, e lançando-o no chão, acudiu a onça, e tomou-o. O índio de cima da árvore se pôs a pelejar com ela, porque lhe tomava a sua caça, e que fosse caçar se queria comer, e que não lhe levasse o que tanto lhe custara. E chamou-lhe muitos nomes, dizendo que era fraca e que não prestava para nada, e que esperasse até ele descer, e que veria quão valente ele era. A onça pôs a caça, e parou às vozes do índio. Vendo ele que esperava. Se desceu da árvore com muita pressa, toma arco e frechas, e começa-lhe a fazer o motim, que é o que eles fazem na guerra, saltando ligeiríssimamente de uma parte para outra. Nisto arremessou-se a onça e ele, e ele a ela, e de tal sorte atomou até que acudiram outros companheiros que andavam pelo mato à caça, e amarraram-na e levaram-na para casa, e a engordaram por algum tempo, e em terreiro lhe cortaram a cabeça, com toda a solenidade com que costumam matar a um contrário, e nele tomaram nomes. Estes casos alcançaram alguns dos Nossos, e destes há mtos, porque um dos remédios que há para escapar das onças é arcar com elas, e sugigá-las, que não possam jogar das mãos. Eu falei com um homem o qual andou lutando com uma atpe que de cansados caíram; e se valeu de uma faca com que a matou, mas ele todo saiu arranhado e ferido da contenda. Criam estas onças os filhos com caça viva para os ensinarem caçar. Há outras, que são pretas com azeviche, mui ligeiras e bravas”).
- 82.7.** Brandão, [1618] 1887: 118, 1977: 236.
- 82.8.** Vicente do Salvador, 1627: fól. 17r (*in* Oliveira (M. L.), 2008: [108]), 1965: 76.
- 82.9.** Calado, 1648: 324 (“Sahio a nossa gente, & acolhendoos no meio, matou a sincoenta & oito Olandeses, & quinze Brasilianos, os quaes logo ficarão estendidos no câpo, & vieraõ seguindo aos Brasilianos, & a primeira, que mataraõ foi a feiticeira, & profetisa, a onça, o **tigre**, & a Senhora dos Demonios...”).
- 82.10.** Vasconcellos (S. de, S. J.), 1658: 117 (*Tygre*).
- 82.11.** Vasconcellos (S. de, S. J.), 1658: 152-153 (“E foi o caso, que caminhando o Padre Lobato, por entre as Montanhas dos Orgãos assima referidas, apertou parece a fome com os dous Indios que o acompanhauam, & nam encontrãuam Caça com que satisfizessem a Ella. Sucedeo nestes comenos toparem em hum descoberto com hum **Tygre** Feròz, empolgado em hum Porco do Mato comendo nelle. Causou enueja aos Indios a preza da Féra, porem tambem lhes causaram igual medo suas Unhas; & escolheram por mais barato comporemse antes com a Necessidade que padeciam, que exporemse ao risco que os ameaçãua, se se arrojassem a despojala da Preza, que estaua logrando; Mostraraõna comtudo ao Padre, o qual os mandou que enuestissem com o Tygre, & lhe tirassem das Unhas o Porco para o comerem, já que se lhe queixauam de que tinham fome. Tomãram os Indios em Zombaria o Ditto do Padre, por nam auer Bruto mais Cruel que hum destes, quando

- Faminto está Vitorioso, relambendose no Sangue do pobre Animal, que lhe caia nas Unhas. Vendo o Padre, que os Indios tardauam em dar a execuçam o que lhes mandara, leuantase, & confiádo em DEos, arremete Intrepido com o Tygre no feruor de seu Pasto ensangüentado, & Fero. Este como attonito, olha pera Elle, & como se tiuera Resam, ou Obediencia, largalhe a Preza, & o Campo, & com elle huma grande Vittoria; ensinando assi àquelles Indios a confiança, que ham de ter em Deos os que o seruem; & acodindo juntamente a sua necessidade"); Moreira (A.), *ca.* 1750: 3r; Ayres de Casal, 1817 (I): 66; Costa e Silva (J. M. da), 1844b: 303.
- 82.12.** Aranha, [1665] 1883: 12.
- 82.13.** Maffei, J. P., 1665: 70.
- 82.14.** Vasconcellos (S. de, S. J.), 1672a (*Vida*): 34: P. 3 ("Os animais da terra mais voluntarios, esquiuos, & feros, as cobras, serpentes, **tigres**, touros &c. lhe rendiam sogeiçam, & obediencia qual a ourro Adam"), p. 275 ("Hia caminhando por terra para Maricaà Ioseph [de Anhieta] & os companheiros, fizeram noite no caminho ao pé de hum penedo, que chamam Itaipuig em huma choupana de palha; he o lugar suspeito de onças, & **tigres** feros, que por alli assaltam os que passam; eis que alta noite sentio o companheiro que Ioseph sahia fora, (parece que a orar mais ao descuberto do Ceo), & entrando depois de largo espaço, tomou hum cacho de bananas, & lançandoas poucas & poucas pera fora, dizia, tomai, tomai vos outras vossa porçam, sem verem com quem fallaua; sahio o Irmão, & perguntoulhe, vossa Reuerencia a quem lança essas bananas? Respondeolhe, a estas minhas companheiras; ficou entendendo que eram as onças que o acompanharam; & nam se enganou, porque vindo a menham, notou & vio o rasto de duas onças, que chegaua até a porta da choupana, sinal de hauello acôpanhado; & verificaramno os Indios, que viram na área o rasto do P. juntamente cõ o daquelles animaes & cõ argumento infalliuell da marauilha de Ioseph a quẽ respeitauão como senhor").
- 82.15.** Vasconcellos (S. de, S. J.), 1672b (*Recopilaçam*): 3 ("Os animais da terra mais voluntarios, esquiuos, & feros, as cobras, serpentes, **tigres**, touro &c. lhe [a José de Anchieta] rendiam sogeiçam, & obediencia qual a outro Adam"), 4 ("As onças, & os **tigres** no caminho de Maricaa do Rio de Janeiro nam sô obedeceram, mas ainda seruiram ao nosso Adam maravilhosos [o Pe. José de Anchieta]: foram em guarda sua por todo aquelle despouoadado mal seguro, por hum, & outro lado, (como, se só a isso foram mandadas) até a caza, onde hauiam de fazer noite, & não voltaram sem licença, & sua merecida porçam de comida, que Ioseph lhe lançou, despindoas").
- 82.16.** Ferreira (J. de S.), [1693] 1894: 44-45 ("A cidade tambem é mal provida de carne, por não haver pastos de natureza; só na ilha grande de Joanes [Marajó], que não fica fóra de mão, ha 20 ou 30 leguas de campinas de pasto agreste, que cultivando-se poderá com o tempo melhorar. Ahi que já ha bom principio de gado, e os pastos que os moradores fazem por suas fazendas, desbastando madeiras, não superabundam até o presente, e os tigres são em tanta quantidade, por não haver descampados, que em se metendo uma rez no mato não sai, e o mesmo risco corre a gente, si não anda acompanhada, (...). Em terra os **tigres**, feitio de gato, altura de meio jumento, menos barriga, mais compridos, e dobrados de peito e pulso, matam de salto, descarregando com a mão na cabeça a um homem, boi, ou qualquer outro animal; tudo estendem, como si fosse um raio. Por outro nome se chamam onças, são de cõr uns pretos, outros pintados de pardo e negro, e ha outros vermelhos [as suçaranas], a que em outras partes chamam leopardos; estes são menos ferozes; porém as outras duas sortes são tão severos, que se não desviam de nada, nem apressam o passo encontrando gente; e si é uma pessoa só, corre risco de tornar para traz, nem ir para diante, até que lhe acuda alguém com quem se retire. Provê a natureza com abundancia a região de muita caça, que se acha, tanto nos matos, como nos rios, e de muito peixe, assim nos rios como nos matos; porque, como é clima quente, terras baixas, e todas cobertas de matas e cortadas de aguas, onde ficam empossadas por lhes entrarem de marés grandes ou chuva, ahi criam em qualquer parte muita variedade de peixe, e pela mesma razão toda a caça se acha passando de umas partes para outras, baseando suas comerias, ou fugindo nos contrarios; e como todo o commercio é pelos rios, ahi ordinariamente se encontram veados, antas, capivaras, bandos de porcos, e outras caças, onde com facilidade se aproveitam os navegantes do encontro, e só o de **tigres** não aceitam de boa vontade, porque se vão enfadados; e si desconfiam de algum agravo, viram a canoa, e é necessário apertar o remo, porque lhes não chegue a fera a saltar dentro e a todos desbaratar").

- 82.17.** Pitta, 1730: 39 (“Das feras ha **tigres**, **onças**, antas, susuaranas, e javalis, que chamaõ porcos do matto”).
- 82.18.** Anôn., 1750: 346 (“Tigre – iagoára-eté-pixúna”).
- 82.19.** Brisson, 1756: 270.
- 82.20.** Anôn.¹, [Séc. XVIII]: fól. 80, coluna 3 (“Tigre – Iagoareté”).
- 82.21.** Eckart, [Séc. XVIII]: 171 (“Tigre. Jagoareté”).
- 82.22.** Anôn.¹, [Séc. XVIII], Dicionario]: fól. 24r (sob *iagoaára eté p̃yxúna*).
- 82.23.** Anôn., [ca. 1760] (cf. Teixeira & Papavero, 2014a: 42-43) (“... o outro animal terreno he a **Onça**, taõ atrevida, que ainda meya morta a forsa de tiros investe a quem a ofende. E com tudo no Pará a quem andar vigilante he fácil o matala; porque sendo muntas as arvores de tras de huma se lhe póde atirar a salvo; porque a penas se ve ofendida a olhos fechados remete a tudo o que encontra, e agarrando-se á arvore a não larga o caçador, que detras está escondido metendo mão ao traçado [terçado ou facão], o qual ninguém deve largar naquella terra, lhe dessepa de hum golpe a mão esquerda aonde consiste todo o seu valor. E he para ver a **onça**, ou o **tigre**, que tudo he o mesmo, a bulha que faz no chaõ depois de se ver manca, e decepada estes atrevimentos só os tem contra os que caminhaõ solitarios, porque a dous naõ só naõ investe, mas ainda foge, sendo com tudo taõ sagaz, que por muntas legoas acompanha os comboyos, e ranchos, observando se por disgraca fica algum a tras para nelle fazer preza”).
- 82.24.** Sáa, 1769: fól. 31v (sob *onça*) (cf. Teixeira, Lorini, Papavero & Pujol-Luz, 1999: 122, 131 [nota 77] e Papavero, Teixeira, Figueiredo & Pujol-Luz, 2009: 86, 120 [nota 77]).
- 82.25.** Anôn., 1771: fól. 152r (“Tigre – Jagoareté”).
- 82.26.** Landi, ca. 1772, p. 156 (cf. Papavero, Teixeira, Cavalcante & Higuchi, 2002: 160, 240).
- 82.27.** Sá e Faria, [1774-1775] 1876: 253 (cf. Papavero & Teixeira, 2007: 262); Pereira e Cáceres, 1775.
- 82.28.** Frei José de Santa Rita Durão (Durão, 1781): P. 39 (Canto I, XCII):

“Mas a gente infeliz no Sertão vasto
 Por matos, e montanhas dividida,
 He fama, que huns de **tigres** forão pasto;
 Outra parte dos bárbaros comuda:
 Nem mais houve noticia, ou leve rasto
 Como houvessem perdido a amada vida;
 Mas ha boa suspeita, e firme indicio,
 Que evadirão o infame sacrificio”.

P. 92 (Canto II, LII):

“Já rota a margem, que nas brancas praias
 Às ondas posto tinha o Grão Sobrano,
 Passão as aguas das extremas raias,
 Onde se ajunta com o monte o plano.
 O peixe nadador nas altas faias
 No ninho está do aligero tucano:
 E em seios as baléas ver puderas,
 Covis dos **Tigres**, e antros de Pantheras”.

P. 102 (Canto III, LXXXIII):

“Contão que quando aos nossos cá prégava,
 Poder mostrára tal nos Elementos,
 Que às ondas punha lei, se o Mar se irava,
 Os matos se lhe abrião, quando entrava.
 E os **Tigres** feros a seus pés attentos;
 Parecião ouvir, como a outra gente,
 Festejando-o co’a cauda, brandamente”.

P. 119 (Canto IV, XXIV):

“Seguia-se nas forças tão robusto.
Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
Hum, que com fogo sobre o torpe busto
Dous **Tigres** esculpira combatendo:
Este he o bravo Tatú, que enche de susto
Tudo, c’o Grão Tacápe accommettendo:
E que mil cutiladas dando espessas,
Derriba troncos, braços, e cabeças”.

P. 122 (Canto IV, XXXV):

“Vereis as nossas gentes desterradas
Entre os **Tigres** viver no Sertão fundo,
Cativa a plebe, as Tabas arrombadas;
Levando para além do mar profundo
Nossos filhos, e filhas desgraçadas;
Ou quando as deixam cá no nosso Mundo,
Podemos sofrer Paiaias bravos,
Ver filhos, máis [sic], e pais feitos escravos?”.

P. 129 (Canto IV, LIV):

“Mas quando tudo com error fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante:
Jacaré, que se os **Tigres** combatia,
Tigre não ha, que lhe estivesse avante.
Treme de Jararáca a companhia.
Vendo a fôrma do bárbaro arrogante,
Que com pele cuberto de panthera,
Rige com mais furor, que a propria fera”.

P. 132 (Canto IV, LXIV):

“Urubú que na brenha exercitado
Hum **Tigre**, que na caça à mái roubára,
Tendo-o junto de si domesticado,
A combater comsigo acostumára:
Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
Entre as prezas crueis, que arreganhára,
Hia a pezar dos ferreos embaraços,
Com garra, e dente a pollo em mil pedaços”.

P. 179 (Canto VI, XXXVIII):

“Barbaro (a bella diz) **tigre**, e não homem...
Porém o **tigre** por cruel que brame,
Acha forças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar comsomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio, e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco”.

- 82.29.** Eckart *in* Murr, 1785: 542-543.
82.30. Reys, [1785] 1997: 41.
82.31. Melo, 1788.
82.32. Vandelli, 1789a: 190, 1789b: 235.
82.33. Coutinho, 1800.
82.34. Elliott, 1847: 31 (*Tigra*).

83. Tigre-cabeçudo

- 83.1.** Rosa, 1905: 351 (“*Felis onça* [sic]... uma, de malhas pequenas, cabeça grande, a que dão o nome de tigre cabeçudo”).

84. Tigre-canguçu

- 84.1.** Martins (N. S.), 2001: 490.

85. Tigre-da-américa

- 85.1.** *Tigre-da-america*. Moutinho, 1869: 38; Vieira, 1873: 1188 (sob *jaguar*).
85.2. *Tigre-da-américa*. Freire, 1954: 4915.

86. Tigre-do-bananal

- 86.1.** Aureli, 1960: 16 (“o tigre do Bananal, assim chamado pelos sertanejos do Rio Araguaia, tem o porte e a estatura do canguçu das malhas largas. Exibe, porém, dentes bem maiores, afiadíssimos, assim como garras mais robustas que as das congêneres. Mas o que a distingue das demais onças é o seu pelame, que no lugar das ‘rodela’ ou ‘manchas’ comuns, ostenta quadriláteros assimétricos, como pequenos tijolos, quase negros, esparsos sobre o fulvo acastanhado. Ferocíssima, desapiedada, essa onça é muito difícil de ser encontrada ou alcançada, mesmo quando as melhores matilhas lhe são postas no encalço e a breve distância do local de seu aparecimento. Gosta de viver no mais recôndito das capoeiras, que nascem no âmago da floresta, e isso serve-lhe de homizão quase inviolável”); Ortêncio, 1983: 427.

87. Tigre-negro

- 87.1.** Quadros, 1892: 246.

88. Tigre-preto

- 88.1.** Pe. F. Soares [Séc. XVI], 1966: 105; São José, [1762-1763] 1847: 184; Brito, 1829: 57; Souza (J. de P. J.), 1878: 66; Silva, 1930.

89. Tigre-sovado [indivíduo velho]

- 89.1.** Burton, 1874: 162, nota 1.

90. *Tijger*

- 90.1.** Hazart (1667; Capítulo VII: *Andere ses Paters worden nae Brasilien ghesonden, verhael de wonderheden van P. Iosephus Anchieta*): P. 381: “Heeft men hem somwijlen ghevonden biddende onder den blauwen hemel tusschen twee **tijgers**, de lderwreeste ghedierten van *Indien*, de welke hem oock, near sijn ghebedt, near huys toe leydden, al streelende, ende vleyende”; P. 383: “Duch de wijle dese visscherye noch duerde, quaemen haer op den andere kant vande riviere vertoonen twee

grootte **Tijgers**: Een vande visschers was keurich om haer van by welt e besienm ende soo hy ditz e kennen hadde ghegeven aen *Anchieta*, ende de Tijgers haer nu vertrockenm heft *P. Anchieta* haer near gheroepen, datsy enn weynich daer near souden wederom keeren, om dat'er eenighe waren dir haer geerne van by souden sien. Sy sijn niet lanck daer near wederum ghekomen, ende *P. Anchieta* met de Visschers overgheset sijnde op den anderen kandt van de riviere, hebben haer die wreden beesten daer laten sien, sonder eenigh hinder te doen, als of sy gantsch tam hadden gheweest; dan heeftse *P. Anchieta* eenighe sticken van visschen toeghe worpen, ende hebben sich also soetjens vertrocken”.

91. *Unza*

91.1. Lamberg, 1899: 23.

92. *Urujaguara e urujaguetê*

92.1. *Uruiãoara*. São José, [1762-1763] 1847: 184 (“Outras [onças] também pintadas se chamam uruiãoaras, isto e, cão pintado como o passaro urú”) [cf. Papavero, Teixeira, Overal & Pujol-Luz, 2002].

92.2. *Urujauara*. Ferreira (A. R.), [1790b] 1972: 162.

92.3. *Uruiãuara*. Rubim, 1853: 78; Teschauer, 1912: 134; Tierno, 1954: 752.

92.4. *Uriaúara*. Smith, 1879: 197.

92.5. *Uru-jauara*. Barbosa-Rodrigues, 1881: 91, 1882: 171 (*Felis jaguapara*).

92.6. *Urú-yawarate*. Tastevin, 1923: 745 (“*Urú-yawarate* – Qualidade de onça, pintada como o urú”).

92.7. *Uruiwára*. Chermont de Miranda, 1944: 125 (“Algumas tribus conhecem por êste nome a onça pintada, por ter pintas como as do urú”).

92.8. *Uruiãüara*. Cunha (A. G. da), 1978: 310 (sob *urujaguara*).

92.9. **Urujaguara**. Cunha (A. G. da), 1978: 310 (“< T. *uruiãüara < u'ru 'uru' [ave] + ia'üara 'onça, jaguar'”).

RESUMO

Pero Lopes de Souza, em 1531, foi o primeiro a conferir à Panthera onca do Brasil o nome de onça, designação até então dada ao leopardo (Panthera pardus (Linnaeus, 1758)) do Velho Mundo, uma espécie muito semelhante. Desde esse tempo, autores lusófonos e estrangeiros cunharam 92 nomes básicos para a Panthera onca. Levando-se em consideração as variantes, as transcrições errôneas e as alterações desses nomes, como visto no texto, foram aplicados a esse animal 352 nomes: acanga-uasú, acanguçu, acanguçú, acanguassú, acangussu, acangussú, acangusú, acanjarana, acanjaruna, acuty-yauá-retê, agoára, aguar, akanguçu, akangu'su, d'kañu'su, angue, anguncê-cuatá, awara, camisa-de-chita, camisa-pintada, cangassú, cangosú, canguaçu, canguacu, canguçu, canguçú, canguçú, canguçu-de-malha-larga, canguçu-de-malha-miúda, canguçu-dos-cerrados, canguçu-preto, canguçú-preto, canguçuzinho-do-campo, cangussu, cangussú, cangussu-açu, cangussu-de-malha-larga, cangussú-de-malha-larga, cangussú-de-malha-meuda, cangussú-dos-cerrados, cangussusinho-do-campo, cangusu, cangusú, caúba, congaçu, gato-preto, iagóretê, iagoaruçu, iaguá, iaguar, iaguara, iaguará, iaguareta, iaguarete, iaguaretê, iaguaretê, iaguarucu, iaguaruçu, iagvara, iagvára, ianouara, ianouãre, iã-ou-are, ian-ou-are, ianovare, iarnare, iarnare-este, iauára-etê, iauaraiúna, iauaretê, iauáretê, iauaretê-apára, iauaretê-pinima, iauaretê-pinima, iauaretê-pixuna, iauaretê-pixúna, iauaretê-sororóca, iauarítê, iauarítê, iauarítê-una, iauarúna, iaBaru'su, jagar, jagára-etê, jagoar, jagoára, jagoaraeté, jagoáraeté, jagoara-etê, jagoára-etê, jagoáratê, jagoarete, jagoaretê, jagoaretê-apyába, jagoaretê-cunhá, jagoaroçu, jagoaracucu, jaguá, jagua-para, jagua-para, jaguapará, jaguapará, jaguapinima, jaguapitanguçu, jaguapitanguçu, jaguapitangussu, jaguar, jaguár, jaguara, jaguára, jaguára, jaguaraacangaçu, jaguaracanguçu, jaguaracangoçu, jaguara-canguçú, jaguara-cangussu, jaguaracangussá, jaguara-etê, jaguara-guaçu, jaguará, jaguaraim, jaguarana, jaguarana-pixuna, jaguarapara, jaguara-para, jaguarapinima, jaguara-pinima, jaguára-pinima, jaguarapixuma, jaguara-sororóca, jaguara-tyryc, jaguarauna, jaguar-canguçu, jaguaré, jaguarete, jaguarète, jaguaretê, jaguaretê, jaguarê, jaguaretê-apara, jaguaretê-apiaba, jaguaretê-cunhá, jaguaretê'hü, jaguaretê-hü, jaguar-ete-hun, jaguar-étê-hun, jaguaretê-pacova-so-

roroca, jaguaretê-pinima, jaguaretê-pixuna, jaguaretê-pixuna, jaguaretê-pixuna, jaguaretê-sororoca, jaguaretê-tauá, jaguaretê-una, jaguarité, jaguarucu, jaguarucu, jaguarucu, jaguaruna, jaguaruna-pixuna, jaguaruna-quariana, jaguaruna-quatiára, jaguarussu, jaguarusú, jaguasa, jaguatyrica, jagura, jagwá-r-a, jan-ou-are, jan-ou-are, janou-vera, janovare, janu-ara, jaquara, jaquarete, jauá, jauaara, jauára, jauára-pinima, jauaraté-pixuna, jauárauna, jauáreté, jauareté-pacova-sororoca, jauarí-pixuna, jauárité, jauarité-pinima, jauarité-pixuna, jauarité-tauá, jauárité-una, jauuara, jauauraité, jauaraité, jauware, jeguaruna, juagara, juguara, leopardo, leopardus, macharrão, mão-torta, míngüê, míngüê-do-sengue, ñagôaru, ñagua, ñaguarichá, nigucíe-do-senjo, omca, onca, onça, onça-baia, onça-cachorro, onça-canguçu, onça-canguçu, onça-cangussu, onça-cangussú, onça-de-malhas-grandes, onça-maçaroca, onça-malhada, onça-massaroca, onça-mestiça, onça-mistiça, onça-negra, onção, onca-pintada, onça-pintada, onça-pintada-canguçu, onça-pintada-canguçu, onça-pintada-de-malha-grande, onça-pintada-de-malha-pequena, onça-pintada-de-malhas-miudas, onça-pintada-de-malhas-miudas, onca-pintata, onca-preta, onça-preta, onça-prêta, onça-preta-grande, onça-tigre, onça-vaca, onça-verdadeira, once, onsa, onses, onza, onza-pintada, onze, pacasororóca, pacovasororoca, pacova-sororoca, pacova-sororóca, pacóva-sururoca-yauára, pacova-susuruoca, pacuá-sororoca, pacua-sororoca-yawarete, pantera, pantera-negra, panthera, panthéra, panthere, papa-úbere, piabucu, pintada, pintada-maior, pintada-menor, pintada-vermelha, pixuna, preta, prêta, pucooa-sururoca-yauara, sororoca, sororóca, tapirahiauára, tapirahi-auára, tapirajaguara, tigre, tigre, tigre-cabeçudo, tigre-canguçu, tigre-da-america, tigre-da-américa, tigre-do-bananal, tigre-negro, tigre-preto, tigre-sovado, tijger, tygre, unza, uriauaara, uriauaára, uruiaoara, uruiaúara, uruiunára, urujaguara, urujaguareté, urujauara, uru-jauara, urú-yawarate, yagareté, yagoara, yagoua, yagiua-para, yagua, yaguá, yagúá, yagúá, yagúá-eté, yagúá-pará, yaguapitá, yaguapini, yaguara, yaguára, yágúapytá, yágúapytáti, yaguar, yaguara, yaguará, yaguara-canguçu, yaguarai, yaguará, yaguará, yaguarate, yaguarete, yaguareté, yaguareté, yagüareté, yagüareté, yaguar-eté, yagüareté-hu, yagüareté-negro, yaguarucu, yaguarun, yaguaruna, yauaara, yauara, yauara-eté, yauara-sororoca, yauareté, yauar-ete, yaguar-eté, yauareté-pinima, yauarité, yauaruna, yawa, yawa-pytá-ti, yáwara, yawaraeté, yawaraté, yawaraté-pinima, yawareté, yawareté-pinima, yawareté-pixuna, yawa-ru, yawaruna, yawarussu.

PALAVRAS-CHAVE: *Panthera onca* (Linnaeus, 1758); Nomes populares; Autorres lusófonos e estrangeiros; Séculos XVI-XXI.

REFERÊNCIAS

- (AHU = ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO; ACL = ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DE LISBOA; CU = CONSELHO ULTRAMARINO; 010 = cota referente à Capitania do Mato Grosso; 013 = cota referente ao Estado do Grão-Pará; 015 = cota referente à Capitania de Pernambuco. Cx = Caixa; D = número do documento).
- ABREU, M. C. 1902. Divertimento admirável – para os historiadores observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões de navegação das minas de Cuyabá e Matto Grosso – Extrahido pela curiosidade incansavel de um sertanista paulistense, que os calculou successivos nuns poucos de annos. *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, 6(1900-1901): 253-293.
- [ABREU, M. C.], 1916. Divertimento admirável – para os historiadores observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões de navegação das minas de Cuyabá e Matto Grosso – Extrahido pela curiosidade incansavel de um sertanista paulistense, que os calculou successivos nuns poucos de annos. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 77(2):125-156, 1914.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 1933. *Cartas Jesuíticas III. Cartas, informações, fragmentos historicos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- ADAM, L. 1896. *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi*. J. Paris, Maisonneuve, Libraire-Éditeur, [Bibliothèque Linguistique Américaine, Tome XVIII].
- AGUIRRE, A. 1954. *A caça e a pesca no vale do rio Doce, estado do Espírito Santo. (Edição melhorada de um trabalho publicado em 1939)*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, Divisão de Caça e Pesca.
- ALMEIDA, M. B. DE; SMITH, M.; LIMA, E. C. DE; MENDES, M. K.; PIYÁKO, M.; AQUINO, T. V. DE & ANDRADE, A. G. DE. 2002. Bichos de cabelo. In: Cunha, M. C. da & Almeida, M. B. de (Orgs.). *q.v.* p. 455-509.
- AMORIM, F. G. DE. 1874. *Theatro de Francisco Gomes de Amorim. Socio da Academia real das sciencias de Lisboa. O Cedro Vermelho*, Vol. II [Notas e esclarecimentos]. Lisboa, Imprensa Nacional.
- ANCHIETA, J. DE, S. J. 1812. III. Epitola quamplurimam rerum naturalium, quae S. Vicenti (nunc S. Pauli) provinciam incolunt, sistens descriptionem, pp. 133-163, in Academia Real das Sciencias, *Coleção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas; Tomo I. Num^o I.II.III*. Na Typografia da mesma Academia, Lisboa.
- ANÔN. [Séc. XVIII] (1). *Dicionario da lingua falada por indios do Brasil, contendo no fim varios textos principalmente os anteriores escritos na mesma lingua*. Lisboa, Academia de Ciências de Lisboa, MS cota: MA no. 569.
- ANÔN. [Séc. XVIII] (2). *Prosodia da lingoa [dos Indios]*, fólhos 2r-84v, in Anôn. [Séc. XVIII] (1), *q.v.*
- ANÔN.¹, [Séc. XVIII]. *DICIONARIO DA LINGUA BRAZILICA*. BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, MS. 94.
- ANÔN.², [Séc. XVIII] (3). *Describe hum Missionario a lida q' tem com os seus rapazes*, fólhos 89r-90v, in Anôn., [Séc. XVIII] (1), *q.v.*

- ANÓN. 1750. *Gramatica da Lingua Geral do Brazil. Com hum Dictionario dos vocabulos mais uzuaves para a intelligencia da dita lingua*. Pará. Biblioteca da Universidade de Coimbra, MS. 69.
- ANÓN. 1754. *Relação da chegada, que teve a gente de Mato Groço, e agora se acha em companhia do senhor D. Antonio Rolim desde o porto de Araritaguba, até a esta Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá*. Officina Silva, Lisboa.
- ANÓN. [ca. 1760]. *Relaçam curioza do sitio do Graõ Pará terras de Mato-Grosso bondade do clima e fertilidade daquelas terras*. s.n., s.l. [cf. Teixeira & Papavero, 2014a: 42-43].
- ANÓN. 1771. *Diccionario da lingua geral do Brazil que se falla em todas as villas, lugares, e aldeas deste vastissimo estado. Escrito na cidade do Pará. Anno de 1771*. Biblioteca da Universidade de Coimbra, MS. 81. [cf. Barros & Lessa, 2008].
- ANÓN. 1898. Vocabulario dos indios Cayuás. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 (2ª edição): 448-474.
- ARANHA, M. G. 1883. Papel politico sobre o Estado do Maranhão apresentado em nome da Camara ao Senhor Rei Dom Pedro Segundo por seu procurador Manoel Guedes Aranha anno de 1665. *Revista trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 46(I): 1-60.
- ARAUJO, A. D', S. J. 1618. *Catecismo na lingoa brasilica, no qual se contem a summa da doctrina christã, com tudo o que pertence aos mysterios de nossa sancta fe & bõs costumes composto a modo de dialogos por padres doctos, & bons lingoes da Companhia de IESV. Agora nouamente concertado, ordenado, & acrescentado pello Padre Antonio d'Araujo theologo, & lingoa da mesma Companhia*. Pedro Crasbeck, Lisboa. [Reprodução fac-similar em Barbosa (A. L.), 1952, q.v.].
- ASHE, T. 1812. *A commercial view, and geographical sketch, of the Brasils in South America, and of the island of Madeira; being a description of the Portuguese colonies, islands, cities, chief towns, harbours, Rivers, &c. &c. together with their climate, soil, and produce; trade, religion, manners, custom, &c. Serving as a guide to the coomercial world, and pointing out to the manufacturing towns of Sheffield, Birmingham, Manchester, Stockport, Leeds, Northampton, Nottingham, Coventry, Stroud, Dursley, Wooton, Painswick, &c. New Sources of wealth and springs of industry, by directing their attention to the formation of such goods as are consumed in the New World*. London, Allen & Co.
- ASSIS, C. F. DE. 2000. *Ne'ë rru avañe'ë. Dicionário guarani-português*. São Paulo, Edição da Autora.
- AURELI, W. 1960. *Esplendor selvagem*. São Paulo, Clube do Livro.
- ÁVILA-PIRES, F. D. 1992. Mamíferos descritos na Poranduba Maranhense de frei Francisco dos Prazeres. *Revista Brasileira de Zoologia*, 9(3-4): 203-213.
- AYRES DE CASAL, M., PE. 1817. *Corografia brazilica, ou relação historico-geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum presbitero secular do Gram Priorado do Crato*. Rio de Janeiro, Impressão Regia. 2 v.
- AYROSA, P. M. DA S. 1934. Dicionario portuguez-brasiliano e brasiliano-portuguez. Reimpressão total da edição de 1795, seguida da 2ª parte, até hoje inédita, ordenado e prefaciado por P. M. da S. Ayrosa. *Revista do Museu Paulista*, 18: 17-322.
- AYROSA, P. M. DA S. 1935. *O Caderno da Lingua ou Vocabulario Portuguez-Tupi de Frei João de Arronches, 1739. Notas e commentarios à margem de um manuscrito do sec. XVIII*. São Paulo, Imprensa Official do Estado.
- AYROSA, P. M. DA S. 1938. *Vocabulario na lingua brasilica. Manuscrito português-tupi do Seculo XVII, coordenado e prefaciado pr Plinio Ayrosa*. São Paulo, Departamento de Cultura. [Volume XX da Coleção].
- BAENA, A. L. M. 1840. *Ensaio corographico da Provincia do Pará*. Typographia de Santos & menor. Pará [= Belém].
- BAPTISTA, J. G. [ca. 1974]. *Geografia fisica do Piauí*. Teresina, Companhia Editora do Piauí.
- BARBOSA, A. L. 1951. *Pequeno dicionário tupi-português. Com quatro apêndices: Perfil da língua tupi, Palavras compostas e derivadas, Metaplasmos, Síntese bibliográfica*. Rio de Janeiro, Livraria São José.
- BARBOSA, F. DE O. 1843. Noticias da Capitania de S. Paulo, da America Meridional. Escriptas no anno de 1792 por Francisco de Oliveira Barboza. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 5: 22-35. (2ª ed., 1886).
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1881. Lista de arvores, animaes, etc. [Notas a Luccock, 1881, q.v.]. *Revista trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 44(1): 35-130.
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1882. *Notas a Luccok sobre a flora e fauna do Brazil*. Rio de Janeiro, Typ. Universal de H. Laemmert & C.
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1890. Poranduba amazonense ou Kochiyma-uara Porandub. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 14: 1-338.
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1892. *Vocabulario indigena comparado para mostrar a adulteração da língua (Complemento do Poranduba Amazonense)*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger.
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1894a. Vocabulario indigena com a orthographia correcta. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 16: 1-64.
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1894b. *Vocabulario indigena com orthographia correcta (Complemento de Povanduba Amazonense)*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger.
- BARLAEUS, C. 1647. *Casparis Barlaeis, Rerum per octennium in Brasilia et alibi nuper gestarum, sub praefectura illustrissimi Comitis I. Mavritii, Nassoviae, &c. Comitis, nunc Vesaliae gubernatoris & equitatus Foederatorum Belgii ord. Sub Avriaco ductoris, Historia*. Amstelodami, Ex Typographeo Ioannis Blaeu.
- BARLAEUS, G. 1660. *Rerum per octennium in Brasilia et albibi gestarum, sub praefectura illistrissimi Comitis I. Maurittii, Nassauiae, etc., Comitis, Historia. Cui accesserunt Gulielmi Pisonis medici Tractatus 1. De aeribus, aquis & locis in Brasilia. 2. De arundine scharifera. 3. De melle silvestri. 4. De radice altili Mandiboca*. Clevis, T. Silberling.
- BARROSO, G. 1912. *Terra de sol (Natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro, Benjamin de Aguiar – Editor.
- BATES, H. W. 1863. *The naturalist on the river Amazons; a record of adventure, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the Equator, during eleven years of travel*. London, John Murray.
- BATES, H. W. 1962. *The naturalist on the river Amazons. Foreword by Robert L. Usinger*. Berkeley & Los Angeles, University of California Press.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, H., VISCONDE DE. 1889. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, H., VISCONDE DE. 1911. Chorographia da provincia da Parahyba do Norte. *Revista do Instituto Historico e Geographico Parahybano*, 3: 165-365.
- BERETTARI, S., S. J. 1617a. *Iosephi Anchietae Societatis Iesu sacerdotis in Brasilia defuncti vita. Ex iis, quae de eo Petrus Roterigivus Societatis Iesu Praeses Provincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiome collegit, aliisque monumentis fidedignis; A Sebastiano Beretario ex eadem Societate descripta. Prodic nunc primvm. Lvgdvni, Sumpibus Horatij Cardon*.

- BERETTARI, S., S. J. 1617b. *Vita R. P. Iosephi Anchietae Societatis Iesv sacerdotis in Brasilia defuncti, Ex iis quae de eo Petrus Roterigivs Societatis Iesv Praeses Provincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiomate collegit, aliisq' monumentis fidedignis à Sebastiano Beretario ex eadem Societate descripta. Prodic nunc primum in Germania.* Apud Ionnem Kinchivm, Coloniae Agrippinae.
- BERETTARI, S., S. J. 1621. *Vita del P. Gioseppo Anchieta, religioso della Compagnia di Giesù apostolo del Brasile. Composta in latino, dal P. Sebastiano Beretario, e nel volgare italiano ridotta da um divotto religioso.* Torino.
- BERNARDES, C. 1972. *Reçaga.* Araújo, Goiânia.
- BOESEMAN, M. 1994. A hidden early source of information on North-eastern Brazilian zoology. *Zoologische Mededelingen*, Leiden, 68(12): 113-125.
- BOITEUX, L. A. 1957. *Poranduba catarinense.* Florianópolis, Comissão Catarinense de Folclore.
- BRANDÃO, A. F. 1887. [Dialogo das grandezas do Brasil] Dialogo Quinto. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco*, Recife, 33: 83-120.
- BRANDÃO, A. F. 1977. *Diálogo das grandezas do Brasil (Prefácio de Afrânio Peixoto, introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolfo Garcia).* São Paulo, Edições Melhoramentos.
- BRISSON, A. D. 1756. *Regnum animale in classes IX distributum. Sive synopsis methodica sistens generalem animalium distributiones in classes IX, & duarum primarum classium, Quadrupedum scilicet & Cetaceorum, particularem divisionem in ordines, sectiones, genera & species, Cum brevi cujusque speciei descriptione, citationibus auctorum de iis tractantium, nominibus eis ab ipsis & nationibus impositis, nominibusque vulgaribus. Cum figuris aeneis. Classis I. Quadrupedal/Le regne animal divisé en IX classes, ou méthode contenant la division generale des Animaux en IX classes, & la division particuliere des deux premieres classes, sçavoir de celle des Quadrupedes & celle des Cetacés, en ordre, sections, genres & espèces. Aux quelles on a joint une courte description de chaque espèce, avec les citations des auteurs qui en ont traité, les noms qu'ils leurs ont donnés, ceux que leurs ont donnés les différentes nations, & les noms vulgaires. Avec figures en taille douce. Classe I. Les quadrupedes.* Cl. Jean-Baptiste Bauche, Paris.
- BRITO, P. J. DE. 1829. *Memoria politica sobre a Capitania de Santha Catarina, escripta no Rio de Janeiro em o anno de 1816.* Lisboa, Academia Real das Sciencias.
- BRUCE, G. J. 1914. *Brazil and the Brazilians.* New York, Dodd, Mead and Company.
- BUENO, F. DA S. 1998. *Vocabulário tupi-guarani português.* 6. Ed., revista e aumentada. São Paulo, Éfeta Editora.
- BURMEISTER, H. 1854. *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens. Welche während einer Reise durch die Provinzen von Rio de Janeiro und Minas geraés gesammelt oder beobachtet wurden. Erster Theil. Säugethiere (Mammalia).* Berlin, Druck und Verlag von Georg Reimer.
- BURTON, R. F. 1869. *Explorations of the highlands of the Brazil; with a full account of the gold and diamond mines. Also, canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea. Vol. II.* Tinsley Brothers, London.
- BURTON, R. F. 1870. *Letters from the battle-fields of Paraguay.* London.
- BURTON, R. F. 1874. [Notas], in Tootal, A. (Trad.). *The captivity of Hans Stade of Hesse, in A. D. 1547-1555, among the wild tribes of eastern Brazil.* London, Printed for the Hakluyt Society.
- BURTON, R. F. 2003. *Letters from the battle-fields of Paraguay.* Honolulu, Hawaii, University Press of the Pacific.
- BUSCALIONI, L. 1901. *Una escursione botanica nell'Amazzonia.* Roma, Società Geografica Italiana.
- CABOTO, S. 1544. *Mapamundi.* Paris, Biblioteca Nacional da França.
- CABRAL, T. 1982. *Novo dicionário de termos e expressões populares.* Fortaleza, Edições da Universidade Federal do Ceará.
- CALADO, FREI M. 1648. *O Valeroso Lucideno e Triumpho da Liberdade. Primeira Parte. Composta por o P. Mestre Frei Manoel Calado.* Lisboa, Paulo Craesbeeck, Impressor.
- CALDAS, J. P. 1774 (9 de março). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, remetendo a relação da qualidade e quantidade de pássaros e bichos daquela capitania embarcados na charrua “Nossa Senhora da Purificação”, com destino às Reais Quintas do Reino, e dando conta das suas preocupações com a preservação dos mesmos. AHU_ACL_CU_013, Cx. 72, D. 6152. [Relação dos animais feita por Marcos Joze Monteiro de Carvalho].
- CALDAS, J. P. 1775a (18 de janeiro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, remetendo as relações dos animais e aves de várias espécies naturais daquele Estado transportados para Lisboa [a bordo do navio “Santa Ana e São Francisco Xavier”, de que é capitão Bernardo Franco], com destino às Quintas Reais de Belém. AHU_ACL_CU_013, Cx. 73, D. 6188. [Relação dos animais feita por Marcos Joze Monteiro de Carvalho].
- CALDAS, J. P. 1775b (27 de junho). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre uma onça remetida pelo governador da capitania do Mato Grosso [Luís Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres], para as Quintas Reais de Belém, a cargo do capitão João do Espírito Santo. AHU_ACL_CU_013, Cx. 74, D. 6226.
- CALDAS, J. P. 1776a (5 de janeiro). Ofício do governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, remetendo relação dos animais e aves que envia para as Quintas Reais da cidade de Lisboa a bordo da charrua “Nossa Senhora da Glória”, de que é capitão Manuel Travassos. AHU_ACL_CU_013, Cx. 74, D. 6266. [Relação dos animais feita por Marcos Joze Monteiro de Carvalho].
- CALDAS, J. P. 1776b (4 de maio). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro] João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de uma onça e de um galinho da Cachoeira do Rio Negro, a bordo da corveta “São Pedro Gonçalves”, de que é mestre João do Espírito Santo, com destino às Quintas Reais de Belém. AHU_ACL_CU_013, Cx. 75, D. 6313.
- CALDAS, J. P. 1778 (5 de dezembro). Ofício do [governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro] João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, enviando relação de pássaros e animais transportados para as Quintas Reais de Belém a bordo do navio “Nossa Senhora do Carmo e Santa Anna”, de que é mestre capitão [Domingos Lopes da Silva]. AHU_ACL_CU_013, Cx. 81, D. 6681. [Relação dos animais feita por Marcos Joze Monteiro de Carvalho].
- [CARDIM, F.] 1906. A Treatise of Brazil, written by a Portugall which had long lived there, pp. 418-503, in Purchas, 1905-1907, q.v.

- CARDIM, F. 1925. *Tratado da terra e gente do Brasil. Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia*. Rio de Janeiro, J. Leite & Cia.
- CARDIM, F. 1980. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Limitada & Editora da Universidade de São Paulo.
- CARDOSO, G. 1666. *Agiologio lvisitano dos sanctos e varoens illvres em virtvde do Reino de Portugal, e svas conquistas. Consagrado aos gloriosos S. Vicente e S. Antonio insignes patronos desta inclvta Cidade Lisboa, e a sev illvstre Cabido Sede Vacante. Composto pelo licenciado George Cardoso, natural da mesma cidade. Tomo III. Que comprehende os dous meses de Maio, & Junho, com seus commentarios*. Na Officna de Antonio Crasbeeck de Mello, Impressor de Sva Alteza, Lisboa.
- CARVALHO, C. T. DE. 1969. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. São Paulo, Fundação Parque Zoológico.
- CASTRO, B. DE. 1936. *Vocabulário tupy-guarany. (Collectanea dos principaes elementos com que contribuiu a "língua geral" para a formação das palavras do portuguez-americano)*. Rio de Janeiro, Ariel Editora Limitada.
- CASTRO, O. G. DE. 1972. *O garimpo*. Rio de Janeiro, Pongetti.
- CAVALCANTI, J. P. DE A. 1888. *O Ceará em 1887. Corographia da Provincia do Ceará*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- CAXA, Q. 1965. *Breve relação da vida e morte do Padre José de Anchieta. Introdução de Brasil Bandecchi*. Editôra Obelisco, São Paulo [Cadernos de História no. 10].
- CERQUEIRA E SILVA, I. A. DE. 1848. *Memoria ou dissertação historica e ethnographica e politica sobre Quaes são as tribos aborigenes que habitavão a Provincia da Bahia, ao tempo em que o Brazil foi conquistado; que extensão de terreno occupavão; quaes emigrarão e para onde; e, em fim, quaes existem ainda e em que estado; qual a parte da mesma Provincia que era já a esse tempo despovoada de matas; quaes são os campos nativos, e qual o terreno coberto de florestas virgens; onde estas tem sido destruidas, e onde se conservão; quaes as madeiras preciosas de que abundavão, e que qualidades de animaes as povoavão*. Bahia [= Salvador], Typ. de J. A. Portella & Cia. vii + 144p.
- CERQUEIRA E SILVA, I. A. DE. 1849. Dissertação histórica, ethnographica e politica sobre Quaes eram as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia, ao tempo em que o Brazil foi conquistado; que extensão de terreno occupavam; quaes emigraram e para onde; e, em fim, quaes existem ainda e em que estado? Qual a parte da mesma provincia que era já a esse tempo desprovida de matas; quaes são os campos nativos, e qual o terreno coberto de florestas virgens; onde estas tem sido destruidas, e onde se conservam; quaes as madeiras preciosas de que abundavam, e que qualidades de animaes as povoavam. *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 12: 143-257.
- CHEIDA, C. C.; OLIVEIRA, E. N.; COSTA, R. F.; MENDES, F. R. & QUADROS, J. 2006. Ordem Carnívora, pp. 231-275, *in* Reis (N. R. dos), Peracchi, Pedro & Lima, (Coords.). *q.v.*
- CHEREM, J. J.; SIMÕES-LOPES, P. C.; ALTHOFF, S. & GRAIPEL, M. E. 2004. Lista dos mamíferos do Estado de Santa Catarina, sul do Brasil. *Mastozoología neotropical*, Mendoza, 11(2): 151-184.
- CHERMONT DE MIRANDA, V. 1944. Estudos sôbre o Nhêengatú. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 64: 1-127 ("1942").
- CLAUDE D'ABBEVILLE, 1614. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines ov est traicte des singularitez admirables & des Meurs merueilleuses des Indiens habitants de ce pais. Auec les missiues et adivs qui ont este envoyez de nouveau. Par le R. P. Claude d'Abbeville Predicateur Capucin*. Paris, Imprimerie de François Hvyby.
- CLAUDE D'ABBEVILLE, 1975. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. [Notas de Rodolfo Garcia]*. Editora da Universidade de São Paulo & Belo Horizonte, Livraria Itatiaia Editora.
- CLEROT, L. F. R. 2008. *30 anos na Paraíba. Memórias corográficas e outras memórias*. Senado Federal, Conselho Editorial, Brasília, D.F. [Edições do Senado Federal Vol. 87].
- COSTA, F. A. P. DA. 1909. Investigações sobre a mineralogia, flora e fauna de Pernambuco. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, 14(75): 500-628.
- COUTINHO, J. DA C. A. 1800 (3 de julho). Ofício do Bispo de Pernambuco, D. José [da Cunha Azeredo Coutinho], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Rodrigo de Sousa Coutinho, sobre o envio de animais transportados no bergantim Netuno para o museu de Sua Alteza Real. AHU_ACL_CU_015, Cx. 217, D. 14730.
- CUNHA, A. G. DA. (ORG.). 1966. *Coisas notáveis do Brasil*. [do Pe. Franciso Soares]. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura.
- CUNHA, A. G. DA. 1978. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo, Edições Melhoramento & Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura.
- CUNHA, H. P. DA. 1949. *Viagens e caçadas em Mato Grosso. Três semanas em companhia de Th. Roosevelt*. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte, Livraria Francisco Alves.
- D'OUTREMANN, P. (TRAD.). 1619. *La vie miraclevse dv P. Ioseph Anchieta, de la Compagnie de Iesvs: Escrite en portugais par le P. Pierre Roderiges, puis en latin augmentée de beaucoup par le P. Sebastien Beretaire, finalement traduite du Latin en François par vn religieux de la mesme Compagnie*. De l'Imprimerie Marc Wyon, Dovay.
- DENT, H. C. 1886. *A year in Brazil. With notes on the abolition of slavery, the finances of the Empire, religion, meteorology, natural history, etc.* London, Kegan Paul, Trench & Co.
- DIAS, A. G. 1854. Vocabulário da língua geral usada hoje no alto Amazonas. *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 17: 553-576.
- DIAS, A. G. 1858. *Diccionario da Lingua Tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brazil*. Lipsia [= Leipzig], F. A. Brockhaus,
- DIDEROT, D. & D'ALEMBERT, J. LE R. (ORGS.). 1780. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres. Mis en ordre & publié par M. Diderot; & quant à la partie mathématique, par M. d'Alembert. Édition exactement conforme à celle de Pellet, in-quarto. Tome XXIII [NOA-ORFR]*. Lausanne & Berne, Chez les Sociétés Typographiques.
- DIETRICH, W. & NOLL, V. 2010. O papel do tupi na formação do português brasileiro, pp. 81-103, *in* Noll & Dietrich, (Orgs.). 2010, *q.v. in* Noll & Dietrich, (Orgs.). 2010, *q.v.*
- DOOLEY, R. A. 1998. *Léxico guaraní, dialeto Mbyá: versão para fins acadêmicos. Com acréscimos do dialeto nhandéva e outros falares do sul do Brasil*. Sociedade Internacional de Linguística, Porto Velho. www.sil.org/americas/Brasil/PortTcPb.html.
- DRUMOND, C. 1952. *Vocabulário da língua brasílica. 1º Vol. (A-H), 2º Vol. (I-Z)*. (2ª ed., revista e conferida com os MS. Fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa). S/e., São Paulo [ver também Drummond, 1952-1953].

- DRUMOND, C. 1952-1953. Vocabulário na língua brasileira [Confrontado com o MS. Fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa]. *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo 135 (Etnologia e Tupi-Guarani no. 23)*: 1-154, 1952; 164 (*Etnologia e Tupi-Guarani no. 26*): 1-149, 1953.
- DURÃO, J., FREI J. DE SANTA RITA. 1781. *Caramurú. Poema epico do descobrimento da Bahia, composto por Fr. José de Santa Rita Durão, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural da Cata-Preta nas Minas Gerais*. Lisboa, Regia Officina Typografica.
- ECKART, A. 1785. Der Herrn P. Anselm Eckart, ehemaligen Glaubenspredigers der Gesellschaft Jesu in der Capitanía von Pará in Brasilien, Zusätze zu Pedro Cudena's Beschreibung der Länder von Brasilien, und zu Herrn Rectors Christian Leiste Anmerkungen im sechsten Lessingischen Beytrage zur Geschichte und Litteratur, aus den Schätzen der Herzoglichen Bibliothek zu Wolfenbüttel. Braunschweig, 1781, pp. 451-597, in Murr, C. G. von. (Org.). *Reisen einiger Missionarien der Gesellschaft Jesu in Amerika. Aus ihren eigenen Auffassen herausgegeben von Christoph Gottlieb von Murr*. Nürnberg, Johann Eberhard Zeh.
- ECKART, A., S. J., [Séc. XVIII]. *VOCABULARIO DA LINGUA BRAZIL*. LISBOA, CÓDICE 3143 da Biblioteca Nacional de Portugal.
- ELLIOTT, J. H. 1847. Resumo do itinerário [sic] de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itarerê, Paranapanêma e seus afluentes, pelo Paraná, Ivahy, e sertões adjacentes, empreendida por ordem do Exmo. Sr. barão de Antonina. *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 9: 17-42.
- FARIA, E. DE. 1850-1853. *Novo dicionario da lingua portugueza, o mais exacto e completo de todos os dictionarios até hoje publicados, contendo todas as vozes da lingua portugueza, antigas ou modernas, com as suas varias accepções, accentuadas conforme á melhor pronuncia, e com a indicação dos termos antiquados, latinos, barbaros ou viciosos, os nomes proprios da geographia antiga e moderna, todos os termos proprios das sciencias, artes e officios, etc., e sua definição analytica, seguido de um dictionario de synonymos*. 2. ed. Lisboa, Typographia Lisbonense de José Carlos d'Aguiar Vianna. Vol. I, 1850; Vol. 2, 1851; Vol. 3, 1852; Vol. 4, 1853.
- FERNANDES, A. 1963. *Arapixi (Cenas da vida amazônica)*. Rio de Janeiro, A. Colelho Branco Fo. – Editor.
- FERREIRA, A. B. DE H. 1999. *Aurélio Século XXI. O dicionário da língua portuguesa (4ª impressão)*. São Paulo, Editora Nova Fronteira.
- FERREIRA, A. R. [1790a] 1849. Viagem á Gruta das Onças. *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 12: 87-95.
- FERREIRA, A. R. 1790b. *Observações geraes, e particulares, sobre a classe dos mameas observados nos territórios dos trez rios, das Amazonas, Negro, e da Madeira: Com as descrições circunstanciadas, que, de quazi todos eles, derão os antigos, e modernos naturalistas, e principalmente, com a dos Tapuyas*. Rio de Janeiro, Códice 21.1.11 da Biblioteca Nacional. [Transcrito, com ortografia moderna, em Ferreira (A. R.), 1972: 67-204].
- FERREIRA, A. R. 1972. *Viagem filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá – Memórias – Zoologia – Botânica*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura.
- FERREIRA, J. DE S., PE. 1894. America abbreviada. Suas noticias e de seus naturaes, e em particular do Maranhão, títulos, contendas e instruções a sua conservação e aumento mui uteis. Pelo Padre João de Souza Ferreira, presbitero da ordem de São Pedro. Natural da villa de Basto. [1693]. *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 57(1): 5-145. [O MS original está na Biblioteca Pública de Évora; cf. Rivara, 1850: 26].
- FERREIRA, J. DE S., PE. 1918. Noticiário maranhense. Descrição do Estado do Maranhão, em que tempo se descobriu o estado, por quem, que governadores o têm governado, como está, suas riquezas e noticias que de presente temos com muitas mais que não se conhecem, e como se pode aumentar, e sua capacidade; donde vierão os moradores Indios deste Estado, e outras peregrinas circumstancias [1685]. *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 81: 289-352. [O MS original está na Biblioteca Pública de Évora].
- FISCHER, J. B. 1829. *Synopsis mammalium. Stuttgardiae*, J. G. Cotta.
- FREIRE, L. 1954. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora. 5 v.
- FREITAS, M. A. DE & SILVA, T. F. S. 2005. *Guia ilustrado. Mamíferos na Bahia. Espécies continentais*. Pelotas, União Sul-Americana de Estudos da Biodiversidade (USEB) [Coleção Manuais de Campo USEB – 7].
- FURTADO, N. F. 1969. *Vocábulos indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- GAFFAREL, P. 1878. *Histoire du Brésil français au seizième siècle*. Maisonneuve & C^{ie}, Libraires-Éditeurs, Paris.
- GÂNDAVO, P. DE M. 1576. *Historia da provincia sãcta Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil feita por Pero de Magalhães de Gandavo, dirigida ao muito Ills. Sñor Dom Leonis Pra governador que foy de Malaca e das mais partes do Sul da India*. Lisboa, Officina de Antonio Gonsalvez.
- GARCIA, R. 1923. Glossário das palavras e frases da língua tupi, contidas na “Histoire de la mission des pères capucins em l'isle de Maragnan et terres circonvoisines” do Padre Claude d'Abbeville. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, 94(128): 5-100.
- GOELDI, E. A. 1893. *Os mamíferos do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves & Cia. [Monographias Brasileiras I].
- GONÇALVES, E. D. 1995. *O vocabulário dos Tata n'Ganga Mukice da Irmandade de N. S. do Rosário do Bairro Jatobá, Belo Horizonte, Minas Gerais*. Belo Horizonte, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- GONÇALVES, L. 1904. *O Amazonas. Esboço historico, chorographico e estatistico até o anno de 1903*. New York, Hugo J. Hanf.
- GRENAND, F. & FERREIRA, E. H. 1989. *Pequeno dicionário da Língua Geral*. Manaus, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Núcleo de Recursos Tecnológicos. (Série Amazonas-Cultura regional no. 6).
- GROSSINGER, J. B. 1793. Barbara, & exotica nomina animalium, eorumque brevis expositivo, pp. 524-591, in seu *Universa historia physica Regni Hungariae secundum tria regna naturae digesta. Tomus I. Regni animalis. Pars I. Zoologia sive historia quadrupedum*. Sumptibus & Typis Simonis Petri Weber, Posonii & Comaromii [= Bratislava & Komárom].
- GUÉNIN, E. 1901. *Ango et ses pilotes d'après des documents inédits tires des archives de France, de Portugal et d'Espagne*. Paris, Imprimerie Nationale.
- GUERREIRO, F., S. J. 1609. *Relaçam annal das covsas que fezeram os Padres da Companhia de Iesvs nas partes da Índia Oriental, & em algũas outras da conquista deste reyno no ano de 606. & 607. & do processo da conversão, & christandade daquellas partes. Tiradas das cartas dos mesmos padres que de là vieraõ: Pelo padre Fernão Guerreiro da Companhia de Iesv natural de Almodouar de Portugal. Vai diuida em quatro liuros: O primeiro da Prouincia de Iapaõ, & China. O segundo da Prouincia do Sul. O terceiro da Prouincia do Norte. O quarto de Guiné, & Brasil*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.

- GUIMARÃES, J. DA S. 1844. Sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na Provincia de Mato Grosso. *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 6: 297-317.
- GUTSMUTHS, J. C. F. 1827. *Vollständiges Handbuch der neuesten Edrbeschreibung von Ad. Chr. Gaspari, G. Hassel, J. C. Fr. Cannabich, J. C. F. GustMuths und Fr. A. Ukert. Fünfte Abtheilung vierter Ban oder des ganzen Werkes nenebnter Band, welcher die östliche Hälfte von Südamerika, enthält; bearbeitet von J. C. F. GutsMuths. Vollständige und neueste Erdbeschreibung des Britischen, Niederländischen und Französischen Guyana's und des Kaiserthums Brasilien mit einer Einleitung zu Südamerika*. Weimar, Verlag des Geographisches Institut.
- HARTMANN, T. 2013. Aditamentos do senhor Pe. Anselm Eckart, ex-pregador da Companhia de Jesus na Capitania do Pará no Brasil, à "Descção das Terras do Brasil" de Pedro Cudena e às "Notas à Sexta Contribuição de Lessing para a História e a Literatura, dos Tesouros da Biblioteca Ducal de Wonfenbüttel, Braunschweig, 1781, gr. 8º" do Senhor Reitor Christian Leiste, pp. 54-128, in Papavero & Porro, (Orgs.). *q.v.*
- HAZART, C., S. J. 1667. *Kerkelycke historie van de ghebeele wereldt, nameelyck vande voorgaende ende teghenwoordighe eeuwwe, inde welke verbaelt worden de gheleghentheden der landen, manieren, ceremonien, ende religion der inwoonderen, maer namelijck de verbreydinghe des h.gheboofs, martelaren, ende andere cloecke roomsche catholijcke deaden, inde vier ghewesten der wereldts, met over de veertigh copere platen verciert. Beschreven door den eerw. P. Cornelius Hazart, priester der Societeyt IESV. Het eerste deel. Vervattende de rycken en landen van Japonien. China. Mogor. Bisnagar. Peru. Mexico, Brasilien. Florida. Canada. Paraquarien. Maragnan*. Michiel Cnobbaert, t'Antwerpen.
- HENDERSON, J. 1821. Appendix. Zoology, pp. 501-515, in seu *A history of the Brazil, comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants, &c. &c.* London, Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown.
- HERSHKOWITZ, P. 1987. A history of the Recent mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. *Fieldiana, Zool.*, (N. S.), 39: 11-98.
- HOULTUYN, F. 1761. *Natuurlyke historie of uitvoerige beschryving der dieren, planten em mineraalen, volgens het samenstel van den heer Linnaeus. Met naauwkeurige afbeeldingen. Eerste deels. Eerste stuk. Van den Mensch em eenige zoogende dieren*. Amsterdam.
- HUBER, J. 1902a. Materias para a flora amazonica. V. Plantas vasculares colligidas ou observadas na região dos Furos de Breves em 1900 e 1901. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Etnographia (Museu Goeldi)*, Belém, PA, 3(1-4): 440-446.
- HUBER, J. 1902b. Contribuição à geographia physica dos Furos de Breves e da parte occidental de Marajó (com dois mappas e cinco estampas). *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Etnographia (Museu Goeldi)*, Belém, PA, 3(1-4): 447-498.
- IHERING, H. VON. 1894. *Os mamíferos de S. Paulo. Catalogo organizado pelo Dr. H. von Ihering Director do Museu Paulita*. São Paulo, Typ. do "Diario Official".
- IHERING, R. VON. 1935. Dicionario dos animaes do Brasil. *Boletim de Agricultura*, São Paulo, 36: 199-318.
- IHERING, R. VON. 1940. *Dicionário dos animais do Brasil*. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo.
- IHERING, R. VON. 1968. *Dicionário dos animais do Brasil*. Brasília, D.F., Editora da Universidade de Brasília.
- INÁCIO FILHO, J. 1969. *Térmos e tradições populares do Acre*. Editora Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio de Janeiro.
- JEFFERSON, T. 1829. A comparative view of the quadrupeds of Europe and of America. In: seu *Notes on the State of Virginia*. Boston., Wells and Lilly. p. 48-50.
- JOOST, W. 1993. *Die wundersamen Reisen des Caspar Schmalkalden nach West- und Ostindien. Nach einer bisher unveröffentlichten Handschrift bearbeitet und herausgegeben von...* Acta Humaniora, Leipzig.
- LA CHESNAYE DES BOIS, F. A. A. 1754. *Système naturel du regne animal, par classes, familles ou ordres, genres et especes, avec une notice de tous les animaux; les noms grecs, latins, & vulgaires, que les naturalistes leur ont donné; les citations des auteurs qui en ont écrit; une table pour chaque classe, qui désigne la famille ou l'ordre, le genre & l'espece, de chaque animal. Ouvrage enrichi de figures en taille-douce. Tome Premier. Contenant les classes des quadrupedes, oiseaux, amphibies, suivant la méthode de M. Klein; avec une notice de celle de M. Linnaeus sur ces mêmes animaux; & l'ordre des poissons suivant la division d'Artedi*. Paris, Cl. J. B. Bauche.
- LAET, J. DE. 1633. *Novus Orbis seu Descriptionis Indiae Occidentalis Libri xviii. Authore Ioanne de Laet Antverp. Novis tabulis geographicis et variis Animantium, Plantarum Fructuumque Iconibus illustrati*. Elzevirios, Lugd. Batav.
- LAMBERG, M. 1899. *Brasilien. Land und Leute in ethischer, politischer und volkswirtschaftlicher Beziehung und Entwicklung. Erlebnisse, Studien und Erfahrungen während eines zwanzigjährigen Aufenthaltes*. Leipzig, Hermann Zieger.
- LANDI, A. G. CA. 1772. *Descrizione di varie piante, frutti, animali, passeri, pesci, bische, vasine, e altre simili cose che si ritrovano in questa Cappittania del Gran Pará, le qualli tutte Antonio Landi dedica a sua Eccl.^{ca} il Sig.^o Luiggi Pinto de Souza Cavaglier di Malta, e Governatore del Matto Grosso il quale con soma fatica e diligenza investigò moltissime cose appartenenti alla storia naturale, e delle qualli si potrà formare un grosso uolume in vantaggio della Republica Letteraria*. MS na Biblioteca Pública do Porto, Portugal. [cf. Papavero, Teixeira, Cavalcante & Higuchi, 2002].
- LARA E ORDONHES, D. DE T. 1812. Annotations. In: *Anchieta*, 1812, *q.v.* pp. 164-1678
- LE COINTE, P. 1945. *O Estado do Pará. A terra, a agua e o ar. A fauna e a flora. Mineraes. Edição ilustrada*, figs. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 303p (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 5ª, Brasileira, Grande Formato, Vol. 5).
- LEÃO, M. 1948. A Missão dos Carijós (1605-1607). *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, 9(10): 176-177, 124.
- LEITE, S., S. J. 1936. Antonio Rodrigues, soldado, viajante e jesuita portuguez na America do Sul, no Seculo XVI. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 49: 55-73.
- LEITE, S., S. J. 1940. *Novas cartas jesuiticas (de Nóbrega a Vieira)*. Companhia Editora Nacional, São Paulo [Série 5ª, Brasileira. Biblioteca Pedagógica Brasileira, Vol. 194].
- LEITE, S., S. J. 1949. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo VIII. Escritores, de A a M (Suplemento bibliográfico – I)*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro & Livraria Civilização Brasileira, Lisboa, Livraria Portuguesa.
- LEMAIRE, C. & VERSCHAFFELT, A. 1869. *L'Illustration Horticole, journal special des serres et des jardins, ou choix raisonné des plantes les plus intéressantes sous le rapport ornemental, comprenant leur histoire complète, leur description comparée, leur figure et leur culture. Septième volume*. Imprimerie et Lithographie de F. et E. Gyselynck, Gand.
- LENKO, K. 1961. Vocabulário folclórico. *Chácaras e Quintais*, São Paulo: 551-552.
- LENKO, K. 1961-1962. Terminologia popular zoológica. *A Gazeta*, São Paulo, 14 e 28.x.1961, 4, 11, 18 e 25.xi.1961, 9, 16 e 30.xii.1961, 6.i.1962.

- LÉRY, J. DE. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique. Contenant la navigation, & choses remarquables, veües sur mer par l'auteur. Le comportement de Villegagnon en ce pays-là. Les moeurs & façons de viure estranges des Sauvages Ameriquains: avec un colloque de leur langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout incônues pardeçà: dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Non encores mis en lumiere, pour les causes contenues en la preface. Le tout recueilli sur les lieux par Jean de Lery natif de la Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgongne.* La Rochelle, Antoyne Chuppin.
- LÉRY, J. DE. 1580. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique. Contenant la navigation, & choses remarquables, veües sur mer par l'auteur. Le comportement de Villegagnon en ce pays-là. Les moeurs & façons de viure estranges des Sauvages Ameriquains: avec un colloque de leur langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout incônues pardeçà: dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Reveue, corrigee, et bien augmentee en ceste seconde edition, tant de figures, qu'autres choses notables sur le suiet de l'auteur. Le tout recueilli sur les lieux par Jean de Lery natif de la Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgongne.* Antoine Chuppin, Geneve.
- LÉRY, J. DE. 1594. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique. Contenant la navigation, & choses remarquables, veües sur mer par l'auteur. Le comportement de Villegagnon en ce pays-là. Les moeurs & façons de viure estranges des Sauvages Ameriquains: avec un colloque de leur langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout incônues pardeçà: dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Reveue, corrigee, et bien augmentee en ceste troisieme edition, tant de figures, qu'autres choses notables sur le suiet de l'auteur. Le tout recueilli sur les lieux par Jean de Lery natif de la Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgongne.* Pour les heritiers d'Eustache Vignon, [Geneve].
- LESTRINGANT, F. (ORG.). 1994. *Jean de Léry. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil (1578).* 2. ed. 1580. Paris, Le Livre de Poche.
- LIAIS, E. 1872. *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil.* Paris, Garnier Frères, Libraires-Éditeurs.
- LUCCOCK, J. 1881. A grammar and vocabulary of the Tupi language. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 44(1): 1-31.
- LUCCOCK, J. 1820. A glossary of those Tupi words, which occur in the preceding pages, pp. 629-639, in seu *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818.* London, Samuel Leigh.
- MACHADO FILHO, A. DA M. 1943. *O negro e o garimpo em Minas Gerais.* Rio de Janeiro, Livraria José Olympio.
- MAFFEI, I. P. 1605. *Ioan. Petri Maffei, bergomatis, e Societate Iesu, Historiarum Indicarum Libri XVI. Selectarum, item, ex India epistolarum libri IV. Accessit liber recentiorum epistolarum, à Ioanne Hayo Delgattiensi Scoto ex eadem societate nunc primum exclusus, cum indice accurato. Dvobvs tomis distributi. Omnia ab auctore recognbita, & emendata. In singula copiosus Index.* Antverpiae, Officina Martini Nutij.
- MAFFEI, J. P. 1665. *L'histoire des Indes Orientales et Occidentales du R. P. Iean Pierre Maffée, de la Compagnie de Jesus, traduite du latin an françois par M. M. D. P. Avec deux tables. L'vne des chapitres, & l'autre des matieres, tant geographiques que historiques.* Paris, Robert de Ninville.
- MAGALHÃES, A. C. DE. 1898. Prólogo, In: Silva (H.), q.v.
- MAIA, A. 1956. *Gente dos seringais.* Rio de Janeiro.
- MARCGRAVE, G. 1648. *Historiae rerum naturalium Brasiliae, libri octo...* Ioannes de Laet, antuerpianus, in ordine digessit & annotationes addidit, multas & varias ab auctore ommissa supplevit & illustravit, in Piso, G., *Historia naturalis Brasiliae, Auspicio et beneficio Illustriss. I. Mauritii Com. Nassau illius Provinciae et Maris summi Praefecti adornata. In qua non tantum Plantae et Animalia, sed et Indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur.* Franciscum Hackium & Lud. Elzevirium, Lugdun. Batavorum & Amstelodami.
- MARCOS ANTONIO, PE. 1757. [Vocabulário das línguas brasileira e portuguesa; MS no. 223 do British Museum, Londres [Coleção de Jorge IV]. [Segundo La Figiarière (1853: 181-182): "Este curioso codice (em 8º pequeno) que comprehende 124 folhas, é um vocabulário das línguas brasileira e portuguesa até fol. 100; seguem-se algumas folhas na primeira lingua com o seguinte titulo em portuguez: *Doutrina e perguntas dos Mystérios principaes de nossa santa Fé na lingua Brazilia.* Todos os titulos são em portuguez; a fol. 108 vem um dialogo nas duas linguas; a fol. 115, outro dialogo sobre doutrina christá em lingua brazilia somente. A fol. 122 lê-se// o seguinte titulo: *Cadernoda doutrina pella lingua Monoa ou dos manaos;* principia por um dialogo na dita lingua e em portuguez; finalmente a fol. 129 lê-se: *Compendeo da Doutrina Christam que se manda ensinar com preceyto anno de 1740;* esta parte é só na língua dos Manaos./ A primeira parte diz-se ser comporta pelo R. P. Marcos Antonio. Na primeira folha branca, no principio acha-se o seguinte: *M^o Rd^o P. M^o Dom^o...* (com outro nome que não pudemos decifrar); e mais abaixo: *Dom^o An^o Gole Boreto;* e na immediata folha em branco: *Pertence à Fazenda de Gelboé - Anno de 1757*". Este MS é também citado por França (E. F), 1859: 225 (transcrição do trecho de La Figiarière e transcrição dos vocábulos de Marcos Antonio, com diferentes grafias) e Cabral (A. do V.), 1880: 78)].
- MARTINS, M. DE L. DE P. (ORG.). 1948. *José de Anchieta. Auto representado na festa de São Lourenço. Peça trilingue do Séc. XVI, transcrita, comentada e traduzida, na parte tupi, por M. de L. de Paula Martins.* São Paulo, Museu Paulista (Documentação Linguística 1).
- MARTINS, N. S. 2001. *O léxico de Guimarães Rosa.* Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MARTIUS, C. F. P. VON. 1860. Die Thiernamen in der Tupi-Sprache. *Sitzungsberichte der kaiserlichen bayerischen Akadenmie der Wissenschaft zu München*, 1860: 471-539.
- MARTIUS, C. F. P. VON. 1863. Dictionario, Wörterbuch, Tupi-Portuguez-Deutsch, pp. 31-97 & Nomina animalium in lingua tupi, adjecta synonyma e multis linguis praesertim Brasiliae. Thiernamen in der Tupisprachen, mit Synonymen aus anderen Sprachen und Dialekten, besonders Brasiliens, pp. 428-486, in seu *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. Glossaria linguarum brasiliensium. Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallão os indios no Imperio do Brasil. Wörtersammlung brasilianischen Sprachen.* Erlangen, Kunge & Sohn.
- MATTA, A. A. DA. 1938. Contribuição ao estudo do vocabulário amazense. *Revista do Instituto Geografico e Historico do Amazonas*, Manaus, 6(1-2): 21-332.
- MATTOS, R. J. DA C. 1874. Chorographia historica da provincia de Goyaz. *Revista do Instituto Historico, Geographico e Etnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 37: 213-398.
- MAURO, H. 1950. Vocabulário de termos tupis de "O Selvagem" de Couto de Magalhães. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 208: 197-242.
- MAW, H. L. 1829. *Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic, crossing the Andes in the northern provinces of Peru, and descending the river Marañon, or Amazon.* London, John Murray.

- MELLO, O. 2003. *Dicionário Tupi-Português/Português-Tupi. 2. ed., revista e ampliada por Anísio Mello, baseado nos textos da obra*. Manaus, Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura/ Editora da Universidade Federal do Amazonas & Universidade do Estado do Amazonas.
- MELO, T. J. DE. 1788 (3 de novembro). Ofício (1ª via) do governador da capitania de Pernambuco, D. Tomás José de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, remetendo ao Reino um tigre na charrua Príncipe da Beira. AHU_ACL_CU_015, Cx. 166, D. 11805.
- MELO, T. J. DE. 1791 (24 de dezembro). Ofício do governador da capitania de Pernambuco, D. Tomás José de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, informando ter embarcado ao Reino uma onça na corveta N. S. da Conceição. AHU_ACL_CU_015, Cx. 179, D. 12510.
- MELO, T. J. DE. 1792 (12 de março). Ofício do governador da capitania de Pernambuco, D. Tomás José de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, informando ter embarcado no navio N. S. da Conceição e Bom Jesus dos Navegantes uma onça. AHU_ACL_CU_015, Cx. 179, D. 12541.
- MENESES, J. C. DE. 1775 (31 de maio). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o número e qualidade dos pássaros que transporta o navio Nossa Senhora da Glória e Santa Clara para serem entregues na Secretaria de Estado de Marinha e Ultramar. AHU_ACL_CU_015, Cx. 119, D. 9121.
- MENESES, J. C. DE. 1780 (2 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, enviando os recibos de remessa de animais para a Corte, nos navios Nossa Senhora de Nazaé e Santa Ana Invencível, Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula, Nossa Senhora de Oliveira e Santa Ana. AHU_ACL_CU_015, Cx. 138, D. 10274.
- MENESES, J. C. DE. 1781 (20 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de animais à Corte nos navios Voador Santo Antônio, Nossa Senhora da Piedade e São Francisco de Paula. AHU_ACL_CU_015, Cx. 142, D. 10438.
- MENESES, J. C. DE. 1785a (24 de setembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo uma onça no navio N. S. do Rosário e Santo Antônio. AHU_ACL_CU_015, Cx. 155, D. 11174.
- MENESES, J. C. DE. 1785b (29 de novembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre ter recebido cópia de ordem régia relativa a remessa de animais vivos para o Reino. AHU_ACL_CU_015, Cx. 155, D. 11208.
- MENESES, J. C. DE. 1786a (28 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo pássaros ao Reino no navio Nossa Senhora da Oliveira e São José. AHU_ACL_CU_015, Cx. 156, D. 11314.
- MENESES, J. C. DE. 1786b (7 de dezembro). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], José César de Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, remetendo animais na charrua Príncipe da Beira. AHU_ACL_CU_015, Cx. 158, D. 11398.
- MENESES, J. DE N. T. DE. 1780 (14 de junho). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro] José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, sobre o transporte de uma onça nova, a bordo da corveta “Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio e Almas”, [de que é capitão Antônio Duarte Lisboa], com destino às Quintas Reais no Reino. AHU_ACL_CU_013, Cx. 86, D. 7001.
- MENESES, J. DE N. T. DE. 1782 (3 de janeiro). Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro] José de Nápoles Telo de Meneses, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, remetendo duas capivaras e uma onça pequena, naturais daquele Estado, para as Quintas Reais de Belém, a bordo do navio “Santo Antônio, Flor da Murta”, de que é capitão Bernardo Franco. AHU_ACL_CU_013, Cx. 88, D. 7168.
- MENESES, M. DA C. 1773 (8 de junho). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Manuel da Cunha Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre os pássaros, pedidos em carta de 16 de abril, e que estão sendo enviados à Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar. AHU_ACL_CU_015, Cx. 114, D. 8784.
- MONTANUS, A. 1671. *De nieuwe en onbekende weerd of beschryving van America en t'zuid-land, verwaetende d'oorsprong der americaenen en zuidlanders, gedenkwaerdige togen derwaerds, gelegendheid der vaste kusten, eilanden, steden, sterkten, dorpen, tempels, bergen, fonteinen, stroomen, huisen, de natuur van beesten, boomen, planten en vreemden gewachsschen, gods-dienst en zeden, wonderlikke voorvallen, vereeuwde en nieuwen orloogen: Verciert met af-beeldsels na 't leven in America gemaekt, en beschreeven door Arnoldus Montanus*. Amsterdam, Jacob Meurs.
- MONTE, O. 1926. Dicionário da fauna brasileira. Accrescimento ao trabalho do Dr. R. v. Ihering. *Almanack Agricola Brasileiro*, São Paulo, 15: 225-266, figs.
- MONTEIRO, J. [1610]. Relação da Província do Brasil, pp. 393-425, *in* Leite, 1949, *q.v.*
- MONTENEGRO, C. P. DE M. 1804 (21 de agosto). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior], enviando uma onça preta de presente ao príncipe regente [D. João]. AHU_ACL_CU_015, Cx. 250, D. 16757.
- MONTENEGRO, C. P. DE M. 1805 (26 de abril). Ofício do [governador da capitania de Pernambuco], Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], visconde de Anadia, [João Rodrigues de Sá e Melo Meneses e Souto Maior], remetendo uma onça pintada sob a responsabilidade do comandante do navio Santa Ana Vigilante. AHU_ACL_CU_015, Cx. 253, D. 16999.
- MORAES, R. 1931. *O meu dicionário de cousas da Amazonia*. Rio de Janeiro, Alba, Officinas Graphicas, 2 v.
- MORAES-SILVA, A. DE. 1789. *Dicionário da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo. L = Z*. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- MORISOT, J. C. (Ed.). 1975. *Jean de Léry. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Libraire Droz (Les Classiques de la Pensée Politique 9), Genève. [Reprodução fac-similar da edição de 1580 de Léry].
- MOURA, A. R. DE, CONDE DE AZAMBUJA. [1751] 1845. Relação da viagem, que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da cidade de S. Paulo para villa de Cuyabá em 1751 (Remettida de Lisboa pelo socio o Sr. F. A. de Varnhagen). *Revista trimestral de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 7: 469-497.

- MOUTINHO, J. F. 1869b. *Itinerario da viagem de Cuyabá a S. Paulo*. São Paulo, Typographia de Henrique Schroeder.
- NOGUEIRA, B. C. DE A. 1880. Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo traductor da “Conquista Espiritual” do Padre A. Ruiz de Montoya. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 7: 1-603 + ix pp.
- NOLL, V. 2010. A importância da *Poranduba maranhense* para a história do português brasileiro. *Iberoromania*, 67: 1-10.
- NOLL, V. & DIETRICH, W. (ORGS.). 2010. *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo, Editora Contexto.
- NONATO, R. 1980. *Calepino potiguar – Gíria rio-grandense*, Mossoró. (Coleção Mossoroense, v. 119)
- OLIVEIRA, A. S. L. DE. 2006. *Palavra africana em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.
- OLIVEIRA, M. L. 2008. *A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador. História e política no Império Português do século XVII*. São Paulo, Versal Editores, & Odebrecht.
- OLIVEIRA, T. G. DE & CASSARO, K. 1999. *Guia de identificação dos felinos brasileiros*. 2. ed. São Paulo, Sociedade de Zoológicos do Brasil.
- ORTÊNCIO, W. B. 1983. *Dicionário do Brasil Central. Subsídios à filologia*. São Paulo, Editora Ática.
- OSCULATI, G. 1854. *Explorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni*. 2. ed. Milano, Fratelli Centenari e Comp.
- OSCULATI, G. 2003. *Exploraciones de las regiones ecuatoriales a lo largo del Napo y del río de las Amazonas*. Centro de Estudios Teológicos de la Amazonia [Monumenta Amazónica Série D-7], Iquitos.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D. M. 2000j. Braz da Costa Rubim e sua lista de animais da Província do Espírito Santo (1861). *Contribuições avulsas para a História natural do Brasil* (História da História natural), Seropédica, 31: 1-2.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D. M. 2000l. Raymundo José da Cunha Mattos e a fauna da Província de Goyaz em 1874. *Contribuições avulsas para a História natural do Brasil* (História da História natural), Seropédica, 34: 1-3.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D. M. 2007. *A fauna de São Paulo nos séculos XVI a XVIII, nos relatos de viajantes, cronistas, missionários e relatos monçoeiros*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D. M. 2011. Os animais do Estado do Grão-Pará segundo um manuscrito do jesuíta Antônio Moreira (ca. 1750). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 42(2): 83-131.
- PAPAVERO, N.; CHIQUERI, A. & TEIXEIRA, D. M. 2015. A viagem de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio na Capitania de S. José do Rio Negro (1774-1775) (MS do Arquivo Ultramarino de Lisboa). *Arquivos do NEHiLP*, São Paulo, 11: 1-364.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.; CAVALCANTE, P. B. & HIGUCHI, H. 2002. *Landi: Fauna e flora da Amazônia brasileira. O códice “Descrizione di varie piante, frutti, animali, passeri, pesci, bische, rasine, e altre simili cose che si ritrovano in questa Cappitania del Gran Para”, de Antonio Giuseppe Landi (ca. 1772)*. Belém, PA Museu Paraense Emílio Goeldi 260p. (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira).
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.; FIGUEIREDO, J. L. DE & PUJOL-LUZ, J. R. 2009. Os capítulos sobre animais dos “Dialogos geograficos, chronologicos, politicos, e naturais” (1769) de Joseph Barboza de Saa e a primeira monografia sobre a fauna de Mato Grosso. *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 40(2): 75-154.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.; FIGUEIREDO, J. L. DE; SANTOS, C. F. M. DOS & CAMPOS, R. D. DA S. 2013. Fauna e flora do Brasil (especialmente do Mato Grosso) segundo Joseph Barbosa de Saa (1769). (Dialogos geograficos, coronologicos, polliticos, e naturais, escripos [sic] por Joseph Barbosa de Saa, nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus de Cuyaba – Manuscrito 235 da Biblioteca Pública do Porto). *Arquivos do NEHiLP*, São Paulo, 1: 1-203.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.; OVERAL, W. L. & PUJOL-LUZ, J. R. 2002. *O Novo Éden. A fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santoldefonso (1777). Com transcrição dos principais textos*. 2. ed., revista e ampliada. Belém, PA., Museu Paraense Emílio Goeldi. (Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira).
- PARANAGUÁ, N. 1905. *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do paiz. Impressões de viagem*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- PATERNINA, E. DE. 1618. *Vida del padre Joseph de Ancheta de la Compañia de Iesus, y Provincial del Brasil. Traduzida de latin en castellano por el Padre Estewan de Paternina de la misma Compañia, y natural de Logroño*. Salamanca, En la Empreenta de Antonia Ramirez Viuda.
- PELZELN, A. VON. 1883. *Brasilianische Säugethiere. Resultate von Johann Natterer's Reisen in den Jahren 1817 bis 1835 (Herausgegeben von der k. k. zoologisch-botanischen Gesellschaft. Beiheft zu Band XXXIII)*. Wien, A. Höldez, k. k. Hof- und Universitätsbuchhändler.
- PENNANT, T. 1793. *History of quadrupeds. The third edition*. London, B. & J. White. v. 1.
- PEREIRA E CÁCERES, L. DE A. DE M. 1775 (1 de março). Ofício do [governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso] Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, com que participa a remessa de um tigre nascido nos territórios castelhanos de Moxos para se juntar a outras feras que Sua Majestade conserva na Quinta do Meio. AHU_ACL_CU_010, Cx. 17, D. 1097.
- PISO, G. 1658. *De Indiae utriusque re naturali et medica libri quatuordecim, quorum contenta pagina sequens exhibet*. Amstelodami, Ludovicum et Danielem Elzevirios.
- PITTA, S. DA R. 1730. *Historia da America portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até de mil e setecentos e vinte e quatro, offercida a Magestade Augusta d'El Rey D. João V, nosso senhor composta por Sebastião da Rocha Pitta, fidalgo da casa de Sua Magestade, cavalleiro professo da Ordem de Christo, coronel do regimento da infantaria da ordenança da cidade da Bahia, e dos privilegiados della, e academico supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa Ocidental, Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real.
- PLUSIEURS PROFESSEURS DU JARDIN DU ROI, ET DES PRINCIPALES ÉCOLES DE PARIS, 1822. *Dictionnaire des sciences naturelles, dans lequel on traite méthodiquement des différens êtres de la nature, considérés soit en eux-mêmes, d'après l'état actuel de nos connoissances, soit relativement à l'utilité qu'en peuvent retirer la médecine, l'agriculture, le commerce et les arts. Suivi d'une biographie des plus célèbres naturalistes. Ouvrage destinée aux médecins, aux agriculteurs, aux commerçans, aux artistes, aux manufacturiers, et à tous ceux qui ont intérêt à connoître les productions de la nature, leurs caractères génériques et spécifique, leur lieu natal, leurs propriétés et leurs usages. Tome Vingt-quatrième [ISA-KYV]*. Paris, F. G. Levrault, Éditeur, Strasbourg & Le Normant.
- PLUSIEURS PROFESSEURS DU JARDIN DU ROI, ET DES PRINCIPALES ÉCOLES DE PARIS, 1829. *Dictionnaire des sciences naturelles, dans lequel on traite méthodiquement des différens êtres de la nature, considérés soit en eux-mêmes, d'après l'état actuel de nos connoissances, soit relativement à l'utilité qu'en peuvent retirer la médecine, l'agriculture, le commerce et les arts. Suivi d'une biographie des plus célèbres naturalistes. Ouvrage destinée aux médecins, aux agriculteurs, aux commerçans, aux artistes, aux manufacturiers, et à tous ceux qui ont intérêt à connoître les productions de la nature, leurs caractères génériques et spécifique, leur lieu natal, leurs propriétés et leurs usages. Tome Cinquante-quatrième [WAA-ZOOP]*. Paris, F. G. Levrault, Éditeur, Strasbourg & Le Normant.

- PRADO, E. B. 1968. *Matto Grosso. Un inferno junto al paraíso*. Buenos Aires, Ediciones Peuser.
- PRAZERES [MARANHÃO], FREI F. N. S. DOS. 1891. Poranduba Maranhense ou Relação histórica da Província do Maranhão, em que se dá notícia dos sucessos mais celebres que n'ella tem acontecido desde o seu descobrimento até o anno de 1820, como tambem das suas principaes produções naturaes, etc., com um mapa da mesma provincia e um dicionario abreviado da lingua geral do Brazil, composta pelo autor da Taboa Geografico-Estatística Luzitana. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 54: 4-281.
- PURCHAS, S. 1625-1626. *Hakluythus posthumus or Purchas his Pilgrimes. Contayning a history of the world in sea voyages and lande travels by Englishmen and others*. London, Printed by Will. Stansby, for Fetherstone. 5 v. [O "Tratado" de Cardim aparece às pp. 1289-1320].
- PURCHAS, S. 1905. Chap. VII. Captaine William Hawkins, his Relations of the Occurrents which happened in the time of his residence in India, in the Country of the Great Mogoll, and of his departure from thence; written to the Company, pp. 1-51, in seu *Hakluythus posthumus or Purchas his Pilgrimes. Contayning a history of the world in sea voyages and lande travels by Englishmen and others. Volume III*. Glasgow, James MacLehose and Sns, Publishers to the University.
- PURCHAS, S. 1905-1907. *Hakluythus posthumus or Purchas his Pilgrimes. Contayning a history of the world in sea voyages and lande travels by Englishmen and others*. Glasgow, James MacLehose and Sons. 20 v.
- QUADROS, F. R. E. 1892. Memoria sobre os trabalhos de observação e exploração efetuada pela Segunda Seção da Comissão Militar, encarregada da linha telegraphica de Uberaba a Cuyabá, de fevereiro a junho de 1889. *Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 55: 233-255.
- QUEIROZ, S. 1998. *Pé preto no barro branco. A língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais.
- RAY, J. 1693. *Synopsis methodica animalium quadrupedum et serpentini generis. Vulgarium notas characteristics, rariorum descriptiones integras exhibens: cum historiis & observationibus anatomicis perquam curiosis. Praemittuntur nonnulla de animalium in genere, sensu, generatione, divisione, &c. Auctore Joanne Rayo*. Londini, S. Smith & B. Walford, Societatis Regiae Typographorum.
- RAY, P. A. F., ABBÉ. 1804. *Zoologie universelle et portative, ou histoire naturelle des quadrupèdes, cétacés, oiseaux, poissons, insectes, mollusques, vers, tant indigènes qu'exotiques; jointe à une concordance des divers noms qui leur ont été donnés: le tout disposé selon l'ordre alphabétique, et rapporté à l'ordre méthodique par des tableaux raisonnés. Ouvrage également destiné aux naturalistes et aux gens du monde. Avec un nouveau supplément destiné aux plus récentes connaissances zoologiques d'après nos meilleurs professeurs d'histoire naturelle, rédigé par L. F. Jauffret*. Paris, Bossange, Masson et Besson, [1a. ed., 1788].
- REBELLO, D. J. A. 1829. *Corographia, ou abreviada historia geographica do Imperio do Brasil, coordinada, acrescentada, e dedicada à Casa Pia, e Collegio dos Orfãos de S. Joaquim desta cidade, para uso dos seus alunos, a fim de adquirirem conhecimentos geograficos preliminares d'America em geral, e seo descobrimento; e em particular individuação do Brasil; especialmente da Província, e Cidade de S. Salvador Bahía de Todos os Santos; por Domingos José Antonio Rebello, natural desta cidade da Bahía, nella neogociante matriculado, e Director da Companhia de Seguros-Commercio Marítimo*. Bahía [= Salvador], Typographia Imperial e Nacional.
- REID, M. 1867. *Afloat in the Forest: Or, a Voyage among the tree-tops*. Boston, Ticknor and Fields.
- REYS, M. M. DO C. [1785] 1997. *Manuscritos de Manoel Martinz do Couto Reys. Descrição geographica, pulitica [sic] e cronographica do Districto dos Campos Goatacaz*. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Rio de Janeiro.
- ROCHA, V. J.; MOTTA, M. C.; CHEIDA, C. C. & PERACCHI, A. L. 2005. Ordem Carnívora, pp. 91-126, in Reis, N. R. dos; Peracchi, A. L.; Fandiño-Mariño, H. & Rocha, V. J. (Org.). *Mamíferos da Fazenda Monte Alegre – Paraná*. Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- ROCQUE, C. 1967-1968. *Grande enciclopédia da Amazônia (1ª edição, 2ª reimpressão)*, 1968. Belém, PA, Amazônia Editôra Ltda, 1968. Vol. 1 (A-B), 1967; Vol. 2 (C-D), 1968; Vol. 3 (E-I), 1968; Vol. 4 (J-N), 1968; Vol. 5 (O-R), 1968; Vol. 6 (P-Z)
- RODRIGUES, A. D. 1958. Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra 9: 1-54.
- RODRIGUES, P., S. J. [1607: A missão dos Carijós. Relação do P. Jerônimo Rodrigues], In: Leite, S., 1940b, q.v. p. 196-246
- RODRIGUES, P., S. J. [1607] 1897. Vida do padre José de Anchieta. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 19: 1-49.
- RODRIGUES, P., S. J. [1609] 1909. Vida do padre Jose de Anchieta da Companhia de Jesv. Quinto Prouencial q' foy da mesma Companhia do Estado do Brasil. Escrita pelo padre Pero Roiz, natural da cidade de Evora e setimo Prouencial da mesma Prouincia. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 29: 181-286.
- RODRIGUES, P., S. J. 1955. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus, quinto Provincial que foi da mesma Companhia no Estado do Brasil, escrita pelo padre Pero Rodriguez, natural da cidade de Evora, e sétimo Provincial da mesma Província*. Salvador, Livraria Progresso Editora. [Coleção de Estudos Brasileiros].
- RODRIGUES, P., S. J. 1978. *Vida do Padre José de Anchieta da Companhia de Jesus, quinto Provincial que foi da mesma Companhia no Estado do Brasil, escrita pelo padre Pero Rodriguez, natural da cidade de Evora, e sétimo Provincial da mesma Província*. 2. ed. São Paulo, Edições Loyola.
- ROSA, J. V. DA. 1905. *Chorographia de Santa Catharina*. Florianopolis, Typographia da Livraria Moderna.
- RUBIM, B. DA C. 1853. *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza*. Rio de Janeiro, Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito, Impressor da Casa Imperial.
- RUBIM, B. DA C. 1882. Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uzo vulgar. *Revista trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 45: 363-390.
- SÁ E FARIA, J. C. DE. 1876. Diário da viagem que fez o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria da cidade de S. Paulo à praça de N. S. dos Prazeres do rio Igatey. 1774-1775. *Revista trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 39(1): 227-278.
- SÁA, J. B. DE. 1769. *Dialogos geograficos, coronologicos [sic], politticos e naturais, escripos [sic] por Joseph Barbosa de Saa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba*. MS 235 da Biblioteca Pública do Porto.
- SAMPAIO, F. X. R. DE. 1775. *Diario da viagem que em vizita, e correição da Capitania de Saõ Joze do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no anno de 1774 e 1775; exornado de algumas noticias geograficas, e hydrographicas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica e natural della, aos uzos, e costumes; e diversidade de nações de indios seus habitadores, e á sua população, agricultura, e commercio. Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do*

- Perú, nova Granada, e Guyana. E trata-se a questão da existencia das Amazonas americanas, e do famoso lago dourado, in* Caldas (J. P. de), 1775. Ofício do [governador e capitão general do Estado do Pará e Rio Negro], João Pereira Caldas, para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho de Melo e Castro, remetendo os diários das primeira viagem de visita a correição realizada às povoações da capitania de São José do Rio Negro nos anos de 1774 e 1775 pelo ouvidor geral da mesma capitania, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio; e anunciando a necessidade de se prover interinamente o juiz de fora Matias José Ribeiro, no cargo de ouvidor geral do Pará, em substituição ao actual ouvidor geral, Francisco José António Damásio, cujo tempo de serviço está a terminar. AHU_ACL_CU_013, Cx. 74, D. 6251. [cf. Papaverio, Chiquieri & Teixeira, 2015]
- SAMPAIO, F. X. R. DE. 1825. *Diario da viagem que em vizita, e correição da Capitania de Saõ Joze do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no anno de 1774 e 1775; exornado de algumas noticias geograficas, e hydrographicas da dita capitania, com outras concernentes á historia civil, politica e natural della, aos uzos, e costumes; e diversidade de nações de indios seus habitantes, e á sua população, agricultura, e commercio. Vindica-se occasionalmente o direito dos seus verdadeiros limites pela parte do Perú, nova Granada, e Guyana. E trata-se a questão da existencia das Amazonas americanas, e do famoso lago dourado.* Lisboa, Typographia da Academia.
- SAMPAIO, F. X. R. DE. 1850. Relação geographica historica do Rio Branco da America Portuguesa (ca. 1777 [sic, 1775]). *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 13: 200-273.
- SAMPAIO, F. X. R. DE. 1872. Relação geographica historica do Rio Branco da America Portuguesa (c. 1777 [sic, 1775]). *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 13: 200-273.
- SAMPAIO, M. A. 1986. *Vocabulário Guarani Português organizado por Mário Arnard Sampaio.* Porto Alegre, L&PM Editora.
- SAMPAIO, T. 1914. *O Tupi na geographia nacional. Memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S Paulo. Segunda edição, correctea e augmentada.* Empresa Typographica "O Pensamento", São Paulo.
- SANTOS, A. V. DOS. 1952. Capítulo 11º Zoologia de todos os animais quadrúpedes terrestres e aquáticos, Peixes e Aves que povoam os tres reinos da natureza, e tem nos contornos do município de Paranaguá, pp. 105-110, in seu *Memória historica, chronologica, topographica e descriptiva da Cidade de Paranaguá e seu Município* [MS de 1850]. Museu Paranaense, Curitiba.
- SÃO JOSÉ [QUEIROZ], DOM J. DE. 1847. Viagem e visita do sertão em o Bispado do Gram-Pará em 1762 e 1763. Escripção pelo Bispo D. Fr. João de S. José, monge benedictino. *Revista trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 9: 43-107, 179-227, 328-375, 476-527.
- SAWAYA, P. 1942. Dos quadrúpedes e serpentes. Comentários, In: Marcgrave, 1942 q.v. p. LXXVIII-LXXXVIII
- SCHOTT, G. 1667. *P. Gasparis Schotti Regis Curiani e Societate Jesu, olim in Panormitano Siciliae, nunc in Herbipolitano Franconiae gymnasio ejusdem Societatis Jesu Matheseos Professoris, Physica curiosa, sive mirabilia naturae et artis libris XII. comprehensa, quibus pleraque, quae de angelis, daemonibus, hominibus, spectris, energumenis, monstris, portentis, animalibus, meteoris, &c. rara, arcana, curiosaq̄ circumferuntur, ad veritatis trutinam expenduntur, variis ex historia ac philosophia petitis disquisitionibus excuriuntur, & innumeris exemplis illustrantur. Ad serenissimum ac potentissimum principem Carolum Ludovicum, S. R. I. Electore, &c. Cum figuris aeri incis, & privilegio. Editio altera auctior.* Herbipoli [= Würzburg], Joannis Andreae Endteri & Folgngangi Jun. Haeredum,
- SCHREBER, J. C. D. 1778. *Die Säugthiere in Abbildungen nach der Natur mit Beschreibung. Dritter Theil. Der Robbe. Der Hund. Die Katze. Das Stinkthier. Der Otter. Der Marder. Der Bär. Das Beutelhier. Der Maulwurf. Die Spitzmaus. Der Igel.* Erlangen, Wolfgang Walther.
- SEBA, A. 1735. *Locupletissimi rerum naturalium thesauri accurate descriptio, et iconibus artificiosissimi expressis, per universam physicas historiam. Opus, cui, in hoc rerum genere, nulum par existit. Ex toto terrarum orbe collegit, digessit, descripsit, et depingendum curavit Albertus Seba, Etzela Oostrisius, Academiae Caesareae Leopoldino Carolinae Naturae Curiosorum collega Xenocrates dictus; Societatis Regiae Anglicanae, et Instituti Bononiensis, sodalis. Tomus II.* J. Wetstenium, & Gul. Smith, & Janssonio Waesburgios, Amstelaedami.
- SEIXAS, M. J. DE. 1883. *Vocabulario da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará. Offerecido, e dedicado ao Exm.º e Rm.º Sr. D. José Affonso de Moraes Torres, D.D. Bispo da Diocese Paraense, do Conselho de S. M. L., Commendador da Ordem de Christo, e Deputado á Assembla Geral Legislativa pela Provincia do Amazonas. Presidente honorario do Instituto d'África em Paris, membro correspondente do Instituto Historico e Geografico do Brasil. Pelo Padre M. J. S. Pará [= Belém], Typ. de Mattos e Comp.ª – impresso por Joaquim Francisco de Mendonça.*
- SEYMOUR, K. L. 1989. *Panthera onca. Mammalian Species*, 340: 1-9.
- SILVA, H. [ca. 1913]. *Caças e caçadas no Brasil.* Rio de Janeiro, H. Garnier.
- SILVA, H. 1921. Caçadores de onça de Goyaz. *Almanack Agricola Brasileiro*, São Paulo, 1921: 93-95.
- SILVA, M. 1930. Onça preta ou tigre. *Chácaras e Quintais*, São Paulo, 42(4): 419-420.
- SMITH, H. H. 1879. *Brazil: The Amazons and the Coast.* New York, Charles Scribner's Sons.
- SMITH, H. H. 1884. The Naturalist Brazilian Expedition. Paper III. – São João do Monte Negro. *American Naturalist*, 18(6): 578-586.
- SOARES, A. J. DE M. 1943. *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro pelo Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- SOARES, F., PE. 1590. *De algũas cousas mais notaveis do Brasil, e de algũs costumes dos indios.* MS no. 154, Tomo 119, fols. 1020r-1026r, *Coleção Jesuítas*, Biblioteca de la Real Academia de Historia, Madrid. [cf. Cunha, 1966].
- SOARES, F., PE. 1591. *De algũas cousas mais notaveis do Brasil.* MS. No. 54, Biblioteca da Universidade de Coimbra. [cf. Cunha, 1966].
- [SOARES, F., PE.] 1966. *Cosias notáveis do Brasil.* Instituto Nacional do Livro (Dicionário da Língua Portuguesa, Textos e Vocabulários 6), Rio de Janeiro.
- SOUZA, G. S. DE. 1825. Notícia do Brazil, descripção verdadeira da costa daquelle Estado, que pertence á Coroa do Reino de Portugal, sitio da Bahia de Todos os Santos. [Academia Real das Sciencias] *Coleção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes, ou lhes são visinhas*; Lisboa, 3(1): 1-342. [MS de 1589].
- SOUZA, G. S. DE. 1851a. Tratado descriptivo do Brazil em 1587. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 14: xi; 1-423.
- SOUZA, G. S. DE. 1851b. *Tratado descriptivo do Brazil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brazil, em Portugal, Hespanha e Frabça, e acrescentada de alguns comentarios á obra por Francisco Adolpho de Varnhagen.* Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert.
- SOUZA, J. DE P. J. 1878. *Campos novos.* Santos, Typographia do Diário de Santos.

- SOUZA, P. L. DE. 1839. *Diario da navegação da armada que foi à Terra do Brasil – em 1530 – sob a Capitania-Mor de Martim Affonso de Souza, escripto por se irmão Pero Lopes de Souza. Publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen*. Lisboa, Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.
- SOUZA, P. L. DE. 1861. *Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532). Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 24: 9-96.
- SOUZA, P. L. DE. 1927. *Diario da navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532). Commentado por Eugenio de Castro. Prefacio de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger. [Série “Eduardo Prado”].
- SPIX, J. B. VON & MARTIUS, C. F. P. VON. 1831. *Reise in Brasilien aus Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I. Königs von Baiern in dem Jahre 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben von... Dritter und letzter Theil bearbeitet und herausgegeben von Dr. C. F. P. Martius. Mit einer Karte vom Amazonentrome*. München, Bei dem Verfasser in Comm. bei Friedr. Fleischer.
- STADEN, H. 1557. *Wahrafftige Historia vnd Beschreibung eyner Landschafft der Wilden, Nacketen, Grimmigen Menschfresser Leuthen, in der Newenwelt Amrica gelegen, vor vnd nach Christi geburt im Land zü Hessen vnbekant, biss uff dise ij. nechst vergangene jar. Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfahrung erkant, vnd yetzo durch den truck na tag gibt. Dedicirt dem Durchleuchtigen Hochgebornen herrn, H. Philipsen Landgraff zü Hessen, Graff zü Catzenelnbogen, Dietz, Ziegenhain vnd Nidda, zeinen G. H. Mit eyner vorrede Dr. Joh. Dryandi, genant Eychman, Ordinarij Professoris Medici zü Marpurck. Inhalt des Büchclins volget nach den Vorreden. Gedruckt in Marpurck, im jar. M.D.LVII. Marpurck, Andress Kolben*.
- STRADELLI, E. 1926. Vocabulário da lingua geral portuguez-nheêngatu e nheêngatu-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheêngauimbê-séua mirí e seguidos de contos em língua geral nheêngatu poranduva. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 104(158): 5-768.
- TASTEVIN, C. 1923. Nomes de plantas e animaes em língua tupy. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 13: 687-763.
- TAUNAY, A. D’E. 1914. *Lexico de lacunas. Subsídios para os dictionarios da lingua portueeza*. Imprimerie E. Arreault et Cie., Tours.
- TAVARES, J. S. 1914. As onças do Brazil. *Chácaras e Quintais*, São Paulo, 9(1): 29-31.
- TEIXEIRA, D. M. 1995a. *Libri Principis*. Rio de Janeiro, Editora Index. v. 1.
- TEIXEIRA, D. M. 1995b. *Libri Principis*. Rio de Janeiro, Editora Index. v. 2.
- TEIXEIRA, D. M. & PAPAVERO, N. 2003. A iconografia da “Viagem Philosophica” de Alexandre Rodrigues Ferreira no Museu Bocage de Lisboa, transcrição e comentários. In: Anôn. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira. A Expedição Philosophica pelas Capitánias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. Documentos do Museu Bocage de Lisboa*. [Introdução por Carlos Almaça. Notícia sobre Alexandre Rodrigues Ferreira e sua obra por José Pereira da Silva. Petrópolis, Kapa Editorial. p. 33-319, pls.
- TEIXEIRA, D. M. & PAPAVERO, N. 2010. O tráfico de primatas no Brasil Colônia, pp. 253-282, in Pessôa, L. M.; W. C. Tavares & S. Salvatore, (Orgs.). *Mamíferos de restingas e manguezais do Brasil*. Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- TEIXEIRA, D. M. & PAPAVERO, N. 2014a. Visões da fauna e flora da Amazônia em dois raros folhetos portugueses do século XVIII incentivando a emigração. *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 45(2): 34-44.
- TEIXEIRA, D. M. & PAPAVERO, N. 2014b. Os animais do Brasil nas obras de Pierre Belon (1517-1564). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 45(3): 45-94.
- TEIXEIRA, D. M.; LORINI, M. L.; PAPAVERO, N. & PUJOL-LUZ, J. R. 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. V. Capítulo sexto: “Notícia de varios animaes quadrupedes q’ há no Brazil, com a distincção e circumst^{as} de cada hum deles, q’ se tem conhecimento”. *Historia naturalis*, 2(5): 111-134.
- TEMMINCK, C. J. 1827. *Monographies de mammalogie, ou description de quelques genres de mammifères, dont les espèces ont été observées dans les différens musées de l’Europe. Ouvrage accompagné de planches d’ostéologie, pouvant servir de suite et de complément aux notices sur les animaux vivans, publiés par M. le baron G. Cuvier, dans ses Recherches sur les ossements fossiles*. Paris, G. Dufour et E. d’Ocagne, Libraires. v. 1.
- TESCHAUER, C., S. J. 1912. *Apostilas ao “Dicionario de vocabulos brasileiros”*. Petrópolis, Typographia das “Vozes de Petropolis”.
- THEVET, A. 1575. *La Cosmographie Vniuerselle d’André Thevet Cosmographe du Roy. Illustree de diuerses figures des choses plus remarquables veuës par l’Auteur, & incogneuës de noz Anciens & Modernes*. Paris, Guillaume Chaudiere. v. 2.
- TIBIRIÇÁ, L. C. 1984. *Dicionário Tupi-Português. Com esboço de gramática de Tupi antigo*. 2. ed. São Paulo, Traço Editora.
- TIBIRIÇÁ, L. C. 1989. *Dicionário Guarani-Português*. São Paulo, Traço Editora.
- TIERNO, J. C. 1954. *Dicionário zoológico. Contendo, por ordem directa e inversa, todos os termos registrados nos dicionários mais correntes da língua portuguesa*. Edição da Tertúlia Edípica, Lisboa.
- VALLE, L. DO, PE. 1585. *Vocabulario na lingua brasilica*. MS. Fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa. [cf. Drumond, 1952, 1952-1953].
- VANDELLI, D. 1789a. Sobre algumas produções naturaes das Conquistas, as quaes ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitão. *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas Conquistas*, 1: 187-206.
- VANDELLI, D. 1789b. Memoria sobre as produções naturaes do Reino, e das Conquistas, primeiras materias de diferentes fabricas, ou manufacturas. *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria em Portugal, e suas Conquistas*, 1: 223-236.
- [VARNHAGEN, F. A. DE]. 1854. *Historia geral do Brazil isto é do descobrimento, colonização, legislação de desenvolvimento deste Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos documentos autenticos recolhidos nos arquivos do Brasil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, por um socio do Instituto Historico do Brazil, natural de Sorocaba*. Rio de Janeiro, E. e H. Laemmert. v. 1.
- VASCONCELLOS, D. P. DE. 1902. Memórias sobre a Capitania de Minas Geraes [MS de 1806. Extraído da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 1: 289-335, 1848]. *Revista do Arquivo Publico Mineiro*, Belo Horizonte, 6(3/4): 757-978.
- VASCONCELLOS, S. DE, S. J. 1658. *Vida do P. Joam d’Almeida da Companhia de Iesu, na Provincia do Brazil, composta pello Padre Simam de Vasconcellos da mesma Companhia, Prouincial na dita Prouincia do Brazil. Dedicada ao senhor Salvador Correa de Sâ & Benauides dos Conselhos de Guerra, & Ultramarino de Sua Magestade*. Lisboa, Officina Craesbeeckiana.
- VASCONCELLOS, S. DE, S. J. 1668. *Noticias curiosas, e necessarias das covsas do Brasil. Pello P. Simam de Vasconcellos da Companhia de Iesus, Natural da Cidade do Porto, Lente que foi da Sagrada Theologia, & Prouincial naquelle Estado*. Lisboa, Officina de Ioam da Costa.

- VASCONCELLOS, S. DE, S. J. 1672a. *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesu, taviturgo do Nouo Mundo, na Prouincia do Brasil. Composta pello P. Simam de Vasconcellos, da mesma Companhia, lente de prima na sagrada teologia, & prouincial que foi na mesma prouincia, natural da cidade do Porto*. Lisboa, Officina de Ioam da Costa.
- VASCONCELLOS, S. DE, S. J. 1672b. *Recopilaçam da vida do P. Ioseph de Anchieta*, In: Vasconcellos, 1672a, q.v. [95 páginas numeradas independentemente, após a p. 593 da "Vida"].
- VEIGA, J. P. X. DA. 1896. Chorographia mineira. *Revista do Archivo Publico Mineiro*, Ouro Preto, 1(1): 129-153.
- VICENTE DO SALVADOR, FREI. 1627. *Historia do Brasil*. Códice no. 49 da coleção "Livros do Brasil" do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa [apud Cunha, 1978, q.v.; leitura diplomática em Oliveira (M. L.), 2008].
- VICENTE DO SALVADOR, FREI. 1889. *Historia do Brasil. Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 13: 1-261.
- VICENTE DO SALVADOR, FREI. 1918. *Historia do Brasil. Nova edição revista por Capistrano de Abreu*. São Paulo, Weiszflog Irmãos.
- VIEIRA, D., FREI. 1873. *Grande dictionario portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza, pelo Dr. Frei Domingos Vieira. Dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho. Publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado*. [E-L]. Porto, Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes. 3 v.
- VOGT, C. & FRY, P. 1996. *Cafundó: A África no Brasil. Linguagem e sociedade*. São Paulo & Campinas, Companhia das Letras & Editora da Unicamp.
- WALLACE, A. R. 1853. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and obervations on the climate, geology, and natural history of the Amazon Valley. With a map and illustrations*. London, Reeve and Co.
- WALLACE, A. R. 1972. *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro. The tenth edition of 1889. With a new introduction by H. Lewis McKinney*. New York, Dover Publications.
- WAPPAEUS, J. E. 1884. *A geographia physica do Brasil refundida (edição condensada)*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger & Filhos. 470p.
- WARREN, J. E. 1851. *Para; or, scenes and adventures on the Banks of the Amazon*. New York, G. P. Putnam.
- WIED-NEUWIED, M., PRINZ ZU. 1820. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, I: xxxiv + [ii] + 380 + [v] pp., pls. Heinrich Ludwig Brönnner, Frankfurt a. M. Wied-Neuwied, M., Prinz zu, 1821. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, II: xviii + 345 pp., pls. Frankfurt a. M., Heinrich Ludwig Brönnner.
- WIED-NEUWIED, M., PRINZ ZU. 1821. *Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817*, II. Frankfurt a. M., Heinrich Ludwig Brönnner.

Aceito em: 23/03/2017

Publicado em: 14/06/2017

Editor Responsável: Maria Isabel Pinto Ferreira Landim